



## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b>	<b>03</b>
<b>COOPERAÇÃO BRASIL - CANADÁ</b>	<b>04</b>
Concepção e implementação do Mulheres Mil.....	05
<b>ALAGOAS</b>	<b>31</b>
<b>AMAZONAS</b>	<b>38</b>
<b>BAHIA</b>	<b>50</b>
<b>CEARÁ</b>	<b>60</b>
<b>MARANHÃO</b>	<b>70</b>
<b>PARAÍBA</b>	<b>80</b>
<b>PERNAMBUCO</b>	<b>90</b>
<b>PIAUI</b>	<b>98</b>
<b>RIO GRANDE DO NORTE</b>	<b>108</b>
<b>RONDÔNIA</b>	<b>115</b>
<b>RORAIMA</b>	<b>122</b>
<b>SERGIPE</b>	<b>135</b>
<b>TOCANTINS</b>	<b>145</b>
<b>DOCENTES E FACILITADORES DOS COLLEGES CANADENSES</b>	<b>155</b>
<b>EXPEDIENTE</b>	<b>166</b>

## APRESENTAÇÃO

Esta publicação traz o olhar dos atores que atuaram no Mulheres Mil. São professores, servidores, voluntários, reitores, alunos e parceiros brasileiros e canadenses que participaram do processo de implantação do Mulheres Mil nos 13 Institutos Federais (IFs) do Norte e Nordeste. As soluções e os caminhos trilhados pelos diversos atores são descritos ao longo dos depoimentos que se seguem. Cada um conta a sua contribuição individual, que foi fundamental para transformar uma ação pública que começou em 2005 e hoje, em 2011, está em processo de se transformar em uma política pública que irá beneficiar mulheres do Brasil e pode ser compartilhada com outros países. Os desafios foram grandes, assim como a ousadia dessas pessoas para encontrar caminhos que garantissem o acesso à educação profissional para as mulheres beneficiadas pela ação.

Os caminhos nem sempre foram fáceis. Os Institutos Federais tiveram que sair dos seus muros e ir às comunidades sensibilizar as mulheres, realizar processos de seleção e ofertar cursos que atendessem às especificidades do público. No trajeto foi necessário articular todos os setores das escolas da rede federal para garantir o acolhimento, o acesso, a regularização da matrícula, a formatação da matriz curricular, a celebração de parcerias, a permanência em sala de aula e a articulação com o mundo do trabalho. Para isso, cada IF desenvolveu ferramentas apropriadas à realidade socioeconômica das alunas. Com isso, encontrou soluções possíveis e criativas que hoje serão disseminadas em toda a Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica.

Repassada pelos parceiros canadenses, a metodologia de Reconhecimento da Aprendizagem Prévia (RAP) foi uma questão-chave para o desenvolvimento do Mulheres Mil. Ao reconhecer os saberes que essas cidadãs acumularam no decorrer das suas trajetórias de vida, os IFs criaram possibilidades reais para que essas mulheres pudessem ter seus talentos reconhecidos e aprimorados, abrindo assim perspectivas de acesso ao mundo do trabalho. Outra questão fundamental foi a recuperação da autoestima e o novo sentido que cada uma encontrou no processo educativo. Para muitas, isso representou a abertura de uma porta, a da escola, que lhes foi negada na infância.

## HISTÓRICO

O Mulheres Mil foi implantado pela Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica do Ministério da Educação (Setec/MEC) e contou com a parceria da Assessoria Internacional do Gabinete do Ministro (AI/GM), da Agência Brasileira de Cooperação (ABC/MRE), da Rede Norte Nordeste de Educação Tecnológica (Redenet), do Conselho Nacional das Instituições da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (Conif), da Agência Canadense para o Desenvolvimento Internacional (CIDA/ACDI) e da Associação dos Colleges Comunitários do Canadá (ACCC) e *Colleges* parceiros. A execução foi realizada pelos Institutos Federais de Alagoas, Amazonas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Roraima, Rondônia, Sergipe e Tocantins.



## COOPERAÇÃO BRASIL- CANADÁ

## CONCEPÇÃO E IMPLEMENTAÇÃO DO MULHERES MIL

### ELIEZER PACHECO

*Titular da Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica do Ministério da Educação.*



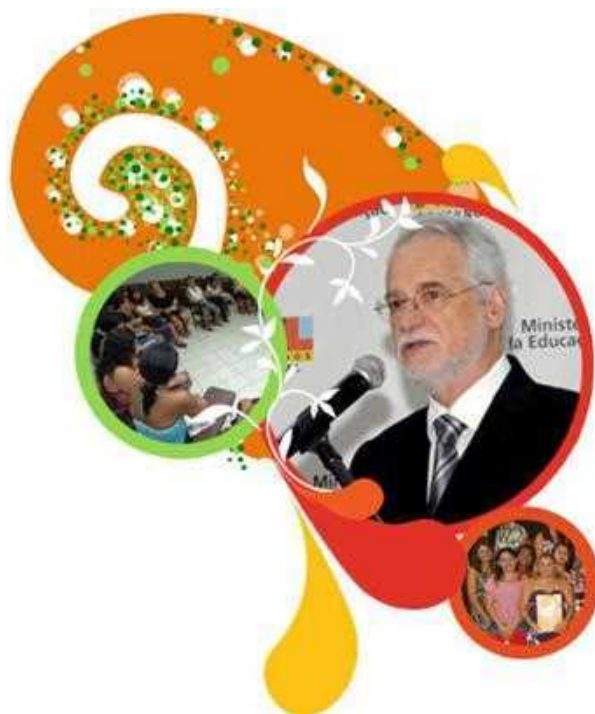
A Educação Profissional e Tecnológica tem pelo menos duas dimensões importantes, que são a dimensão da inclusão e também a da emancipação, na medida em que não apenas inclui a pessoa numa sociedade desigual, o que é insuficiente, mas lhe dá as ferramentas necessárias para que ela construa o seu itinerário de vida e possa se emancipar e se constituir como cidadã.

O Projeto Mulheres Mil tem uma dimensão extremamente importante para nós, porque simboliza e registra, de certa forma, os nossos compromissos políticos e sociais como dirigentes e coordenadores da educação profissional no nosso país. Além de trabalhar com mulheres, que na nossa sociedade sofrem diversos tipos de exclusão social, trabalha com aquelas que são mais marginalizadas no processo, as mulheres mais pobres, dedicadas às atividades menos valorizadas e que, portanto, enfrentam barreiras muito mais difíceis de serem transpostas no sentido da sua emancipação como trabalhadoras, como representantes do gênero feminino.

Por isso esse projeto tem um simbolismo enorme dentro da Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Foi um aprendizado extraordinário, não só no sentido de estabelecermos os desdobramentos desse projeto, mas no sentido de nos abrir caminhos e ensinamentos para que as lições desse projeto possam ser disseminadas para o conjunto das atividades da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica, porque são lições que dizem respeito a conceitos e princípios que devem nortear a educação profissional e tecnológica sob a ótica do governo brasileiro.

Embora seja um avanço tirá-las da marginalidade social absurda, nós não podemos nos contentar com a inclusão, nós temos que trabalhar pela emancipação dessas pessoas.

Emancipação como consciência crítica dessa sociedade desigual, no sentido de torná-las sujeito do processo social e de emancipação, para lhes dar uma autonomia profissional que lhes permita assumir as responsabilidades como mães de família, chefes de família, já que no nosso país há um número muito expressivo de mulheres que são chefes de família, embora a sociedade reconheça essa responsabilidade e não a valorize como tal. Este projeto tem esses conceitos básicos que o tornam singular.



A cooperação com o Canadá foi extremamente importante, na medida em que nos chamou para esse projeto e nos transmitiu também um conhecimento, uma *expertise* que nem sempre nós tínhamos. Foi uma troca de conhecimentos, porque nós também tínhamos *expertises* que o Canadá não tem, por trabalharmos em um país com as características do Brasil. Essa troca, acho que foi muito importante para nós. Foi decisiva para o sucesso do projeto, assim como entendo que foi importante também para o Canadá, para que eles possam aproveitar os conhecimentos adquiridos para os seus projetos.

O Mulheres Mil começou como um projeto voltado para as mulheres do Norte e Nordeste, porque nessas regiões se localizam os maiores índices de exclusão social em nosso país, e também porque naquele momento não tinha como estendê-lo a todo o território nacional. Portanto, a partir do conhecimento adquirido nessa primeira experiência, nosso desejo, nossa intenção e nossa firme determinação é que o Projeto Mulheres Mil seja estendido para todo o território nacional, todos os núcleos e Cefets da Rede Federal, para que se transforme não somente em um programa, mas em uma política da Setec, da Educação Profissional e Tecnológica brasileira. Trabalhar com as mulheres em situação de risco social é uma das prioridades que nos orientam aqui na Secretaria, portanto, a meta é que o Projeto Mulheres Mil deixe de ser um projeto para ser uma política de inclusão e emancipação das mulheres, capitaneada aqui pela Setec.”

### PAUL BRENNAN

*Vice-presidente da Associação dos Colleges Comunitários do Canadá (ACCC)*



“Abrir as portas dos Institutos Federais Tecnológicos brasileiros ou dos *Colleges* canadenses para as pessoas que são marginalizadas e já perderam a esperança é um dos desafios mais significativos que podemos ter em nossas vidas como educadores.

Temos que ser corajosos para não somente abrir essas portas, mas para mudar a cultura dentro delas, de forma que as pessoas se sintam bem-vindas, obtenham sucesso na aprendizagem e encontrem um trabalho digno e uma cidadania mais plena.

Nossos colegas brasileiros no Projeto Mulheres Mil demonstraram coragem e dedicação a ponto de impressionar nossos próprios docentes e gestores, os quais retornaram ao Canadá revigorados e com novas ideias.

Nunca esquecerei o encontro com as mulheres que passaram a desenhar belas roupas, que poderiam ser vendidas no Canadá, fazendo bolsas estilizadas do couro tratado da tilápia ou aprendendo a usar um computador pela primeira vez para ter acesso ao ensino e às informações sobre os seus direitos.

Ficamos tocados e transformados pelo nosso trabalho com os nossos dedicados e animados colegas brasileiros. Estamos



ansiosos por muitos mais anos de crescimento dos intercâmbios institucionais de mão dupla que nos prepararão bem melhor para enfrentar os nossos desafios globais comuns de proporcionar o acesso à educação para todos.

### **PATRÍCIA BARCELOS**

*Diretora de Articulação e Projetos Especiais da Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica*



O Mulheres Mil foi um dos primeiros projetos que eu conheci quando comecei a trabalhar na Setec como chefe de gabinete. Foi interessante, porque aconteceu no momento em que o Brasil e o Canadá estavam terminando o projeto piloto em Natal e tínhamos que construir o que seria a continuidade do projeto. Começamos a negociar com a CIDA, que inicialmente pretendia realizá-lo somente na Região Nordeste, mas comprovamos com dados estatísticos que o Norte também era uma região desfavorecida do nosso país e que merecia atenção. Então, eles concordaram e conseguimos montar o Mulheres Mil com os primeiros 13 subprojetos. E assim ele começou.

O Mulheres Mil é um projeto em que os participantes canadenses ou brasileiros que forem entrevistados hoje poderão dizer o quanto aprenderam. E acredito que isso é fundamental para uma boa política pública, pois quando você inicia um projeto está em um gabinete e fica desenhando como vai acontecer, como vai ser coordenado, como serão aplicados os investimentos; está no momento das ideias; mas somente quando coloca isso tudo em prática, com o envolvimento das pessoas, é que tem a dimensão das possibilidades da ação. E a vida é mais forte que tudo isso, e as mulheres são mais fortes que tudo isso. Na verdade, nós aprendemos muito com essas mulheres nesses quatro anos. E foram elas que nos mostraram, lá nos gabinetes, como esse projeto tinha que ser.

O pessoal do Canadá, da ACCC, os professores dos Institutos são pessoas fantásticas. Acho que nós reunimos pessoas incrivelmente capazes, mas, fundamentalmente, pessoas que tiveram sensibilidade para aprender com essas mulheres. E por isso tenho certeza que chegamos a uma proposta metodológica que traz aquilo que essas mulheres nos ensinaram. E a principal aprendizagem é que a instituição de ensino precisa se abrir para essas pessoas. Por isso o Mulheres Mil é um programa exitoso, porque não chegamos lá com uma salvação. Nós chegamos, escutamos e aprendemos como trilhar o caminho com essas mulheres.

O Mulheres Mil, em especial, mexeu muito dentro dos Institutos, porque as escolas de educação profissional federal sempre foram muito disputadas. Há um processo seletivo, e os



alunos que concorrem têm grande desempenho em provas nacionais e internacionais. E, de repente, elas se depararam com um grupo de mulheres, muitas vezes, analfabetas, que não se veem naquele processo educativo. Por isso as instituições tiveram que desconstruir tudo o que está construído, aquele currículo que já está certinho, a grade de professores organizada, para construir uma nova proposta para o grupo.

Como professora, eu sei que é preciso abandonar tudo aquilo que você tem construído e se aventurar no processo pedagógico empírico e completamente inovador. Então, muitos Institutos se depararam com um grupo de mulheres para o qual não tinham o curso, não tinham a expertise e tiveram que buscar parceiros fora. Com isso, eles começaram a se abrir.

Outro desafio é o fato de ser um grupo complexo. São mulheres que sofrem violência, têm baixa autoestima, não acreditam em si mesmas porque passaram 30, 40, 50 anos sem estudar. Então, o professor tem que conquistar, tem que lutar por essas mulheres. E isso é uma entrega ao magistério apaixonada e é incrível, porque, assim, o professor transforma o próprio sentido da educação. No processo, você percebe que aquelas mulheres estão ensinando para os seus filhos o que estão aprendendo e querem mais; e, de repente, descobrem que querem estudar e que a educação tem sentido; e, quando a educação tem sentido para o aluno, tem sentido para o professor.

Acredito que esse projeto tem a força de tocar o coração das pessoas naquilo que é mais caro: o sentido da nossa vida, o qual estamos sempre procurando. São quebra-cabeças que vão se montando, e aí entendemos que fundamentalmente estamos ligados em uma grande teia. E o mais fantástico é você conseguir se ligar nessa teia com diferentes pessoas, construir coisas boas, ser feliz com o que faz e ter orgulho do que faz.

As perspectivas e a meta são a nacionalização do projeto, porque essas mulheres que estão em várias comunidades espalhadas por todo o nosso país merecem esse programa, e não é que elas precisam somente, elas merecem. Merecem pela história de luta da mulher brasileira, por tudo o que a mulher construiu nesse país, por tudo o que ela enfrenta, por todas as heranças que nós recebemos do patriarcado, o machismo, pelo que as mulheres lutaram e continuam lutando até hoje.

De norte a sul elas terão acesso. Todas as unidades da rede federal, até o final do mandato da presidente Dilma Rousseff, vão ter um núcleo do Mulheres Mil, e nós vamos chegar a 100 mil mulheres até 2014. É uma meta arrojada, é uma meta que reflete o posicionamento da nossa presidente de fazer um trabalho com pessoas que estão na linha da pobreza, nas quais acredita e aposta.

Essas histórias vão se multiplicar pelo Brasil todo, e o sonho mesmo é chegar em 2014 e, para além de todos os resultados fantásticos que nós temos - de empregabilidade, famílias atendidas -, escutar as histórias dessas mulheres, ouvir essas mulheres, porque é assim que a gente vai aprender cada vez mais.

A nossa perspectiva é de uma construção nacional e internacional, porque o Mulheres Mil já tomou uma dimensão para fora do nosso país. Há países do Mercosul e da África que querem conhecer o projeto, e acho que aquilo que é bom, que é público, precisa e deve ser compartilhado. E para todos

aqueles que queriam aprender com a gente a metodologia, que queriam multiplicar isso, vamos estar de portas abertas.

## **BERNARD LACHANCE**

*Ex-presidente da Associação dos Colleges Comunitários do Canadá (ACCC)*



Em 2005, eu assisti à cerimônia de formatura de um projeto piloto lá em Natal. Lá as mulheres que tinham feito a formação estavam muito contentes com a formatura e as possibilidades de trabalhar suas habilidades, de trabalhar nos hotéis.

No fim da cerimônia, passamos a noite discutindo como seria possível multiplicar essa experiência, e decidimos preparar um grande projeto com o Ministério da Educação. Quando cheguei ao meu escritório, no Canadá, comecei a chorar, lembrando de mulheres de 50 anos, que iam para a escola com a filha de 22 anos, envolvidas na comunidade. Tudo isso fez com que eu tivesse várias ideias.

Um mês depois nos encontramos, em Brasília, com o representante do Instituto de Natal, Sérgio França, e da ACCC, para prepararmos um projeto para convencer as autoridades da CIDA e da ABC para fazer esse projeto. Rodamos durante oito dias em Brasília, trabalhando para fazer o projeto.

Os resultados são fantásticos! O sucesso aqui no Brasil foi maior do que no Canadá, foi realmente um grande sucesso. Os Institutos que implementaram o projeto fizeram um grande trabalho. Gostei muito do trabalho de todos, da ACCC, dos Institutos. O Sérgio França teve um papel importante na equipe para sensibilizar o MEC, os Institutos e a ABC. O projeto foi aceito pela CIDA na primeira seleção, e ela foi muito receptiva, porque a metodologia do projeto estava muito diferente do usual.

O grupo, como um todo, foi fantástico. O Sérgio França foi visionário, e tinha uma visão estratégica; a Marti Jurmain tinha um conhecimento muito grande da metodologia ARAP e também sabia como gerenciar um projeto. Eu assumi o papel de convencer; tinha ainda Márcia Moreschi e Gutenberg. Dessa forma se conseguiu fazer esse *link* entre a visão canadense e a visão brasileira. E hoje está aí o sucesso do projeto. Estou muito orgulhoso dos resultados. A educação é um ato de troca entre as pessoas, entre o professor e o aluno, entre o Instituto, os *colleges* e a comunidade, e agora entre dois países.”



## SÉRGIO LUIZ ALVES DE FRANÇA

*Membro da Direção Nacional do Projeto Mulheres Mil*



Falar do Mulheres Mil é falar em mulheres que resgataram sua autoestima, que descobriram novos objetivos na vida e elevaram seus sonhos. É falar de oportunidades de acesso ao conhecimento e à educação de qualidade; é termos mulheres na busca de sua afirmação, emancipação e cidadania. Estamos falando de mulheres que constroem de forma personalizada seus itinerários de formação, que desenvolvem habilidades e competências demandadas pelo mundo do trabalho e por um viver melhor. Mulheres que estruturam famílias e fortalecem comunidades.

Refletir ao final de um projeto de cooperação como o Mulheres Mil é constatar Institutos Federais com maior sensibilidade e competência no desenvolvimento de ações de integração e diálogo com a sociedade e, em especial, com os grupos sociais que historicamente foram excluídos dos processos de desenvolvimento. Institutos atentos e sensíveis no receber e no ouvir pessoas, no compartilhar o conhecimento e no desenvolver comunidades.

Ao pôr em prática o processo de reconhecimento de saberes adquiridos ao longo da vida de pessoas e de comunidades, ao assumir o papel de incubadoras de políticas públicas afirmativas, inclusivas e de equidade e ao compreender que seu verdadeiro endereço é o território onde estão inseridos, os nossos Institutos demonstram a compreensão de seu espaço e responsabilidades com o projeto de nação em curso no nosso país.

Mulheres Mil significa também cooperação internacional de grande sucesso, o relacionamento com um país chamado Canadá, que representou e representa características e valores que são tão significativos para as nossas vidas. País amigo que pensa um mundo mais inclusivo, equânime e justo; que sonha e luta para que as desigualdades sociais, regionais, econômicas sejam reduzidas e, quem sabe, eliminadas.

Cooperação exitosa que evidencia um Canadá, nas relações com seus parceiros, focado em ações sustentáveis, baseadas no respeito, no compartilhamento, na transparência, na sensibilidade e no profissionalismo.

O Mulheres Mil representa tudo isso, mas tem algo de mais significativo: ele evidencia o valor das pessoas, dos companheiros e dos parceiros. Pessoas que, nos seus mais diferentes papéis de participação, deram o que têm de melhor, doaram-se em sua totalidade. Transformaram pequenas sementes em grandes árvores fortes e saudáveis, tiveram a capacidade de mostrar que



é possível fazer a revolução da justiça social pela educação, com as armas que deveriam ser sempre utilizadas, as armas do conhecimento, da sensibilidade, da solidariedade e do profissionalismo

Esses companheiros e parceiros que, ao serem lembrados, nos emocionam, e temos a certeza que eles estarão sempre em nossos pensamentos, em especial nos momentos em que a ética social, a ética da felicidade, a ética da justiça estiverem sendo exercidas. Por isso é um projeto que dá prazer em nominar todos os envolvidos, com suas características, suas atitudes que os diferenciam e os deixam tão especiais. Em primeiro lugar, as “mulheres mil”, a essência desse projeto, as grandes vencedoras, exemplos de garra, determinação, perseverança, transformação, e de que é possível, sim, mudarmos nossas vidas e nossos horizontes.

Não podemos nos esquecer das nossas equipes multidisciplinares, dos nossos gestores de projeto, dos nossos dirigentes, das equipes da assessoria internacional e dos *colleges* canadenses, que praticaram tão bem todas essas atitudes e posturas especiais encontradas nas “mulheres mil”, mas que, além disso, tiveram a capacidade de romper com as estruturas e os pensamentos ultrapassados que não cabem mais no nosso tempo e em nossas instituições. São essas equipes, essas pessoas, que estão construindo um novo pensar e fazer acadêmico, em que verdadeiramente a academia seja a ponte e o ambiente para que todos, todos de verdade, tenham a oportunidade de acessar o mundo do conhecimento, transformar sonhos em realidades e assim viver com mais dignidade e ser mais felizes.

E os gestores nacionais do projeto - que materializaram tão bem esse conjunto de características e atitudes evidenciadas anteriormente -, composta em sua origem por profissionais talentosos e amigos, como Márcia Moreschi, Bernard Lachance, Jos Nolle, Marti Jurmain, formuladores do projeto, presentes desde o primeiro respirar do Mulheres Mil, partes fundamentais de um conjunto de pessoas que nesse estágio embrionário foram os semeadores, os articuladores e o sustentáculo para a consolidação do projeto e a materialização desse sonho sonhado por todos. Integrando esse time, o nosso tradutor e amigo Gutenberg, grande exemplo de profissionalismo, dinamismo, presteza e competência, sem o qual nossas vidas teriam sido bem difíceis e menos prazerosas.

Temos aqui um grupo especial - Paul Brennan, Patrícia Barcelos e Marie-Josée -, que, em seus papéis estratégicos e de referência, tiveram a ousadia, a sabedoria, a percepção, a determinação e a capacidade de visualizar e assumir o sonho, definir os caminhos, prover os elementos essenciais de sustentabilidade e de transformação desse sonho em realidade. Mehdi, Melani, Carol, Rodrigo, Pauline e Yannick, os grandes responsáveis pelo fazer acontecer, pelo realizar, desenvolver, acompanhar e cuidar com tanto carinho do nosso projeto, que com suas inteligências, dedicação e profissionalismo permitiram um caminhar determinado e seguro. Sem eles não teríamos chegado ao destino traçado. A nossa comunicadora Stela, que com sua equipe - o Fábio, o Mike, a Samara - trouxe para o projeto uma nova dinâmica, uma nova vida, criando pontes entre as mulheres, os parceiros, a equipe e a sociedade, dando maior visibilidade e respeito a nossa ação, nos ensinando que sempre é possível melhorar e compartilhar.

Hoje toda a equipe tem a consciência de que foram eles os maiores beneficiários, porque tivemos a oportunidade de viver um projeto que é especial, que nos ensina, nos reconduz, nos restabelece,

nos indica uma nova forma de ver o mundo, de se relacionar com esse mundo e em especial com as pessoas.

Falar dessas equipes e pessoas é falar do grande legado que o projeto nos trouxe: o de que é possível, através do conhecimento e da educação, transformar destinos e vidas perdidas e modificar estruturas míopes e fora do seu tempo.

Mas é importante sabermos que todo esse sucesso e essas realizações foram possíveis porque colocamos em prática um dos mais básicos ensinamentos da vida: É nas experiências de perdas, erros, enganos e insucesso que temos a grande oportunidade de redimensionar as nossas vidas, ampliar a nossa compreensão e aperfeiçoar as nossas ações e assim poder construir um novo caminho e novas e maduras realizações.

E foi assim que, em 2003, com o insucesso e as fragilidades de um pequeno projeto de cooperação do Brasil com o Canadá, foi possível um encontro com uma pessoa especial, sensível, perspicaz, parceiro e hoje um grande amigo, o Jos Nolle, que, com sua visão prospectiva, acreditou no antigo Cefet-RN e no novo Presidente que assumia o governo brasileiro, possibilitando assim a conclusão positiva da última etapa do projeto e do resgate da confiança mútua e do profissionalismo entre os dois parceiros, elementos esses base necessária para a continuidade e ampliação da nossa cooperação.

O passo seguinte foi construir um projeto piloto que permitiria a continuidade e ampliação da experiência anterior e o compartilhamento da metodologia ARAP. Foram envolvidos mais quatro Cefets das regiões Norte e Nordeste: Bahia, Amazonas, Ceará e Pará. Instituições que em conjunto com nossos parceiros canadenses possibilitaram a formatura, em 2005, daquelas 60 mulheres lá em Natal, consolidando com pleno sucesso o projeto. Os resultados alcançados nos deram forças para acreditar que podíamos ir além, fazer mais, chegar a mais mulheres, romper novas fronteiras e construir um projeto que pudesse ser referência no processo de políticas afirmativas, inclusivas e de equidade, focado especialmente nas mulheres brasileiras que, na nossa visão, eram e são elementos-chave no processo de estruturação das famílias, das comunidades e de todo o seu entorno.

Com esta compreensão, passamos então para uma urgente, exigente e nova etapa. Tivemos que elaborar e submeter o Projeto Mulheres Mil às agências e órgãos de governo dos dois países. E aí veio à tona o que nós tínhamos de melhor e que iríamos ver no decorrer de todo o processo de implantação e do nosso projeto: as pessoas. Em uma semana, o Bernard Lachance, a Marti Jurmain, a Márcia Moreschi, o Gutenberg e eu sistematizamos todo o processo, gerando um documento que materializava as experiências, o domínio, o conhecimento e a visão dos nossos dois países.

Projeto aprovado, implantado nos 13 estados das regiões Norte e Nordeste, veio o grande desafio, que era fazer acontecer, efetivá-lo, realizá-lo, mas veio também, paralelamente a tudo isso, uma confirmação: nós tínhamos em mão as melhores pessoas e as melhores equipes. Os Colleges e os Institutos estavam presentes, nós tínhamos a ACCC, a CIDA, a ABC, o MEC e a Setec. Tínhamos também os melhores estrategistas, comunicadores, executivos, técnicos, professores, alunos e as nossas alunas. E aí a conclusão não poderia ser diferente. Todos já sabem: sucesso, resultados e impactos muito além do esperado.

Nesse relato eu procurei sintetizar um pouco mais o processo, contar a história pelo meu olhar, mas, infelizmente, foi só uma síntese. Quem pode verdadeiramente relatar, com mais fidedignidade e profundidade, são elas, as “mulheres mil”, o grande motivo e motivação de nosso projeto.

Concluo com outro ensinamento presente do Mulheres Mil. Podemos aprender também com o amor, não só pela dor. Por sinal, essa é a melhor forma, a forma mais prazerosa e perene na trilha do nosso crescimento e aperfeiçoamento. E é com este ensinamento que o projeto nos leva a um novo sonho, a uma nova jornada, a uma nova dimensão: a busca do Mulheres Mil não só para mil mulheres, mas sim para mulheres de todo o Brasil, de toda a América do Sul, de todos os continentes. O Mulheres Mil que nos ensina a sonhar e a transformar sonhos em realidade.”

### MARIE-JOSÉE FORTIN

*Diretora de Programas de Parcerias Internacionais da ACCC.*



Este projeto foi uma experiência incrível. Tive a sorte de trabalhar com pessoas excepcionais, que sabiam realmente o que queriam e desejavam fazer uma diferença para o seu país. Parabéns! Eles alcançaram os seus objetivos. Toda a equipe trabalhou muito duro, mas que boa recompensa quando você encontra essas mulheres que se beneficiaram deste projeto! Mulheres com um enorme potencial, mas que, até agora, nunca tiveram a oportunidade de estudar em um Instituto Federal, e assim ter o reconhecimento dos seus conhecimentos e experiência. Hoje, essas mulheres são reconhecidas profissionalmente e pessoalmente. Muitas vezes esquecemos o impacto que a educação pode ter no nível pessoal. É um importante valor social que muitas vezes é esquecido e que também tem impacto sobre as gerações futuras.

Com esse desejo de mudar as coisas, podemos dizer que o Brasil é um modelo para muitos países. Nós aprendemos a decodificar uma abordagem canadense e recodificá-la em um modelo puramente brasileiro, que atende às necessidades do país e que conserva a flexibilidade requerida pela metodologia do reconhecimento da aprendizagem e habilidades.

Viver esses momentos com essas mulheres e com os parceiros brasileiros confirma que podemos fazer uma diferença. Eu sou muito sortuda por fazer o melhor trabalho do mundo, com pessoas excepcionais.



Nós viramos uma página da história, mas eu sinceramente espero que este seja apenas o começo de uma longa parceria e amizade entre ACCC, Setec e Conif.

Obrigada a todas vocês, senhoras que participaram nesse projeto; obrigada a todos os coordenadores dos subprojetos; obrigada aos nossos colégios; obrigada aos doadores; obrigada ao Conif e à extraordinária equipe da Setec. Obrigada aos nossos amigos brasileiros também por mudar nossas vidas.”

### JOS NOLLE

*Diretor de Desenvolvimento Internacional do Niagara College.*



Para mim, a motivação para participar de projetos como o Mulheres Mil começou há 30 anos, quando fui como jovem da Europa para trabalhar na África do Sul, durante meus estudos universitários. A África, na época, estava sob o regime do *Apartheid*, onde 10% da população tinha direitos e 90% não tinha nenhum direito. Viajei por partes da África, Ásia e América do Sul. Para mim, um jovem entre 23 e 24 anos, foi uma transformação, porque vi que existiam muitas injustiças.

Depois, iniciei minha carreira profissional na área de comércio internacional. Trabalhei seis anos e foi uma boa experiência. Eu vinha muitas vezes ao Brasil, Argentina, México, trabalhando com linhas aéreas para tentar vender aviões. Então eu vi outra parte do Brasil e outras experiências e sempre pensava que queria fazer algo diferente com minhas habilidades. Então, quando eu tinha 32 anos, eu tive a oportunidade de trabalhar para uma organização não governamental que se chama Médicos Sem Fronteiras.

Trabalhei em Moçambique, e durante esses dois anos essa transformação foi completa. Eu estava trabalhando no país em guerra civil, com pessoas muito pobres, com muitas dificuldades. E eu vi pessoas que não tinham nada, refugiados que retornavam a Moçambique e não sabiam onde estava a família, sem nada. E percebi que eles eram vítimas, mas, ao mesmo tempo, não eram, porque eram pessoas que têm sua própria mentalidade e são capazes de viver, eram capazes de dançar, de cantar. E essa experiência para mim foi um processo completo e resolvi dedicar mais do meu tempo para esse tipo de trabalho.

Eu casei com uma canadense e iniciamos a vida no Canadá, e continuei a trabalhar na Médicos Sem Fronteiras durante sete anos, mas era no momento



em que tínhamos dois filhos pequenos e precisava mudar minha atuação profissional, e comecei a trabalhar no Niagara College.

No Niagara College é interessante porque parte de meu trabalho é na área comercial, para trazer estudantes para estudar no Niagara. Outra parte é na área de desenvolvimento nacional por meio da educação e treinamento. E com minha experiência na América do Sul e na África tentei buscar parceiros em projetos com foco nas pessoas que não têm acesso à educação. Então, quando realizamos o primeiro projeto no Brasil, o objetivo principal foi estabelecer parcerias. Durante esse período, eu tive a sorte de começar um trabalho com o Sérgio França, em Natal. Naquela ocasião, já discutíamos assuntos mais sociais e o papel dos Cefets, que não conseguiam atender as pessoas desfavorecidas, porque tinha seleção que era muito concorrida e só entravam os melhores.

Durante as visitas ao Canadá, no decorrer desse projeto, algumas pessoas do Ministério fizeram observação de RAP (Reconhecimento da Aprendizagem Prévia). Como a ACCC tinha um pouco de dinheiro, nós propusemos fazer algo na área de RAP. Nós iniciamos em Natal, na área de turismo, mas incluindo Salvador, Manaus, Belém e Fortaleza, e treinamos professores para um programa de inclusão social. Marti Jurmain deu o treinamento para os professores, e propusemos que eles fossem às comunidades e selecionassem mulheres, sem educação formal, mas que tivessem experiência de vida e de trabalho. E durante esse projeto, foi uma grande energia. Fechamos o projeto em 2005, com cerimônia de graduação de 60 mulheres de Natal e apresentação de outras cidades sobre os seus grupos.

A cerimônia com essas 60 mulheres foi muito emocionante, e lá estava Patrícia Barcelos, que tinha assumido a chefia de gabinete da Setec. Foi uma cerimônia belíssima. No dia seguinte, quando Bernard Lachance, à época vice-presidente da ACCC, chegou para tomar café da manhã disse: 'Temos que fazer mais, estou muito emocionado'.

Eu sabia que a CIDA tinha dinheiro para projetos sociais no Nordeste e especialmente para mulheres. Discutimos com o grupo que estava lá, entre eles Sérgio França e Gutenberg, e decidimos fazer mais. Bernard Lachance relatou que só tínhamos dois meses para preparar o projeto e apresentar à CIDA. Marti Jurmain e Bernard Lachance voltaram ao Brasil para trabalhar com Sérgio França e outras pessoas. Apresentamos à CIDA e alguns meses depois foi aprovado o Mulheres Mil.

A ideia foi dar uma oportunidade real para as mulheres, para que elas pudessem fazer algo com esse treinamento, de uma maneira real, com perspectiva. Estarem incluídas nos Cefets, como algumas relatam que nunca pensaram nisso, já é muito bom. Já é fantástico, e o segundo passo é que elas vão ter trabalho. Esse trabalho que os gestores fizeram com as mulheres, e o esforço que as mulheres fazem para estar em sala de aula, essa é uma mudança real, e com muito pouco dinheiro, e não é nada, comparado com os milhões que as pessoas investem para resolver o problema da pobreza.

Essas cidades que implantaram o Mulheres Mil com pequenos grupos de mulheres podem disseminar a metodologia para o resto do país. Os canadenses que estão participando aprenderam muito com esse projeto, com as mulheres e com os professores daqui.

Depois da cerimônia em Natal, aquele café da manhã foi uma oportunidade incrível. E essas parcerias são como matrimônio, tem que trabalhar; inicialmente há paixão, mas tem seus momentos baixos. E o Mulheres Mil teve muitos momentos baixos, mas se transformou em algo fantástico.”

### SIMONE DIREITO

*Assessora de Cooperação para o Desenvolvimento da Agência Canadense para o Desenvolvimento Internacional.*



Tive o prazer de participar desde o início do planejamento do Projeto Mulheres Mil. Recordo-me de uma conversa na Embaixada do Canadá em Brasília entre Remy Beaulieu, representante da CIDA, Jos Nolle, do Niagara College, e eu. Falávamos sobre como a formação técnica pode ajudar a combater a pobreza. Dessa conversa, saiu a semente que veio a reunir em uma mesma sala, algum tempo depois, o senhor Bernard Lachance, à época vice-presidente da ACCC, Sérgio França, do IFRN, e o próprio Jos. Juntos eles trabalharam na proposta de projeto em tempo recorde. É assim quando as coisas estão maduras para acontecer.

Não foi fácil montar a estrutura do projeto em tantos estados. Só mesmo o empenho de Patrícia Barcelos e o trabalho incansável de Márcia Moreschi, ambas na Setec na época, para que as ideias saíssem do papel e funcionassem. Foi preciso convencer muita gente, muitos professores e dirigentes, de que era função dos IFs também atender a população mais excluída, de que o combate à pobreza e à desigualdade é papel de todas as pessoas e de todas as organizações. O interessante é que, uma vez convencidos, professores e dirigentes lançaram-se nessa aventura com incrível energia, compromisso e muitas vezes até com sacrifício pessoal.

Creio que todos viemos a descobrir que não há nada melhor do que trabalhar com quem necessita, com quem valoriza o que recebe e que faz sacrifícios enormes para melhorar a sua vida e a de sua família. Durante os anos de implementação do projeto, ouvi inúmeras histórias emocionantes que deixo que meus colegas, que as vivenciaram de perto, contem aos queridos leitores.

Eu, de minha parte, guardarei sempre a lembrança de ter participado de uma iniciativa que fez diferença na vida de várias mulheres brasileiras. Que lhes trouxe novas habilidades, conhecimentos e, como muitas não cansaram de dizer, vida nova, esperança e motivação. Inclusive, influenciando fortemente seus filhos a valorizar os estudos, continuar a estudar ou voltar à escola. Enfim, um efeito cascata maravilhoso e contagiante.

Foi para mim, também, um orgulho trabalhar com a Setec e todos os seus técnicos, assim como com os IFs e seus professores. Muita gente comprometida e competente. Os parceiros dos *colleges* canadenses não se cansam



de admirar a criatividade e tenacidade de seus colegas brasileiros ante os obstáculos e barreiras enfrentados. Esse projeto deixa um saldo de grande amizade e cumplicidade entre vários professores canadenses e brasileiros e o desejo de continuar trabalhando juntos.

Por fim, a notícia de que o MEC pretende levar essa iniciativa para todos os IFs brasileiros e está montando um centro para aprofundar e difundir as novas metodologias desenvolvidas no âmbito do projeto. Confesso que não há realização maior, para quem trabalha na área da cooperação para o desenvolvimento, que ver um projeto se transformar em política pública. Então, a todos os participantes do Projeto Mulheres Mil meus parabéns e meu muito obrigado!”

### MARTI JURMAIN

*Docente do Niagara College.*



A ideia do Mulheres Mil começou no verão de 2005. Fizemos um projeto piloto que foi um sucesso e decidimos fazer um projeto mais longo, tanto para o Brasil quanto para o Canadá. Então, ao final de um projeto em turismo, em Natal, averiguamos se havia interesse

das pessoas de participar de um projeto de um ano sobre Avaliação e Reconhecimento da Aprendizagem Prévia (RAP).

O RAP é uma ferramenta que você usa durante o acesso, a qual encoraja as mulheres a terem uma meta e ajuda a identificar quais os documentos e as habilidades que elas têm para aquela meta e o que ainda precisam para alcançá-la.

Acho que foi a oportunidade na hora certa. Os astros se alinharam prontamente para esse evento. O presidente Lula queria estratégias para diminuir a pobreza, os institutos estavam interessados em apoiar as mulheres e havia a mudança nas instituições que estavam se transformando em Institutos Federais. Foi o momento perfeito!

Para mim, foi muito entusiasmante. Foi um projeto de acesso que abrangeu tudo: serviço, programa educacional, infraestrutura. Foi um projeto que realmente nos entusiasmou muito e envolveu seis *colleges*. Os gestores dos IFs trabalharam além das expectativas e percebemos que eles estão muito orgulhosos dos resultados conseguidos pelas mulheres.

Todos aprenderam muito durante esse período. E, assim, essa é uma experiência de aprendizado para as mulheres, para suas famílias, para os parceiros canadenses e brasileiros e para os nossos governos,



para que eles vejam o valor da mulher, e o nosso trabalho, de agora em diante, é documentar esse valor e tudo o que está sendo alcançado.”

### YANNICK CABASSU

*Representante da Associação dos Colleges Comunitários Canadenses no Brasil.*



Sou o gestor do Projeto Mulheres Mil e estou radicado aqui no Brasil. Sendo o elo entre as instituições canadenses e brasileiras, tenho a satisfação de trabalhar com todos os atores envolvidos neste projeto. Trabalho com todos os Institutos Federais do Brasil, todos os *colleges* e Cégeps canadenses, a Setec-MEC, o Conif, a CIDA, a ABC e os meus colegas da ACCC sediados em Ottawa.

Minha contribuição mais importante para este projeto foi garantir um fluxo fluido e sincero de comunicação entre as instituições canadenses e brasileiras, e fortalecer as nossas relações como parceiros. Como oficial do projeto, asseguro que o projeto está focado na direção certa e está seguindo os objetivos definidos nos planos anuais de trabalho. Minhas responsabilidades incluem a elaboração de relatórios anuais e semianuais para a CIDA e a apresentação destes ao Comitê Gestor Integrado. Trabalho em estreita relação com a Setec-MEC.

Estou muito feliz por ter feito parte do Projeto Mulheres Mil. Este projeto me trouxe muita experiência profissional e pessoal. Tive a oportunidade de visitar dez Institutos Federais e interagir com todos os atores, e isso me permitiu ver em primeira mão a dedicação e o trabalho árduo de todos os envolvidos no projeto. Os muitos atores tornam o Projeto Mulheres Mil complexo, e eu acredito que o Mulheres Mil me ajudou a melhorar enormemente as minhas habilidades de gerenciamento de projetos, bem como o meu português!

Fantástico! Quantas vezes um projeto se torna um programa nacional endossado pelo Governo Federal? As barreiras sociais estão entre as mais difíceis de serem ultrapassadas, e eu acredito que uma das maiores conquistas do Mulheres Mil foi romper esses limites, permitindo às pessoas tradicionalmente excluídas a chance de estudar em instituições de grande renome. Nesse sentido, este projeto tem sido um grande abridor de olhos, não só para as mulheres participantes, mas também para os coordenadores dos subprojetos, os professores e os administradores de cada Instituto Federal, que dedicaram o seu tempo e energia visando o seu sucesso.”



**MÁRCIA MORESCHI**

*Ex-gerente executiva do Mulheres Mil e gerente de projetos da Organização dos Estados Ibero-Americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura (OEI).*



Falar do Projeto Mulheres Mil não é tarefa fácil, pois foi a experiência mais rica, intensa e emocionante da minha vida pessoal e profissional. Quando tive que deixar o MEC porque meu contrato estava no fim, senti muito em deixar os inúmeros projetos de cooperação internacional na Setec, porém, deixar o Projeto Mulheres Mil causou-me a sensação semelhante a perder um filho.

Há muito que relatar, e daria um livro, mas neste depoimento vou me ater a alguns fatos que foram expressivos. Lembro-me, por exemplo, que o projeto nasceu rodeado de incertezas, pela sua magnitude, mas havia a convicção de que era o momento de se iniciar um trabalho que promovesse verdadeiramente a inclusão social nas instituições, resgatando minorias que não conseguem ter oportunidades para melhoria de vida.

Na concepção do projeto, eu, Sérgio, Patrícia, Jos, Mehdi e Bernard Lachance tivemos longas horas de debates e aceitamos o desafio, apesar da sua complexidade e abrangência, que iria além das nossas fronteiras, o que exigiria um esforço considerável na sua implementação.

Vislumbrávamos que esse era o caminho, e seus resultados e alcance seriam a transformação das mulheres que participariam do projeto em verdadeiras cidadãs, com autoestima elevada e donas da sua própria história, ou seja, seriam 'mulheres nota mil'. Então, o título do projeto não se refere ao quantitativo de mulheres formadas, mas expressa o avanço, a conquista que as elevaria a um novo patamar e à dignidade. Não há tradução para tal expressão no idioma inglês e para o documento canadense ficou '1000 Women'.

Para o desenvolvimento dos trabalhos sempre tive o apoio incondicional de Patrícia Barcelos, Getulio Ferreira e Sérgio França. Naturalmente eles representavam o apoio da Setec ao projeto, porém, o envolvimento deles transcendia a questão institucional. Eu percebia que eles consideravam a iniciativa do Mulheres Mil como um ideal de vida. Eu aprendi muito com essas pessoas que me contagiaram com sua paixão pela educação profissional. Apesar de terem a agenda intensa, foram decisivos e conferiram prioridade ao projeto como política pública. Estar trabalhando com 13 estados foi uma riqueza extraordinária. Construir algo inovador traz algumas resistências e medos. Quebrar paradigmas foi difícil, mas as experiências dos gestores, seu empenho e dedicação nos levaram a trabalhar em unidade. Nas reuniões do grupo sempre havia o respeito, compromisso, ajuda mútua e se estabeleceu



um forte laço de amizade. Havia um sentido de família, com 'puxões de orelha' para os prazos, apresentação de planos etc., e cabia a mim este difícil papel. Tenho muita admiração por todos do grupo, inclusive os que deixaram o projeto, pois além da amizade é necessário reconhecer que eles foram grandes protagonistas, nas suas instituições, da construção do referencial metodológico com base nas experiências vividas localmente.

Com relação à comunicação, durante a construção do portal do Mulheres Mil e outras publicações, aprendi que a comunicação não se restringe à divulgação de dados e às notícias dos eventos. Percebi que estava sendo um pouco preconceituosa em achar que as pessoas das comunidades desfavorecidas não têm capacidade de se expressar. Os depoimentos, livros e vídeos produzidos evidenciam a importância da rede de comunicadores que foi formada e que me fez reconhecer que a história desse projeto pertence a elas. Os relatórios e seus números são letras mornas, porque não refletem a dimensão da transformação e do impacto gerado na vida das pessoas, mas os relatos das mulheres são a prova viva do seu real alcance.

Tive muitas alegrias no contato com algumas mulheres durante visitas realizadas nas comunidades ou nos institutos, e cada depoimento me fez ter uma releitura da vida. Um dos momentos marcantes com essas mulheres foi o encontro realizado em Brasília, em março de 2009, ocasião em que foram reunidas todas as mulheres dos estados, gestores, canadenses e trocamos experiências. Foi emocionante ver a alegria delas em afirmar como o curso mudou sua vida; outras já empregadas ou confeccionando seus produtos; outra relatou que o filho voltou a estudar para seguir o seu exemplo; aqueles que venceram o preconceito de que mulher não tem tempo para estudar; aquela que passava na frente do Instituto e pensava que aquilo não era para ela etc. Terem viajado de avião, acessado internet e *Orkut*, participado de exposições, terem tirado fotografia com o Ministro da Educação, enfim, conquistas jamais imaginadas.

Conhecer as experiências dos *colleges* nas cidades visitadas no Canadá foi primordial para ampliar meus horizontes. Ademais da qualidade dos equipamentos pedagógicos e processos educacionais, constatei que não há discriminação entre alunos nas diversas faixas etárias e que eles dividem o ambiente escolar com naturalidade. Isso nos deu a certeza de que é possível a construção de uma educação de qualidade e igualitária.

Mas qual a razão de tanta afetividade pelo Projeto Mulheres Mil? Seria pela grande dificuldade para sensibilizar os diversos atores sobre a necessidade de transformação? Seria pela necessidade de mudança de atitude, de passar do discurso à prática? Eu pensava que eram essas razões, dentre outras, mas a maior constatação para mim foi reconhecer minha pequenez nas diversas situações vividas no Mulheres Mil. Meu esforço e conhecimento eram insignificantes comparados à garra e determinação daquelas mulheres que tive a honra e a graça de conhecer. Elas são verdadeiras guerreiras e grandes vitoriosas. Esses exemplos de superação me ensinaram a transpor barreiras jamais pensadas. São as Mulheres nota Mil, que avançam a largos passos, e o infinito é o limite."

**RODRIGO TORRES DE ARAÚJO LIMA**

*Coordenador da Assessoria Internacional da Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica do Ministério da Educação.*



O Mulheres Mil é um projeto muito complexo. No geral, projetos de cooperação técnica internacionais são mais curtos, envolvem menos instituições e trabalham pontos específicos de um projeto educacional. No caso do Mulheres Mil não, porque envolve todo um ciclo, desde a seleção da comunidade até a saída da mulher para o mundo do trabalho, e isso engloba uma série de desafios. Além disso, tivemos que enfrentar realidades bastante distintas para conseguir implementar o projeto.

No projeto, você tem mulheres que são da zona rural, por exemplo, que demandam um trato e uma orientação completamente diferentes das mulheres que estão na área urbana, nos grandes centros. Isso para a coordenação nacional é difícil, porque você não tem as respostas para todos os casos de uma maneira padrão. São desafios diferentes que têm que ser encarados de maneira diferente. Então, você tem que estar apto a dar respostas para todas elas. Essa é a parte difícil, complexa.

Eu acho que a principal coisa que eu aprendi com o Mulheres Mil foi a importância do indivíduo para fazer acontecer qualquer projeto. Às vezes, temos uma preocupação muito grande com a institucionalização das coisas e, por conta disso, a gente tende a ignorar o papel individual na execução do projeto. Mas no dia a dia vimos a importância de cada um para o projeto acontecer: o gestor batalhando recursos e parceiros, os canadenses envolvidos em cada detalhe da formação, o esforço que a mulher faz para ter aquela formação, mesmo com uma vida atribulada... Enfim, em todos os núcleos de participação do projeto, você tem um grande esforço individual, fazendo uma grande diferença.

No que diz respeito à cooperação entre Brasil e Canadá, construímos uma maneira muito rara e peculiar de fazer a cooperação, bem diferenciada e com um grau de confiança enorme. Normalmente, a própria distância cultural e linguística gera barreiras que acabam estabelecendo limites de aproximação com o parceiro. No caso do Canadá, essa barreira praticamente não existe. E aqui entra mais uma vez o papel das relações humanas, que foi o diferencial. Esse vínculo que foi criado – que parece um discurso, mas não é –, ele foi para além da questão profissional, porque estabeleceu vínculos de respeito e afetividade.

E tem ainda a questão do histórico, pois é uma cooperação muito longa, com as mesmas instituições. Isso prova



também que tem a parte institucional forte, que mesmo mudando algumas pessoas no decorrer do processo, a cooperação continuou. E os dois lados davam respostas e se adaptaram à realidade um do outro. Então você tem, do lado do Brasil, um esforço grande que foi feito para os Institutos estarem preparados para implementar o projeto, e os canadenses perceberam esse esforço e também corresponderam, tentando se adaptar à nossa realidade. E dos dois lados há pessoas que têm uma boa noção da concepção do projeto e do que se quer para a educação profissional.

Agora nós terminamos uma etapa, que é a da cooperação, mas nós vamos ampliar a ação do Mulheres Mil para todo o país. Já temos a metodologia que vai ser replicada para todos os Institutos Federais. Em Brasília, nós estamos iniciando a criação do Centro de Referência do Mulheres Mil, onde serão feitas todas as capacitações e treinamentos, e onde são gerados os debates acerca da questão de gênero, da educação profissional, do acesso etc. Essas vão ser as grandes heranças da parceria com o Canadá, por meio da CIDA.

Também vamos fazer o possível para expandir essa experiência para outros países, adaptando-a, é claro, às suas realidades. E para esse processo o apoio canadense será fundamental. Como também estão sendo muito importantes as novas parcerias que estão surgindo entre Institutos Federais e *colleges* canadenses, envolvendo mobilidade de alunos e professores, pesquisas conjuntas, estágios etc. Isso tudo mostra que o Mulheres Mil deixou frutos permanentes na educação profissional brasileira e na relação entre Brasil e Canadá.”

### ANA CAROLINA OLIVEIRA

*Assistente técnico da Assessoria Internacional da Setec.*



Se tivéssemos que usar uma única palavra para definir o Projeto Mulheres Mil, citaria transformação... Um processo de mudanças expressivas em todas as suas nuances, desde a gestão aos resultados e impactos na vida das beneficiárias, das instituições e dos indivíduos envolvidos na sua implementação.

Minha atuação e percepção do projeto também experimentaram essa transformação. Acompanhei o processo de concepção do projeto de longe, e quando me juntei ao grupo de trabalho responsável pela sua gestão assumi como responsabilidade toda a parte burocrática e financeira do projeto, sem contato direto com a realidade das mulheres beneficiárias e tampouco com a profundidade do projeto.

Ainda que entendesse a relevância de seus objetivos e propósitos em termos de políticas e atuação do Estado, não podia vislumbrar como a introdução de



uma metodologia ainda desconhecida pudesse efetivamente modificar o rumo das vidas daquelas mulheres e comunidades em um tempo relativamente curto.

O cenário: tínhamos uma metodologia canadense a entender e adaptar às nossas especificidades, um público-alvo heterogêneo, uma rede de instituições brasileiras competentes, mas ainda em processo de assunção e compreensão do papel que deveriam assumir em relação à inclusão de um público diferenciado, e uma rede de parceiros canadenses que vivenciava uma realidade diferente da nossa. Parecia impossível, foi apenas difícil...

A participação nos eventos e reuniões do Comitê Diretor Integrado incrementou meu entendimento acerca do projeto, de sua metodologia e de sua lógica de execução, mas apontaria o encontro com as mulheres beneficiárias como o ponto mais marcante. Ouvir o relato das mulheres, enxergar o brilho nos olhos, sentir a euforia em suas vozes ao falar da certeza de que a participação no projeto trouxe de volta a capacidade de sonhar e lutar foi o meu momento de transformação. Um estalo para o fato de que tinha à minha frente um modelo de superação e conquistas idêntico ao que experimentava no meu trabalho. Fazia parte daquele grupo de mulheres.

Além de toda sua constituição formal, da observância e cumprimento das diretrizes políticas traçadas para o país no que diz respeito à oferta de educação, inclusão social, políticas de gênero, e do atendimento dos objetivos propostos pelo projeto, o Mulheres Mil depositou nos indivíduos envolvidos no projeto o sentimento de altivez e a ciência de que o sucesso das ações depende diretamente do papel que cada um se propõe a cumprir. Sujeitos ativos no processo de transformação e desenvolvimento.

Por fim, faço referência à relação construída entre Brasil e Canadá. O trabalho cooperativo, baseado no respeito e nas discussões, foi essencial para a construção da metodologia brasileira de acesso, permanência e êxito das mulheres, para o alcance das metas do projeto e notadamente para estreitamento dos laços. Partimos para novos desafios, que deverão ser iniciados com o desenvolvimento de pesquisas conjuntas sobre as temáticas propostas pelo Mulheres Mil e culminarão na construção de novos projetos que deverão alcançar outras comunidades e países. Uma assertiva ao papel ativo que o Brasil assume na Comunidade Internacional."

### **PAULINE MANTHA**

*Representante da Associação dos Coléges Comunitários Canadenses no Brasil em 2009.*



Trabalhei na área de dificuldades com aprendizagem por aproximadamente 14 anos no Canadá. O meu trabalho estava focado em atender as necessidades de adultos, jovens, crianças e suas famílias, bem como as dos profissionais que trabalham com eles (educadores, administradores, psicólogos, neuropsicólogos, alfabetizadores, assistentes penitenciários, defensores dos direitos humanos etc.). Já morei e trabalhei na América do Norte, América Central e América do Sul. Possuo um Mestrado em Gestão.

Trabalhei para a Associação dos Colleges Comunitários do Canadá (ACCC) enquanto estive no Brasil. O meu papel incluía trabalhar como gestora do Projeto da ACCC em Brasília. Minha responsabilidade principal era facilitar a colaboração entre os parceiros brasileiros e canadenses.

Adquiri muito conhecimento sobre a vasta experiência que tanto os parceiros institucionais brasileiros como os canadenses possuem. A riqueza de conhecimento, capacidade, experiência e empenho demonstrados por todos os parceiros é nada menos que fenomenal! Aprendi muito sobre aprendizagem prévia e ferramentas de avaliação e como ambas podem ser adaptadas e aplicadas com sucesso para atender as necessidades dos alunos com diferentes origens culturais.

O Projeto Mulheres Mil está fazendo uma diferença real na vida das mulheres e na de suas famílias. Está provendo muitos conhecimentos e habilidades para mulheres carentes que buscam um futuro melhor. A aplicação do projeto é feita com grande respeito e sensibilidade, com respeito às necessidades individuais das mulheres desfavorecidas. ”

### GUTENBERG ALBUQUERQUE

*Pró-reitor de Extensão do Instituto Federal do Ceará.*



Sou membro do Comitê Gestor do Projeto Mulheres Mil, bem como o seu tradutor e intérprete. No âmbito binacional, trabalhei com todos os parceiros envolvidos

neste projeto, e mais especificamente com o Niagara College e o George Brown College, coparceiros do IFCE no subprojeto Mulheres de Fortaleza.

Contribuí com a implantação do projeto piloto e a consolidação do Mulheres Mil no Norte e Nordeste do Brasil, atuando como articulador entre os parceiros envolvidos, como tradutor do Portal e dos documentos e relatórios oficiais do projeto e como intérprete das missões brasileiras e canadenses em ambos os países.



Além de ter feito grandes amigos, aprendi que a relação norte-sul pode e deve acontecer de forma equilibrada e equânime, em que os parceiros se colocam lado a lado visando o compartilhamento de suas experiências, o crescimento mútuo e o fortalecimento das relações fraternas entre as mais diversas instituições envolvidas, e que somos muito semelhantes mesmo em nossas várias diferenças.

Diria que este foi um projeto elaborado em 3D (Determinação, Dedicção e Devoção), numa relação simbiótica envolvendo profissionais competentes que souberam plantar, regar, colher e disseminar os seus bons frutos. Vida longa ao programa nacional que agora se inicia, e que este possa capacitar e transformar a vida de milhões de mulheres em suas famílias e comunidades!”

### STELA ROSA

*Coordenação de Comunicação do Mulheres Mil*



Para desenvolver o trabalho de comunicação do Mulheres Mil, foi necessário pensar soluções viáveis para os vários desafios que o projeto trazia. Dentre eles se destaca a questão geográfica, pois a ação ia ser implantada em 13 estados no Norte e Nordeste do Brasil e em parceria com o Canadá. Era, então, necessário pensar em uma estratégia viável economicamente e que permitisse a troca de informações entre os diversos atores: docentes e parceiros dos 13 Institutos Federais (IFs), Canadá, comitê gestor e sociedade.

Somando-se a isso, tratava-se de uma ação ousada e inédita na Rede Federal de Educação Profissional, que pela primeira vez trabalhava com diversos recortes de exclusão: mulheres jovens e adultas, em situação de vulnerabilidade econômica e social, a maioria com baixa escolaridade e à margem do mundo do trabalho. E, integrado aos diversos desafios, o projeto já nascia com a meta de se transformar numa política pública permanente na Rede Federal.

A melhor alternativa que encontramos foi montar uma rede de comunicadores com os jornalistas das assessorias de comunicação dos IFs para que eles fizessem a cobertura local. Para isso, foi feito um trabalho de sensibilização e estabelecidas metas com número de matérias e entrevistas que poderiam ser enviadas mensalmente para serem publicadas no Portal. A disseminação das informações era feita através de um boletim eletrônico que era enviado semanalmente.



No que se refere à linha editorial, estabelecemos como meta fugir da linguagem institucional e humanizar, publicando no Portal, além das matérias, entrevistas com as beneficiadas. Queríamos fugir do jargão de abordar somente estatísticas, para mostrar o impacto do projeto na vida dessas mulheres. Por isso foi criado no Portal um espaço para entrevistas que tivesse local de destaque.

O papel das assessorias de comunicação dos IFs foi fundamental. Elas conseguiram atender às demandas e começaram a criar outras ferramentas para divulgar o projeto dentro de suas instituições, com a produção de *folder*, jornal, organização de eventos de formatura, do Dia das Mulheres, de feiras, além da divulgação nos veículos locais. Acredito que o contato direto dos jornalistas com as alunas foi um dos aspectos importantes, porque, a partir das histórias de vida e dos relatos de superação, eles eram contagiados pelos impactos do projeto e, dessa forma, a realização do trabalho de comunicação ganhou significados.

Nesses três anos de trabalho, foi produzido um vídeo institucional, por Helvécio Ratton, que mesmo tendo sido feito em 2009 está atual e ainda é um material de divulgação e sensibilização do Mulheres Mil, continuando a ajudar no processo de expansão do projeto, que agora se transforma em programa nacional e passa a integrar as ações de erradicação da miséria que serão implementadas pelo Governo Federal. Além desse, foram produzidos vários pequenos vídeos que hoje integram o material da memória. A inclusão do projeto nas redes sociais, tais como *Youtube*, *Orkut* e *Facebook*, foram também estratégias interessantes e contribuíram para divulgar as ações.

O caminho da comunicação não foi fácil, assim como para todos os que se envolveram no projeto, e teve, como em qualquer processo da vida, momentos de desânimo e a sensação de estar caminhando em círculo, porque, no mesmo período da implantação do projeto, os Centros Federais de Educação Profissional e Tecnológica (Cefets) estavam se transformando em Institutos Federais (IFs), o que exigiu uma demanda maior de trabalho das assessorias de comunicação e, em função disso, era necessário 'disputar' o tempo dos jornalistas. Então, o *e-mail* virou uma ferramenta crucial. Semanalmente eu solicitava envio de matérias e, muitas vezes, fechar o boletim foi difícil. Ufa!!!

A cooperação com o Canadá terminou em março de 2011 e, ao encerrar esta etapa, podemos afirmar que fizemos bem o dever de casa. Conseguimos reunir no Portal um bom material de memória. As entrevistas realizadas pelos jornalistas dos IFs com as alunas, desde 2008, foram reunidas no *e-book Histórias Mil das Mulheres Mil*, que poderá ajudar em futuras pesquisas que possam vir a ser feitas com as egressas. Lançamos ainda o livro de artigos e relatos, com a produção de alguns IFs sobre o trabalho desenvolvido nos estados. E ainda este *e-book*, que denominamos *Mulheres Mil na Rede Federal: caminhos da inclusão*, no qual os diversos atores – professores, voluntários, parceiros, motoristas, servidores das áreas administrativas – contam o trabalho que cada um desenvolveu e como superaram as dificuldades. E ainda vamos disponibilizar, também em *e-book*, todas as matérias produzidas pelas assessorias em cada um dos projetos. Avalio que será um bom material de memória.

E a mais importante produção, para mim, é o livro *Mulheres Mil: do sonho à realidade*, no qual 27 alunas contam, em primeira pessoa, suas histórias de vida e o impacto do projeto em suas vidas. Considero esse material único, porque finalizamos com a produção de um livro em que consagramos

o desenvolvimento do trabalho, ou seja, as beneficiadas do projeto contam o que ele representou em suas vidas e nos ensinam, e muito, sobre a capacidade de superação que há em cada um de nós, além de relatar uma boa parte da história de exclusão do Brasil. Grande parte das mulheres que entrevistei trabalhou na infância e não teve a chance de estudar. E voltam somente agora, quando surge uma ação pública que entende as especificidades de mulheres que são chefes de famílias e precisam somente de uma oportunidade para mudar o rumo de suas histórias e das de seus filhos.

Trabalhar no Mulheres Mil trouxe aprendizagens imensuráveis tanto para minha vida profissional quanto sobre o papel que podemos ter na vida de cada um. Lembro-me de uma declaração do Leonardo Boff, em que ele diz: 'Um outro mundo é necessário', a qual me marcou profundamente, porque estamos todos ligados nessa teia chamada mundo e podemos no nosso dia a dia olhar e ajudar de diversas formas as pessoas que estão em situação econômica menos favorecida.

Podemos, por exemplo, estimular as pessoas para que voltem a estudar; flexibilizar horários para que pessoas que trabalham nas nossas casas possam fazer cursos; pagar salários justos. Ou fazer como muitos docentes dos IFs fizeram e estão fazendo: ensinar essas mulheres e assim ajudá-las a mudar suas histórias de vidas, as de suas famílias e das comunidades onde elas residem.

E por fim, o *the end*, desejo vida longa ao Mulheres Mil. Espero que essa ação seja implantada em todos os estados deste país e fique ao alcance das mulheres brasileiras, e quem sabe de outros países.

### FÁBIO ROCHA Desenvolvedor de web.



A experiência de trabalhar no Projeto Mulheres Mil: Educação, Cidadania e Desenvolvimento Sustentável, como desenvolvedor *web*, e montar um portal de informações que representasse esse grupo heterogêneo de mulheres de todo o Brasil foi muito gratificante. Porém, pensar que esse portal estava sendo realizado para retratar as ações do projeto, divulgar o rosto, a vida e o cotidiano na sala de aula de todas essas mulheres e, ao mesmo tempo, fugir da ideia comum de 'mulher-frágil', 'mulher-cor-de-rosa', foi bem complicado, de início.

À medida que o trabalho cooperativo foi sendo desenvolvido por mim, pela jornalista responsável e, posteriormente, pela Samara, desenvolvedora *web*, fomos organizando as informações nas páginas do *site* para que o destaque fosse dado à mulher em si, à sua história de vida e à sua relação com o projeto. Era o meio mais importante e eficiente que tínhamos de dar voz a essas mulheres.

Com esse trabalho em equipe, o Portal do Mulheres Mil ficou pronto. Seguiu-se, portanto, o momento de receber as primeiras notícias e entrevistas com as mulheres, realizadas pelos assessores de comunicação dos Institutos Federais participantes do projeto. Até então, não havia entre os desenvolvedores *web* do projeto a noção da magnitude do Mulheres Mil; o nosso contato, o nosso laço com o projeto era apenas virtual. Logo, ler depoimentos como 'O Mulheres Mil mudou a minha vida' e ser um dos responsáveis pela plataforma de divulgação desses depoimentos foi, no mínimo,

uma honra para mim. A partir das notícias, percebíamos o avanço do projeto, as matérias que inicialmente falavam sobre o início das aulas foram, com o tempo, trazendo informações sobre as primeiras alunas formadas. Com isso, aumentou o sentimento do quão importante é essa ação na vida daquelas mulheres e a percepção de todas as lições sociais adquiridas. O elo, ainda que virtual, tornou-se mais forte, resultando em um prazer colaborar e fazer parte desse trabalho.

A área de desenvolvimento *web* engloba a construção de qualquer tipo de *site*. O que pretendo dizer é que não é raro não termos uma conexão pessoal com os projetos dos quais participamos. Com o Mulheres Mil é diferente. Trabalhar em um projeto do governo cujo foco é a educação – não só a educação como típica formação do aluno, mas a educação para mulheres que já não tinham esperanças de mudar de vida, de crescer, que viviam apenas de sonhos – é estimulante. Não há um sentimento de pena ou de débito para com a sociedade, muito menos de descaso ou desinteresse, há, sim, esse sentimento de felicidade, de contribuição, de satisfação com o que está sendo feito e com os resultados que estão sendo alcançados.

Acredito, afinal, que o sentimento que poderia resumir o Mulheres Mil é esperança. Esperança para todas as mulheres que passaram por ele, que foram tratadas como alunas, que entraram nos Institutos Federais para aprender uma profissão, que terão, enfim, condições e meios de usufruir do que lhes foi ensinado e, também, para as mulheres que irão chegar e que perceberão no projeto justamente esse ideal de vida que tantos no país almejam. Com minha experiência no projeto, fico, mais do que grato, satisfeito em trabalhar no Mulheres Mil.”



**SAMARA LIMA**  
*Desenvolvedora de web.*



Quando entrei no Projeto Mulheres Mil, em 2008, estava em fase inicial, começando a sair do papel e a tomar dimensões maiores. Tínhamos um *site* alocado no servidor da Redenet (Rede Norte Nordeste de Educação Tecnológica) que aos poucos foi melhorando.

Sabíamos da importância de manter o *site* com um conteúdo de qualidade sem perder a aparência atrativa; então, durante o decorrer do projeto, fizemos diversas mudanças no *layout* e na estrutura, procurando sempre manter uma relação mais íntima com o nosso público-alvo, sem perder a seriedade e o compromisso a que o projeto se propunha. Inicialmente, era todo implementado à mão e possuía um *layout* simples e em tons de rosa. Essa foi

uma das nossas maiores dificuldades, manter uma relação do *site* com as mulheres sem utilizar essa cor, então fizemos um estudo de caso e implementamos diversas cores e *layouts*.

Quando o projeto alcançou dimensões maiores, o *site* passou por outro redesenho e passamos a aloca-lo no servidor do MEC e a utilizar um domínio próprio, além de ferramentas diferentes, como o *Joomla*, o que proporcionou um aprendizado a mais, ampliando nossos conhecimentos.

Fazer parte do Projeto Mulheres Mil foi uma experiência única e que me deu grande orgulho, principalmente pelo seu caráter social. Foi um grande aprendizado, uma oportunidade de aplicar todo o conhecimento que adquiri no decorrer do meu curso e ampliá-lo.

A partir dessa vivência, compreendi a importância de um projeto com o porte do Mulheres Mil, que possui uma responsabilidade social tão forte e trata questões sérias, como a educação para mulheres desfavorecidas, de forma mais humanitária.

Por fim, agradeço imensamente a todos que participaram, foi entusiasmante e muito gratificante fazer parte de uma equipe tão dinâmica e alegre, e sempre focada em um único objetivo, proporcionar a mulheres de baixa renda uma educação profissional de qualidade e, conseqüentemente, uma oportunidade de melhorar sua qualidade de vida. É com muito orgulho que deixo minha visão do Mulheres Mil e ressalto o quanto o projeto foi importante na minha vida profissional e pessoal.”

### MIKE JOB

*Gerenciador do Portal.*



Sou o bolsista responsável pela realização do cadastro de reportagens, entrevistas, boletins, entre outras atividades administrativas, no Portal do Projeto Mulheres Mil, desde março de 2010.

De início, não fazia ideia do que era o projeto; nem eu nem minha família e amigos ouvíamos falar dele. Entretanto, quando me explicaram o que era e como funcionava o projeto, o que mais despertou meu interesse nessa iniciativa entre Brasil e Canadá foi que o governo ajuda uma parte da população carente – no caso, mulheres necessitadas do Norte e Nordeste do país – sem essencialmente fornecer auxílio financeiro – a exemplo dos programas assistenciais do governo federal atual –, em vez disso, aplica uma ideia análoga ao provérbio ‘não



lhes deis o peixe, ensinaí-lhes a pescar'. E então me surpreendi com a forma de aplicação dessa ideia: cada programa do projeto fornece cursos técnicos voltados para atender as necessidades de cada comunidade local.

Mesmo assim, não conseguia imaginar que isso surtiria muito efeito e mudaria tanto a vida de várias mulheres. Mas à medida que ia cadastrando notícias, ia percebendo que o Mulheres Mil propiciou a inclusão delas no mercado de trabalho e na sociedade; a formação das alunas como boas cidadãs; a reestruturação familiar; a reeducação alimentar; a autovalorização; o aproveitamento dos recursos disponíveis para obter grandes resultados e contribuir para o crescimento de sua própria comunidade. Ficava emocionado quando via o caso de mulheres que foram presas conseguirem se reinserir na sociedade; quando outras que eram espancadas pelos maridos conseguiam mudar esse quadro; quando conseguiam sustentar uma família inteira sozinhas; quando superavam o alcoolismo ou problemas de saúde adquiridos por maus hábitos ou depressão; enfim, toda a experiência de superação que observava ao ler as matérias que seriam cadastradas no Portal.

No momento, estou atuando na organização de um dos *e-books* do projeto e tenho acompanhado ainda mais de perto as histórias dessas mulheres. Fico feliz por suas conquistas; espero que as que ainda não conseguiram atingir suas metas as ultrapassem e que mais e mais pessoas possam ter essa oportunidade de mudança de vida. Algo que pude aprender através dessas experiências e que até certo tempo achava um pouco idiota é: nunca, de forma alguma, desista de ir atrás dos seus verdadeiros sonhos (e elas estão aí para provar que tudo isso é possível)."





**ALAGOAS**

## O DOCE SABOR DE SER

A oferta de capacitação do Instituto Federal de Alagoas foi no setor de alimentos, visando qualificar as alunas em atividades que elas já desenvolviam, que são a venda e o preparo de alimentos em bares e restaurantes – trabalho realizado nos finais de semana –, a retirada de caranguejo do mangue, a comercialização de cocadas nas estradas próximas a suas moradias e a atividade de empregada doméstica. Além disso, o IF celebrou uma parceria com o governo local para a oferta de elevação de escolaridade.

Entre os desafios que o IF enfrentou está a inexistência de uma organização institucional na comunidade, como associação de moradores, e a falta de oferta de serviços básicos, tais como saneamento, escola, posto de saúde. No total, 27 mulheres tiveram acesso ao projeto e três estão concluindo a formação.

### COMUNIDADE

A Vila Santa Ângela fica no município de Marechal Deodoro. Lá as casas, muitas de taipa, ficam dois metros abaixo do nível da rodovia AL-101 Sul e constantemente acontecem atropelamentos e óbitos de moradores. No local não há escola, serviço de saúde e a maior parte dos moradores vive abaixo da linha da miséria.

### PARCERIAS

**Brasil:** Secretaria de Estado de Educação de Alagoas, Ecapel (papelaria), Projeto Raízes de África – ONG Maria Mariá, Cooperativa de Funcionários do Banco do Brasil, Pastoral da Barra Nova – Freiras Canadenses, Aeroturismo.

**Canadá:** Red River College e Cégep Régional de Lanaudière.

**MAGDA ZANOTTO***Gestora do projeto em Alagoas.*

Durante toda a minha vida pessoal e profissional, trabalhar junto de comunidades carentes ou pessoas necessitadas sempre foi minha meta enquanto cidadã e cristã, buscando sempre, na medida do possível, integrar psicológica e socialmente essas pessoas na sociedade. Sempre enxerguei o mundo pelo viés da construção coletiva, da solidariedade e do respeito mútuo, considerando as diferenças e a falta de oportunidades como possibilidades de ascensão pessoal e apropriação de cidadania.

Ao ser convidada para participar do Projeto Mulheres Mil, no início como colaboradora e posteriormente como gestora do subprojeto *O Doce Sabor de Ser*, me senti mais ligada à minha missão como educadora e como cidadã responsável pelo meu próximo. Além do mais, trabalhar essa vertente sob a ótica de gênero me fez identificar e me compeliu a me dedicar, me aproximando cada vez mais das metas por mim estabelecidas, de lutar contra as diferenças, o preconceito e a discriminação social.

No contato direto com a comunidade selecionada, não mais como algo utópico, mas lidando com pessoas e famílias reais, cresci como sujeito, como profissional, como cidadã e como visionária de um mundo mais justo e mais igualitário. Frustrrei-me e me envergonhei, no princípio, ao comparar suas vidas sofridas e suas mínimas condições de sobrevivência, ao mesmo tempo em que me ergui e me orgulhei de fazer parte de um projeto que prima e proporciona, ainda que em pequenas dimensões, educação, cidadania e desenvolvimento sustentável.

Mais ainda, me senti parte de suas vidas, quando um simples projeto previsto para apenas quatro anos tornou-se um exemplo de cooperação internacional bem-sucedida, um verdadeiro caso de sucesso, que, mesmo em dimensões proporcionalmente pequenas, mobilizou toda uma rede de educação profissional, científica e tecnológica, gerou compromissos e comprometimento dos mais altos escalões do serviço público, fortaleceu a cultura da parceria e da construção coletiva do ensino, da pesquisa e da extensão, em dimensões proporcionalmente enormes, gerando, inclusive, políticas públicas de inclusão, tais como: a Rede Certific e a própria concepção do Mulheres Mil como uma política educacional.

Muito me enobrece ver uma iniciativa de cooperação internacional, atividade ainda muito incipiente na rede de EPCT há seis anos, servir de base para um amadurecimento de relações internacionais e nacionais, como iniciativa de política de inclusão social e do estabelecimento de ações afirmativas de inclusão.

Não há como expressar em palavras o sentimento que abunda e extrapola qualquer tentativa racional de explicar o quanto o ser humano integral – biopsicossocial – se realiza e enobrece através



dessas relações e interconexões complexas de troca de energia e de consciência de ser planetário, responsável pelo equilíbrio do planeta, do OUTRO e de seu próprio EU.”

### MARIA DAS GRAÇAS MOTA SANTANA

*Assistente social.*



Com o Mulheres Mil, foi a primeira vez que nós trabalhamos em um projeto de extensão com a comunidade externa à Instituição. Elas tinham a possibilidade de vir a ser alunas, como elas passaram a ser. Nós fomos à comunidade, aplicamos o questionário, fizemos entrevistas com as moradoras e tabulamos, fizemos o levantamento estatístico e conseguimos traçar um perfil da comunidade.

A gente reconhece a necessidade da Instituição de se voltar para o entorno dela, se voltar para a comunidade onde está inserida, e temos essa posição de receber os alunos. Precisamos levar o conhecimento que a gente tem para a comunidade usando outro caminho, de uma outra forma. Eu reconheço como uma necessidade diária, que não é fácil de operacionalizar, mas é necessária. Existe uma demanda, e esse é um dos caminhos que fortalece até a própria Instituição, onde ela pode se ver, se identificar.”



### QUITÉRIA NEIDE MENDONÇA ATAÍDE GOMES

*Nutricionista.*



Em relação ao Mulheres Mil, nós começamos com o módulo ‘Aproveitamento integral dos alimentos’, com aulas teóricas, e também realizamos algumas oficinas de como aproveitar melhor os alimentos. Foi muito interessante, porque elas descobriram o valor dos alimentos que eram jogados fora, e elas não valorizavam, até então, o que tinha na região.

Lá tem disponível pescado, marisco, mas por conta da mídia e também por falta de informação preferiam consumir embutidos, a salsicha, a linguiça, para as crianças; em vez de dar frutas, davam o *cheetos*; e elas têm disponível, até no quintal de casa, manga, caju, acerola, fruta-pão, mas tinham preconceito com relação ao que tinham. Para elas, era como se estivessem confirmando, dando-se mais ainda o atestado de pobreza. Então elas dispensavam o que tinham disponível em casa e iam nas vendas atrás de refrigerante, cajuína, salgado, que a gente considera produtos de caloria vazia.

Elas são pessoas que já estavam à margem da sociedade. Com a disciplina que tiveram sobre direitos das mulheres, descobriram o papel delas na sociedade, porque até então elas viviam marginalizadas, não tinham noção de que elas teriam direitos. Mesmo os direitos básicos que estão na Constituição – direito humano, alimentação, educação, saúde, o básico dos básicos – elas não sabiam que tinham esses direitos. É como se vivessem num mundo à parte; é como se não fizessem parte da sociedade.

Foi muito interessante; aprendi muito sobre a questão do comportamento humano, de solidariedade, de dividir o pouco que se tem com a amiga. Elas são muito solidárias; o pouco que elas têm dividem com quem não tem.

Elas têm capacidade, elas entendem o processo; o que elas não tinham era acesso ao conhecimento. A mulher é a base, é o esteio. Algumas já estão preocupadas com a educação dos filhos. Elas melhoraram muito sua condição, e já pensam na perspectiva de cooperativa.

Já pensou se esse projeto fosse multiplicado em cada comunidade? Ia alavancar muitas pessoas, não só do ponto de vista econômico, mas social também.”

**SÉRGIO TEIXEIRA COSTA**  
*Reitor do Instituto Federal de Alagoas.*



A consciência do papel social e do compromisso social com seu entorno regional e local é algo presente na concepção da gestão atual do IFAL e entendida como premente, a fim de garantir a inserção dos menos favorecidos social e economicamente, principalmente se considerarmos os dados percentuais de pobreza, analfabetismo e desemprego, seguidos de desqualificação profissional e descontinuidade da escolaridade no Estado de Alagoas.

O Projeto Mulheres Mil veio ajudar a construir possibilidades de inclusão social na Instituição, gerando, através da concepção de educação, cidadania e desenvolvimento sustentável intrínseca a este, uma alavanca de possibilidades de expandirmos as ações afirmativas e de inclusão nas comunidades interna e externa do IFAL.

Muitas foram as dificuldades, a começar pela estruturação da equipe multidisciplinar. Em 2005, quando houve o lançamento do Projeto, coincidentemente, no Cefet-AL, a ideia inicial foi criar uma equipe com servidores da UNED – à época – de Marechal Deodoro. Essa equipe participou das primeiras capacitações, decidiu sobre as comunidades a serem assistidas, mas, por razões as mais diversas, não chegou a dar continuidade ao processo, o qual só foi retomado quando da criação de uma nova equipe, em dezembro de 2007.



A descontinuidade das ações poderia ser destacada como a primeira dificuldade do projeto em Alagoas. A nova equipe começou a se inteirar da concepção e das demandas do projeto ao mesmo tempo, sem que etapa alguma do itinerário formativo das alunas tivesse sido cumprida, e já com a proximidade da missão ao Canadá, para apresentar resultados.

O fato de a equipe ser formada prioritariamente por servidores do *campus* Maceió também pode ser destacado como uma grande dificuldade. O deslocamento para as comunidades do município de Marechal Deodoro passou a ser um grande entrave: faziam-se necessários veículos, motoristas e disponibilidade de tempo dos servidores. O pró-reitor de Extensão da época – dezembro de 2007 – envidou todos os seus esforços para promover condições à então atual gestora do projeto, também coordenadora de Projetos Especiais da Proex, para que as etapas fossem realizadas.

Apenas em fevereiro de 2008, foi que o projeto começou de fato no IFAL, através do diagnóstico da comunidade; e, em março do mesmo ano, a representante da gestora do projeto teve o primeiro contato com o Comitê Nacional e os demais gestores estaduais. A partir daí, de posse de subsídios fornecidos gentilmente pelos outros gestores, foi que o projeto começou a tomar forma.

Começaram a ser estabelecidas parcerias, encontrou-se um espaço para o início das aulas, foram comemoradas algumas datas festivas e, enquanto não se tinha um professor específico para as aulas de elevação de escolaridade, a própria gestora ministrava as aulas, dirigia o veículo oficial, preparava o lanche das alunas, com o apoio de duas bolsistas da Proex, gentilmente cedidas, nos dias de aula, pelo pró-reitor, além de todas as suas funções como professora e coordenadora de projetos especiais.

Outro ponto a ser destacado foi a dificuldade financeira para gerir o projeto, bem como o fato de as alunas não terem sido matriculadas como alunas regulares da Instituição. Entretanto, apesar de todas essas dificuldades, alguns membros da equipe, com a ajuda fundamental da diretora do *campus* Marechal Deodoro, até 2010, e de alguns professores do mesmo *campus*, deram continuidade às aulas, embora tenha havido uma grande evasão.

É extremamente recompensador trabalhar e proporcionar esperança e qualidade de vida através da educação e da profissionalização a um público-alvo normalmente marginalizado na sociedade, entretanto, é preciso, acima de tudo, planejamento e acompanhamento das ações, bem como



o real engajamento das pessoas envolvidas em projetos desta natureza e magnitude, com o estabelecimento de atribuições e competências claras e coletivamente construídas, bem como a total compreensão e o total apoio das instâncias maiores na hierarquia da Instituição.

O IFAL está estruturando a Assessoria de Ações Inclusivas, que abrange todas as ações do TEC NEP e as demais ações de inclusão. A expansão do projeto, já como política pública, dar-se-á inicialmente com a oferta de profissionalização às reeducandas do Presídio Estadual Santa Luzia, em convênio com a Secretaria de Estado de Educação e a Intendência do Estado, possivelmente, a partir de abril.

Os *campi* de Maragogi e Penedo já procuraram a gestão do atual projeto para implantar a política ainda este ano e, como ação da Assessoria de Ações Inclusivas, a política será divulgada nos demais *campi*.

Em decorrência da parceria oriunda do projeto com o Canadá, foram assinados dois Memorandos de Entendimento para o estabelecimento de acordos de cooperação internacional, um entre o parceiro canadense Red River College e o IFAL, e outro, em forma de consórcio, contemplando, inicialmente, as áreas de Moda e Artesanato, entre Cégep Marie-Victorine New Brunswick College of Craft and Design e os IFAL, IFCE, IFPI, IFRO.

O Cégep Marie-Victorin tem representação na Unesco em pesquisa na área de educação de apenados e tenciona trabalhar em parceria com o IFAL, como representante brasileiro, na condução dessa pesquisa.

Foram apresentadas comunicações orais e publicados artigos acadêmico-científicos sobre o projeto em Alagoas, e há um Grupo de Pesquisa instituído no IFAL, pelo CNPq, na área de Educação Profissional e Tecnológica, que, dentre suas linhas de pesquisa, destaca-se a de Gênero, Diversidade e Inclusão Social, tendo como um de seus líderes a atual gestora do projeto no IFAL.

Existe, desde o final de 2010, um espaço destinado ao Proeja e ao Escritório de Acesso do Mulheres Mil, onde também funciona, provisoriamente, a Coordenadoria de Relações Internacionais.”



## TRANSFORMAÇÃO, CIDADANIA E RENDA

O Instituto Federal do Amazonas (IFAM) celebrou uma parceria com o Programa Social e Ambiental dos Igarapés de Manaus (Prosamim) do Governo do Estado para garantir oferta de qualificação profissional na área de camareira às moradoras dos igarapés do entorno da zona urbana de Manaus, que estavam sendo removidas para novos conjuntos residenciais construídos pelo programa.

Com a duração de 320 horas, as aulas foram ministradas por docentes do IFAM e do Senac, um dos parceiros do projeto. Os conteúdos propostos na capacitação objetivaram preparar as mulheres para o acesso ao mundo do trabalho, bem como torná-las conhecedoras de seus direitos e deveres para poderem exercer sua cidadania.

A seleção foi feita por meio de entrevistas, levando em conta a situação de fragilidade socioeconômica das candidatas. A certificação ficou sob responsabilidade do setor de capacitação da Pró-Reitoria de Extensão. A matriz curricular foi construída por docentes do IFAM e do Senac. No total, foram beneficiadas 51 mulheres.

### COMUNIDADE

Moradoras de áreas alagadas, denominadas palafitas. Comum na Região Norte, diversas famílias construíam suas casas em cima de leito de rios. A falta de saneamento, estruturas precárias para a coleta de lixo e as enchentes eram fatores que tornavam as condições de moradia nesses locais insalubres, colocando em risco a saúde dos moradores. Outra fragilidade das moradoras era a falta de qualificação profissional. A maior parte tinha baixa escolaridade e estava à margem do mundo do trabalho.

### PARCERIAS

**Brasil:** Governo do Estado do Amazonas/Programa Social e Ambiental dos Igarapés de Manaus (Prosamim) e Serviço Nacional de Aprendizagem (Senac-AM).

**Canadá:** Niagara College, George Brown College e Collège Montmorency.

## NANCY DOS ANJOS OLIVEIRA

*Professora de Língua Inglesa e gestora do projeto no Amazonas.*

“ Em 2005, quando tivemos a oportunidade de conhecer a metodologia ARAP, por meio da equipe do Niagara College, e elaboramos o projeto piloto, não tínhamos a dimensão exata do resultado de nossa jornada. A primeira reunião no Rio Grande do Norte era apenas a ponta de esperança que começava a se materializar e que traria no seu bojo a grande responsabilidade de construirmos portas de entrada para pessoas que estavam à margem da sociedade e do mundo do trabalho.

Éramos cinco instituições, antes denominadas Cefets, que se dispuseram a trabalhar em busca de novas alternativas e perspectivas de vida para essas pessoas. Hoje, revejo a trajetória do Mulheres Mil e posso afirmar que o IFAM e todo o corpo docente que trabalhou com essas mulheres se sentem gratificados e orgulhosos do processo. Posso afirmar que os objetivos foram alcançados.

O Mulheres Mil tem outra visão de inclusão social, pois, além de propiciar emprego e renda, eleva a autoestima das mulheres. Outro diferencial é o aumento de escolaridade que o projeto prevê e o fato de podermos dar ao público-alvo a possibilidade de ser empreendedor. Outro ponto de maior importância é o papel das mulheres como multiplicadoras de conhecimento dentro de suas comunidades.

O comportamento das alunas, que gradativamente foi mudando, a capacidade delas de superarem problemas com a família e na comunidade onde vivem e a determinação em continuarem o curso nos deram a certeza de que estávamos no caminho certo e que devemos prestar mais atenção aos nossos objetivos, pois podemos mudar para melhor o futuro, garantindo a esses grupos menos favorecidos uma oportunidade de resgate da cidadania e do eu – sujeito da vida, do discurso da coexistência social. E isso muda a história de vida das mulheres e de suas famílias.

Nossas mulheres desconheciam suas potencialidades como atoras de suas vidas e de seus caminhos. Abrir novos horizontes e, ao mesmo tempo, oferecer ferramentas para que elas tivessem consciência da inserção numa sociedade mais igualitária eram desafios de todo dia.

O IFAM e todo o corpo docente que trabalhou com essas mulheres sentem-se gratificados e orgulhosos diante do processo de inclusão social e cidadania que hoje nossas egressas podem vivenciar.



Acompanhar a equipe do projeto e ministrar aulas para um público bastante diversificado redimensionou minha concepção sobre as relações interpessoais e a percepção de mundo que ora experimento.”

### CRISTINA RODRIGUES CARNEIRO

*Psicóloga.*



Devido a minha experiência profissional em uma delegacia, onde realizava o trabalho de facilitadora da garantia de direitos da população, fui direcionada para trabalhar na disciplina direitos da mulher. Abordei o tema Serviços de Atenção em Defesa dos Direitos da Mulher no Amazonas, apresentando às alunas do projeto a rede de assistência à mulher em vigência atualmente no Estado do Amazonas, baseada no que preconiza a Lei Maria da Penha.

Elucidei às alunas como funcionam os abrigos para mulheres vítimas na cidade de Manaus e suas formas de acesso, principalmente para aquelas que estão sob clara ameaça de morte. Divulguei os serviços de atendimento psicológico, social, jurídico, pedagógico e laborativo em vigência e voltados à situação de violência contra a mulher, para que elas pudessem conhecer a rede de assistência existente e poder fazer uso dela, bem como indicá-la às mulheres da comunidade que estejam passando por tal situação.

Os materiais didáticos foram direcionados para esclarecer o funcionamento e a rotina dos atendimentos aos casos de violência doméstica contra a mulher, desde a chegada da vítima na Delegacia Especializada em Crimes contra a Mulher (DECCM) e os principais procedimentos de registro do boletim de ocorrência, inquérito policial, dentre outros, até a chegada do processo à Vara Especializada Maria da Penha, onde serão realizadas as audiências de conciliação e/ou condenação do agressor.

Não tive grandes entraves ao abordar a temática com as mulheres, pois a clientela do Mulheres Mil é semelhante à que eu atendia no Projeto Ame a Vida, ou seja, mulheres de comunidades carentes da cidade. Tal particularidade estimula ainda mais a realização do trabalho, visto que a satisfação de estar ensinando-as a reivindicar seus direitos e ter acesso aos serviços oferecidos no Estado, dos quais a grande maioria sequer ouvira falar, engrandece a importância do Mulheres Mil e do trabalho da equipe multidisciplinar como um todo.”



**FRANCINY PEREIRA***Professora.*

É um projeto muito importante pelo fato de trabalhar com mulheres que não têm expectativa, não estão preparadas para o mercado. Com esse projeto, elas têm a oportunidade de conhecer mais sobre a técnica de camareira, que muitas não conheciam, e pode servir tanto para o futuro trabalho no mercado quanto para a vida pessoal delas.

E é um momento em que elas podem contar os seus problemas, desabafar, e assim elas percebem que as dificuldades são muito parecidas, que não estão sozinhas no mundo. E percebemos que com isso há possibilidade até de resolverem seus problemas.

Fui professora da parte técnica em camareira, acompanhei a parte teórica. Fazíamos muitas dinâmicas e relatávamos o que a vida no mercado proporcionaria para elas. Percebíamos as dificuldades que elas tinham na vida familiar e entre amigos, porque o próprio Prosamim proporciona que elas vivam em equipe, então a gente tenta ajudar.

Com o decorrer das aulas, percebi que elas começaram a se arrumar mais, apareciam mais felizes; muitas que tinham vergonha de falar passavam a falar; até mesmo nas dinâmicas já se percebia uma melhora muito grande na autoestima dessas mulheres.

Foi um trabalho muito interessante tanto para minha vida pessoal como para a profissional, pois nos acrescenta muito, é uma troca muito grande. Percebi que acabamos dando valor a coisas que não são necessárias e que muitas vezes as pessoas precisam é de atenção e oportunidade, e nós podemos passar nossa experiência, nossa vivência.”

**MARIA STELA***Professora.*

Inicialmente, eu estava um pouco apreensiva porque, mesmo tendo feito o mapa de vida delas, observávamos que elas tinham níveis de escolaridade diferentes. Elaboramos um material para que todas pudessem entender. Fizemos um diagnóstico interno na sala, começando por perguntas sobre o que elas entendiam sobre o direito da mulher, se tinham noções. A partir daí, começamos a desenvolver e dar uma série de informações.

Não repassamos de forma sistematizada, mas colocamos os principais pontos sobre os direitos. Fiz um histórico da trajetória da mulher, abordando seu papel na sociedade e como vem evoluindo

e assumindo o mercado de trabalho, até porque antigamente elas tinham educação somente para serem donas do lar, cuidar dos filhos.

Elas demonstram bastante interesse, porque tem relação com o cotidiano. Começam a comparar o que está sendo abordado na sala de aula com a vida, e a perceber que existe uma forma de convivência entre duas pessoas que pode ser sem agressão, sem violência e sem brigas. Outro fator que sempre tento transmitir é que nem sempre o homem está errado, assim como nem sempre a mulher está com razão. Tudo é uma questão de conversa. Elas passaram a perceber que podem modificar o ambiente de casa, a partir dos conhecimentos que recebem aqui no projeto.

Muitas vezes elas só reclamam do marido porque não atentam para os motivos que levam seus companheiros a terem dificuldades no relacionamento. É por isso que sempre abordamos muito essa questão pessoal, de relacionamento interpessoal, em casa com o marido e os filhos.

No Mulheres Mil, conto histórias de pessoas que eram oprimidas e que não tinham objetivos na vida, mas o fato de começarem a estudar já mostra uma nova perspectiva de vida. Mas independentemente da turma em que estou dando aula, sempre digo para todos os meus alunos que não tem como melhorar de vida se não for por meio de estudo. Ninguém fica rico da noite para o dia. Você tem que ter estudo e trabalho. O trabalho dignifica o homem, e as pessoas que têm uma ideia de que o trabalho é algo sacrificante e que não pode ser prazeroso e trazer felicidade estão totalmente erradas.”

### **SORAYA FARIAS AQUINO** *Professora.*

“ O trabalho teve início em abril de 2008, quando recebi o convite para participar. Trabalhei com a primeira turma e continuamos com a segunda, desenvolvendo material voltado para a disciplina de empreendedorismo. Não existe propriamente uma dificuldade, mas uma necessidade de adequar a proposta para cada turma, o que em geral tem tido uma boa receptividade entre as alunas.

As aulas e o material didático são desenvolvidos com a preocupação de atender às necessidades práticas do dia



a dia e trabalhar conceitos básicos do empreendedorismo, assim como suas principais formas de concretização.

Percebi uma grande receptividade por parte das alunas, inclusive com a participação efetiva delas. A experiência tem sido uma boa oportunidade de disseminar os conhecimentos adquiridos ao longo do trabalho desenvolvido na área. Durante a disciplina, abordo a questão da autoestima, da nossa responsabilidade em buscar melhorias na vida e bato muito na tecla da importância de ser persistente, de iniciar uma coisa e concluir, não parar no meio do caminho. Eu também trabalho muito a questão delas se trabalharem como pessoa, para estabelecer os objetivos, alcançar as metas, que são qualidades intraempreendedores. E concluo a disciplina com a elaboração do plano de negócio simplificado.

Essas políticas, quando se voltam para as mulheres, são muito positivas, porque elas são garantia de retorno social. Eu acho o projeto superinteressante, porque a gente está trabalhando com pessoas de baixa renda, a maioria delas sem qualificação; grupos sociais que têm vida precária e essa é a oportunidade de fazer a transformação, que é principalmente interna e vai gerar a melhoria de vida – ter um emprego, ter uma formação, ter uma renda.”

### **VANESSA SENA** *Jornalista.*



Ingressei no cargo de jornalista do Instituto Federal do Amazonas, em junho de 2009, e meu primeiro trabalho foi escrever um texto para o Portal do Mulheres Mil sobre a visita das alunas ao Palacete Provincial. Lembro que foi meu primeiro contato com o projeto. Na ocasião, entrevistei Ivone Rodrigues, aluna sempre animada e falante que participou da segunda turma, inclusive essas foram algumas das razões que contribuíram para que Ivone representasse o projeto, em

Brasília, durante o Fórum Mundial de Educação Profissional e Tecnológica. Assim como Ivone, muitas outras alunas passaram pelo projeto e deixaram sua contribuição, seja pela experiência de vida ou até mesmo pela empolgação por querer aprender sempre mais.

Trabalhar em comunicação tem uma vantagem: poder ir a fundo em assuntos que muitas vezes são delicados, principalmente quando a pauta tem um pouco do íntimo do entrevistado, mas que, com certo jeitinho, conseguimos explorar sem prejudicar o outro. Desde 2009, tenho a oportunidade de contar e divulgar, nem que seja numa pequena entrevista pingue-pongue, a história de vida dessas mulheres e de como o projeto mudou suas vidas. Revelações que muitas vezes trazem indignações, comoções, arrependimentos e, claro, superações de vida.



Com o título 'Alunas ampliam conhecimentos fora da sala de aula', meu primeiro texto escrito no IFAM não apontava somente o que as alunas adquiriram com o projeto durante os seis meses de aula, demonstrava também o quanto, a partir daquele momento, meus conhecimentos sobre a vida começariam a ser ampliados cada vez mais."

### **BÁRBARA ARAÚJO DOS SANTOS**

*Subcoordenadora setorial de projetos sociais do Prosamim.*



O projeto é importante para dar oportunidade de capacitação, profissionalização e geração de renda para mulheres que viviam em situações de vulnerabilidade. Essas mulheres passaram pela mudança do processo de remanejamento e também puderam buscar melhorias para manter sua nova condição de moradia e de vida. A metodologia do projeto é o diferencial, porque atua a partir do aprendizado e da história de vida das participantes, construindo seu conhecimento com base no que a vida já tenha lhe proporcionado.

A educação, a cidadania e, conseqüentemente, a geração de renda são os fatores primordiais numa rede de boas ações para geração de resultados. As famílias, e não somente as mulheres, encontram no Mulheres Mil uma forma de ingressar no mercado de trabalho, um estímulo para continuar os estudos e também o desejo de crescimento e ascensão social e financeira.

Na experiência do Prosamim, o impacto pode estar diretamente ligado à permanência das famílias nas unidades habitacionais, tendo em vista que a nova condição de moradia implica novos ou maiores custos de vida. A mulher, quando entra neste novo momento – trabalho, estudo, vida social –, desperta uma reflexão que tem impacto em toda a família.

Valorizadas na sociedade e na família, as mulheres que participaram do projeto, além da autoestima elevada, adquiriram uma nova forma de ver e viver a vida. Hoje, são pessoas mais confiantes e felizes.

Ser mulher sem uma profissão, morar em um igarapé e não possuir um endereço para preencher uma proposta de emprego eram situações que a maioria das mulheres sofria. Adquirir uma nova moradia, com endereço e CEP, e conquistar uma profissão superam todos os preconceitos e discriminações."



**SANDRA MAGNI DARWICH***Pró-reitora de Extensão do Instituto Federal do Amazonas.*

Quando iniciamos o Mulheres Mil, eu estava como diretora de Extensão. Fiz parte da comissão que estruturou o projeto e procurei estar presente e apoiar, tanto na parte de execução como na parte das ideias, porque todos os institutos têm peculiaridades e precisávamos adequar o projeto a essas peculiaridades. Atualmente, meu papel é mais de gestão junto com a coordenação do projeto.

O Mulheres Mil vem dando resultados positivos. Observamos isso no próprio desenvolvimento do trabalho e das egressas, que sempre mantêm contato conosco; algumas já estão no mundo do trabalho na área em que se formaram, que é o nosso objetivo. Ainda tem uma questão importante, que é a modificação na vida das pessoas, que o projeto promove devido às ações implementadas e pelas oportunidades que elas têm durante seu desenvolvimento.

O curso abre uma visão de mundo diferente, trata de problemas da mulher, relações humanas, na parte dos direitos da mulher. E toda essa bagagem, mesmo sem ser do eixo profissionalizante propriamente dito, do eixo de formação para a vida, como denominamos, com certeza contribui para tudo: autoestima, melhoria da qualidade de vida e até para aquela visão de mundo e do próprio tratamento com a família.



Nosso objetivo é que Mulheres Mil seja institucionalizado pelo Instituto Federal do Amazonas. Estamos discutindo com a parte acadêmica, Pró-Reitoria de Ensino, e, provavelmente, será um processo de entrada regular. Como a procura tem sido muito grande, estamos discutindo uma maneira de receber essas pessoas aqui. Sabemos que, em função da escolaridade, não podemos fazê-lo via processo seletivo regular, isso limitaria muito. Estamos discutindo a possibilidade de ampliar para outra área e não ficar só no foco de camareira, que é nossa área atual."

**STEVEN ELLIOTT***Estudante canadense.*

Estes últimos seis meses têm sido uma experiência maravilhosa. Chegamos a Manaus no início de setembro para trabalhar com o Projeto Mulheres Mil no IFAM. Nosso contrato foi providenciado pelo Niagara College, no entanto financiado pela Canadian International Development Agency (CIDA), que em parte ajudou a financiar o Projeto Mulheres Mil.

Durante o nosso tempo aqui, pudemos conversar com várias mulheres que participaram do projeto e o concluíram. Foi uma experiência difícil monitorar as mulheres devido às suas condições de

vida: muitas delas mudaram de endereço e número de telefone. No entanto, após entrevistar várias mulheres, pudemos avaliar a opinião geral sobre suas experiências ao concluir o programa e trabalhar no mercado formal como camareiras.

Todas as mulheres tinham coisas muito positivas a dizer sobre suas experiências. Elas sentiram que, embora o programa tenha uma taxa de graduação relativamente baixa em relação ao número inicial de participantes, em geral foi um enorme sucesso. Muitas das mulheres que iniciam o programa são incapazes de concluí-lo devido a circunstâncias pessoais. A maioria das mulheres tem filhos para cuidar e é proveniente de famílias de renda muito baixa. Encontrar tempo para frequentar as aulas e lidar com seus parceiros que não as apoiam foram os maiores desafios para as mulheres.

No entanto, todas aquelas que completaram o programa disseram que se sentiram mais autoconfiantes, educadas e que tiveram a chance de melhorar a sua situação de vida. As aulas proporcionaram-lhes uma oportunidade de ser mais independentes e compartilharem suas experiências com outras mulheres em situações semelhantes. Para aquelas que completam o programa, é oferecido um estágio em hotéis de Manaus. Para algumas das mulheres isso levou a um emprego permanente.

Muitas das mulheres manifestaram o interesse em continuar a estudar em outras áreas após o término do projeto ou ter outras opções além do programa de camareira. Essas entrevistas nos proporcionaram a oportunidade de ver como o projeto afeta as participantes pessoalmente.

Além disso, trabalhamos com o Prosamim para melhor compreender a situação de onde vêm as mulheres. A maioria das mulheres vive em bairros reconstruídos onde os igarapés estavam localizados. Elas foram temporariamente transferidas, enquanto as casas em ruínas que povoavam os igarapés eram derrubadas e substituídas por novos complexos de apartamentos.

Foi um grande projeto no valor de milhões de reais, no entanto, ele transformou algumas das áreas mais pobres da cidade e proveu uma nova casa e comunidade às famílias mais pobres da cidade. O Prosamim continua trabalhando dentro dessas comunidades lidando com várias questões, tais como moradia, problemas com drogas, reciclagem e emprego. Trabalhar com o Prosamim nos ajudou a melhor compreender a situação dentro das comunidades onde vivem as participantes do Projeto Mulheres Mil e a testemunhar em primeira mão o seu trabalho nas comunidades.”



**LINDA LAU***Estudante canadense.*

O estágio de seis meses da Canadian International Development Agency (CIDA) começou em setembro do ano passado. O programa de estágio financiado pelo governo canadense é projetado para ajudar jovens profissionais no Canadá a obter a valiosa experiência de trabalho, contribuindo com projetos em países em desenvolvimento. O meu colega Steven Elliott e eu fomos enviados para Manaus – Brasil, onde trabalharíamos no Projeto Mulheres Mil do Instituto Federal do Amazonas (IFAM). O Mulheres Mil é um projeto de geração de renda para mulheres carentes de todo o país e o nosso papel era ajudar a preparar as mulheres com as habilidades necessárias para que elas conseguissem empregos significativos e sustentáveis. Esta mostrou ser a oportunidade perfeita para mim, pois tem sido o meu sonho pessoal trabalhar no estrangeiro num projeto de desenvolvimento social. Desde que chegamos ocupamo-nos com uma vasta gama de tarefas. A equipe do IFAM foi extremamente útil em nossa instalação na cidade, bem como em nos levar para diferentes *campi* do IFAM a fim de melhor compreender o funcionamento da Instituição. Além disso, nos envolvemos bastante com a PROEXT e o Departamento de Relações Internacionais, onde pesquisamos, elaboramos relatórios e participamos de inúmeros eventos e conferências. Além disso, lecionamos inglês para os funcionários e professores, visando melhor prepará-los para mais parcerias internacionais no futuro.

Em termos do trabalho com o Projeto Mulheres Mil, nos concentramos em pesquisar o andamento do projeto. Em particular, entrevistamos as ex-participantes do projeto e perguntamos sobre suas perspectivas. Ao entrevistar as mulheres, tivemos a oportunidade de discutir os desafios que elas enfrentaram enquanto participavam do programa, o que elas gostaram ou não gostaram e quais mudanças eram necessárias para melhorar o projeto. Todas as mulheres com quem conversamos tinham completado o programa e a maioria estava bem empregada, enquanto algumas voltavam à escola para avançar em sua educação. Todas elas também elogiaram o programa. Foi uma experiência muito interessante para mim ouvir as suas experiências pessoais, as dificuldades que elas superaram e o sucesso recente que agora desfrutam.

Embora agora possa dizer que foi uma das experiências mais emocionantes e memoráveis, nem sempre foi tudo fácil. Já viajei e vivi brevemente em outros países anteriormente, no entanto, seis meses foram o período mais longo que estive longe de casa e também foi minha primeira visita à América Latina. No começo, achei muito desafiador viver em um lugar completamente estranho. Fui constantemente forçada a adaptar-me a novos ambientes e tive dificuldades principalmente por causa das diferenças culturais e das barreiras linguísticas. O clima tropical úmido foi também extremamente difícil para uma canadense se acostumar! No



entanto, estou feliz e grata que tenha passado por essa experiência, porque as lições de vida que aprendi enquanto morava no Brasil me ensinaram mais do que qualquer sala de aula poderia. Enriqueceu meu desenvolvimento tanto pessoal como profissional, de uma forma que eu não poderia imaginar antes de vir. Sinto que estou pronta para assumir mais desafios no futuro e gostaria de enviar os meus sinceros agradecimentos ao pessoal do IFAM, por sua generosa hospitalidade, e às mulheres do Projeto Mulheres Mil, por sua coragem. Muito obrigada, Manaus!”

### JOÃO MARTINS DIAS

Reitor do Instituto Federal do Amazonas.



É um programa que traz melhoria na qualidade de vida de um grupo de mulheres de baixa renda e que provoca uma elevação na autoestima. Mas temos ambições maiores: queremos aumentar o número de alunas absorvidas pelo mercado de trabalho.

A partir do momento que oferecermos a oportunidade para que essas mulheres continuem com seus estudos, não somente adquirindo a qualificação, mas também fazendo um curso técnico, além de procurar aumentar as parcerias, principalmente com os hotéis, teremos melhores resultados.

Há uma necessidade criteriosa em fortalecer o curso, porque estamos vivenciando um *boom* de construção de hotéis para a Copa de 2014; a demanda necessita de mão de obra. Estamos esperançosos com a abertura do número de empregos neste setor. Além do curso de camareira, estamos analisando, junto com a coordenação do projeto, a possibilidade de oferecer a qualificação em hospedagem e assim ampliar as chances no mercado de trabalho.

Acredito que vai melhorar bastante, porque as alunas vão adquirir uma formação mais aprimorada, vai ocorrer uma verticalização do conhecimento. Esta ação vai ser um ganho muito maior do que terminar somente a qualificação em camareira e parar de estudar.

Ainda vamos conversar com a Setec (Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica) para criarmos o curso técnico em Turismo. Desta forma, estaríamos contribuindo para a formação dessas mulheres. Elas começariam no Mulheres Mil e poderiam mais tarde ingressar no ensino técnico.”





**BAHIA**

## UM TOUR EM NOVOS HORIZONTES

O Instituto Federal da Bahia beneficiou 122 mulheres com a oferta de qualificação nas áreas de camareira e cuidador domiciliar. Em função da violência e do domínio do tráfico de drogas, um dos desafios do IF foi estabelecer o diálogo com as moradoras das comunidades. Inicialmente, foi realizado diagnóstico da comunidade Vila Dois de Julho (projeto piloto) por meio de entrevistas domiciliares contando com a participação de professores, funcionários e alunos. Na definição do grupo de mulheres que iriam ser beneficiadas foi dada prioridade às que possuíam menor renda familiar, com qualquer nível de escolaridade. As seleções foram feitas a partir da análise de questionário específico, a fim de efetuar a caracterização socioeconômica das mulheres.

Na primeira turma, foi ofertada capacitação para camareira. Porém, em função do preconceito de cor e da idade das alunas, foram detectadas dificuldades de inserção no mercado de trabalho. Para driblar essa questão, o IF ampliou a oferta e criou um curso novo, o de cuidador domiciliar, que tem um potencial considerável de mercado de trabalho. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2008, para cada 100 crianças de até 14 anos, existiam 25 idosos de 65 anos ou mais. A previsão é de que em 2050 sejam 173 idosos para cada grupo de 100 crianças.

Para garantir a matrícula regular, o sistema da Instituição foi adaptado, e as mulheres foram matriculadas na modalidade de Formação Inicial e Continuada (FIC), e os certificados foram emitidos pelo Departamento de Relações Empresariais, que responde pelos cursos de extensão. O curso de camareira teve carga horária de 160 horas, e o de cuidador domiciliar, de 188 horas.

### COMUNIDADES

O projeto foi implantado no entorno da Estrada Velha do Aeroporto, nos bairros Vila Dois de Julho, Nova Brasília, Jaguaribe 2, Jardim Nova Esperança, Vilamar e Sete de Abril.

### PARCERIAS

**Brasil:** Terreiro Mokambo, Centro de Meditação Raja Yoga Brahma Kumaris, Associação de Moradores da Comunidade Vila Dois de Julho (Amovila), Igreja Batista Betesda, Paróquia de São Lázaro, Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares do IFBA.

**Colleges:** Niagara College, George Brown College e Collège Montmorency.

**REGINA CELE COTTA LOVATTI***Professora e gestora do Mulheres Mil na Bahia.*

A grandeza desse projeto é difícil de mensurar, tendo em vista as diversas nuances que envolvem o desenvolvimento de um trabalho socioeducativo de tal magnitude, não no sentido da quantidade do público atendido, mas nos impactos deixados em todos que fizeram parte de seu desenvolvimento.

Aspectos sutis devem ser evidenciados, pois normalmente não são considerados nos indicadores de desempenho e nos resultados esperados, dentre eles as mudanças comportamentais e de atitude dos participantes – educandas, gestores, voluntários, parceiros, docentes e técnicos administrativos.

Primeiramente a construção de uma grade curricular inovadora que adicionou a concepção do ser espiritual com ênfase nas qualidades e virtudes inatas, sem qualquer vínculo religioso. Os efeitos desse despertar espiritual podem ser percebidos na fala e atitude positivas e seguras, nos relacionamentos mais harmoniosos e na elevação da autoestima das educandas, tendo como ferramentas os *workshops* de qualidade de vida, abordando o desapego às ideias, pessoas e coisas; os relacionamentos com o 'eu' e com os outros; as diversas faces da mulher e as vivências de meditação. Em consequência, todos que interagiram com as educandas sofreram influência desse novo pensar, falar e agir, de modo a contagiá-los com tranquilidade, comprometimento, equilíbrio, alegria, ânimo e entusiasmo.

Os desafios enfrentados com muita coragem e positividade também foram experimentados por todos os participantes. De um lado as educandas com o retorno aos 'bancos da escola' e a reestruturação da rotina diária, já tão estafante devido às tarefas domésticas e à busca pelo 'pão de cada dia' por meio de atividades transitórias. Por outro lado, as dificuldades da implantação de um projeto voltado para um público-alvo antes não integrante da estrutura de cursos oferecidos na Instituição, e nisso as maiores dificuldades foram sentidas quando da necessidade de tornar esse público alunas matriculadas no IFBA, tendo em vista todos os entraves burocráticos que tiveram que ser reavaliados e as soluções buscadas e, felizmente, encontradas e colocadas na prática.

Além disso, oferecer um curso na área de saúde, que fazia parte das expectativas das educandas, mas não da história e experiência acadêmica do IFBA, foi outro desafio vencido. Profissionais autônomos voluntários da área de saúde, bem como da própria Instituição – técnica e graduanda em enfermagem (estagiária), odontóloga e médica do serviço médico ocupacional –, que se dispuseram a atuar no curso de Cuidador de Idoso, integraram o corpo docente. Apesar dos docentes terem tido comprometimento e espírito de



cooperação e solidariedade, em alguns momentos isso se tornou um problema, pois as aulas tinham de ser adequadas aos diferentes horários livres de cada voluntário, exigindo remanejamentos frequentes por conta de escala de plantão, compromissos profissionais etc.

A empregabilidade das egressas e a disposição dos voluntários em participar de outras turmas fizeram com que o curso fosse novamente oferecido.

Outras situações exigiram uma atenção especial que despendeu tempo e/ou criatividade para sua solução, como local para reunião na comunidade, transporte e alimentação das educandas até a liberação das bolsas-auxílio, estreitamento da relação com o mundo do trabalho, estabelecimento de parcerias para recepção das educandas para vivências práticas, definição de mecanismos para utilização dos recursos financeiros alocados no projeto, acessibilidade aos direitos do discente do IFBA, sem que elas estivessem matriculadas oficialmente, reuniões individuais com educandas com grande número de faltas, a fim de reduzir a evasão.

O Projeto Mulheres Mil também possibilitou bons aprendizados, dentre eles:

*Pessoal* – a experiência única de fazer parte da história de vida das participantes, acompanhar a transformação delas, o processo que desencadeou um novo olhar para si mesmas e para o outro e participar do descortinar de suas potencialidades. Além disso, a mudança na percepção do papel como gestora, não como 'mãe' que sentia ter fracassado a cada evasão, mas como profissional que deve expressar o lado humano sem nunca esquecer o compromisso com a educação e o direito que cada indivíduo tem de fazer suas escolhas ou de compreender a falta de opções – realidade desse público.

*Profissional* – compartilhar experiências com profissionais canadenses e de outros Institutos enriquece e preenche nossa 'bagagem' profissional, e isso não é veiculado pela academia. Os subprojetos possibilitam o compartilhar de conhecimentos empíricos de forma significativa, por meio da vivência da diversidade cultural explícita na fala, no olhar e no agir de cada um que fez parte do projeto de alguma maneira.

*Institucional* – nova visão da educação, com a expansão do público assistido pelo IFBA e atuação conjunta de docentes, técnicos e discentes.

E, como balanço desses quatro anos de projeto, a certeza de que sem parceiros internos e externos não teria sido possível a viabilização dos cursos oferecidos; a motivação das educandas e o



compromisso mútuo em concluir os cursos nos impulsionaram, e as dificuldades fizeram com que novas possibilidades fossem criadas, afinal, tudo tem um benefício embutido. Ao termos fé em nós mesmos, em Deus e que tudo que acontece é bom, o sucesso é garantido!”

### MANUELA DOS REIS MESSIAS

*Aluna do Instituto.*



Eu trabalhei como estagiária na turma piloto, quando foram selecionadas 40 mulheres. Eu ligava para as alunas, fizemos a visita *in loco* nas casas. Eu também ajudava a buscar possibilidades de estágio, entrava em contato com hospitais, pousadas e hotéis. Uma das dificuldades era a baixa escolaridade, porque muitas delas não tinham o segundo grau completo e nos hotéis eles também queriam pessoas que falassem inglês.

No projeto, aprendi a conviver, a respeitar a diversidade, porque eram religiões diferentes, culturas diferentes, o convívio social totalmente diferente, outros costumes, outros hábitos. Aprendi a valorizá-las, não só porque era o meu trabalho, mas porque eram um ser humano também. Elas traziam lições de vidas para serem seguidas, lições de superação. Quem participava se contagiava com elas. Aprendi com a garra delas, o que elas podiam sugavam de conhecimento. Foi uma coisa muito interessante.

Do ponto de vista profissional, é como se eu estivesse num processo de recursos humanos. Aprendi a ver o outro de uma forma diferente. Também aprendi diversas coisas na capacitação. Assisti às aulas de autoestima e isso me desinibiu muito. Fui à casa delas, conheci os familiares.

Elas gostaram muito, mesmo aquelas que não conseguiram um trabalho dentro da área; mas o que conseguiram aqui ajudou no trabalho que já faziam, porque muitas delas eram diaristas ou empregadas. Muitas conseguiram um trabalho, deixaram de depender dos maridos. Muitas voltaram a estudar também.

O projeto é magnífico, porque resgata o valor da mulher, porque dá aquela guinada na vida, aquela motivação; as deixa com a autoestima elevadíssima, porque contribui para o crescimento, tanto pessoal como profissional.”



## FERNANDO ANDRADE SANTANA

*Chefe da Divisão de Serviços Auxiliares.*



Com relação ao Projeto Mulheres Mil, nós temos uma participação efetiva, porque normalmente as solicitações são feitas para o Setor de Transporte, e a gente tem feito tudo de maneira que consiga dar um atendimento. Por que nós temos essa preocupação? Porque a gente entende que é um projeto voltado para mulheres carentes, pessoas que necessitam de oportunidade, e esse projeto vislumbra isso: oportunidade para essas mulheres.

Nós orientamos os motoristas que o tratamento, quando vamos buscá-las na comunidade, deve ser igualitário a todos os outros alunos. Ficamos satisfeitos em poder fazer esse tipo de trabalho e esperamos estar contribuindo para que essas mulheres consigam seus objetivos.”

## AURELINA CONCEIÇÃO SACRAMENTO

*Professora.*



Eu ministrei a disciplina de saúde, meio ambiente e segurança, voltada para cuidador domiciliar. Eu fiquei surpresa porque a sala estava completa, ninguém faltava, era uma atenção... Essas meninas têm uma carência de informação, são abertas à informação. Não são aquelas pessoas que ficam na dúvida: ‘Vou perguntar ou não vou perguntar?’. Elas sabem que precisam aprender porque vão colocar em prática e é esse conhecimento adquirido que elas vão usar no dia a dia. Então, elas aproveitam, perguntam tudo.

No início, ficam um pouco tímidas, com medo e dizem:

‘Ah, professora, será que eu sei, será que eu não vou abrir a boca para falar besteira, porque eu não estudei tanto?’. Aí eu respondia: ‘Nada, não é por aí. Vamos ver o que você tem conhecimento, as coisas que você coloca em prática e que você aprendeu no seu dia a dia, lidando com filho, com mãe, com avó, com parente’, porque essas pessoas são muito solidárias. A partir daí você alinha, vai trabalhando o material, quem já viu alguma coisa passa a fazer uma revisão, mas sempre procurando uniformizar o conhecimento para a turma. Como eles mostram essa sede de conhecimento, e isso é ótimo, incentiva a gente a trabalhar.

Quando você vê um nicho de mercado desses que está se formando e dando certo, não há coisa melhor. E você saber que está passando conteúdo que vai ser colocado automaticamente em prática, porque elas estão aprendendo e vão trabalhar com isso, e poder dizer: ‘Eu contribuí para que essa pessoa tivesse um trabalho digno’.



Uma coisa que eu gostei da turma foi a seriedade delas acompanharem, de se prontificarem para aprender, sem aquele tabu de que não vão aprender. Elas também correlacionam o que os outros professores falam e isso é sinal de que estão aprendendo.

É ótimo trabalhar com essas alunas, elas são ótimas, são espontâneas, lhe agradecem por tudo e você aprende muito com elas. Como professor, a gente se sente importante, porque vê que o que ela aprendeu vai colocar em prática, e vai dar certo! E você poder dizer: ‘Eu não morro sem motivar e transferir tudo que aprendi’”.

### **PAULA MARA MESSIAS COSTA** *Professora.*



Atuo no Mulheres Mil desde 2005, quando representantes do Niagara College fizeram uma reunião no Instituto e depois iniciamos o projeto piloto. Em 2006, o acordo entre Canadá e Brasil foi assinado e continuei atuando no Projeto

Nos anos seguintes, continuei fazendo parte da equipe gestora, atuando como apoio da coordenação, e lecionei nas três turmas que capacitamos. Tivemos muitas dificuldades para implantar o projeto. A primeira foi explicar para o público interno e externo ao IF o que significava esse projeto. Depois, foi conseguir espaço na Instituição e reconhecimento perante nossos colegas de trabalho. O positivo foi que conseguimos imediatamente o apoio e reconhecimento da reitora e do pró-reitor de Extensão. Contamos com a ajuda de vários colegas professores que ministraram aulas e também conseguimos que professores externos lecionassem, em suas especialidades, como voluntários.

Em 2010 o projeto MM passou a ser parte da Pró-Reitoria de Extensão (Proex), e conseguimos matricular as mulheres da terceira turma como alunas do programa de Formação Inicial e Continuada (FIC). Isso trouxe para essas alunas o direito a utilizar o serviço médico institucional, a meia passagem de ônibus, entre outros.

Como professora, tive dificuldade em trabalhar com um grupo formado apenas por mulheres que se encontravam em situação de risco social e tinham uma série de restrições de moradia, locomoção, violência doméstica, necessidades financeiras etc. Não havia trabalhado com grupos com essas características. Além disso, tivemos que conquistar o respeito e o reconhecimento das alunas e do projeto no IF.



Aqui, as perspectivas para o projeto são as melhores; o projeto dentro do IFBA vai ser o programa MM e será implantado em outros *campi*”.

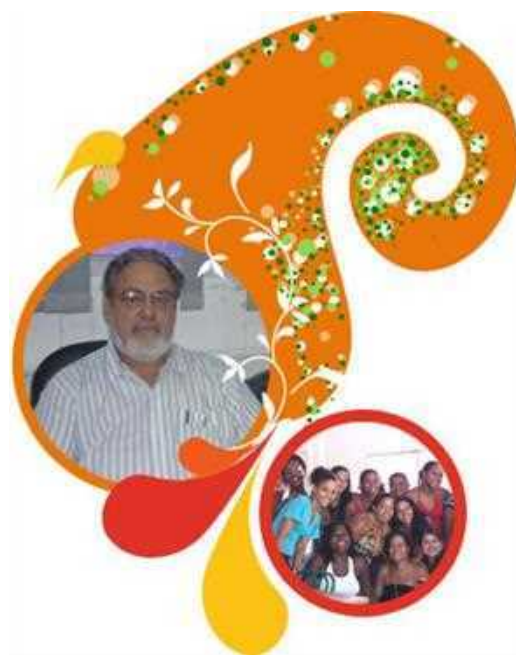
### CARLOS DE ALEXANDRIA BRUNES

*Pró-reitor de Extensão do Instituto Federal da Bahia (IFBA).*



Por incrível que pareça, é um contraste muito grande: estar em uma Instituição com base tecnológica e ter um projeto dedicado à questão social. E essa é uma das magias do projeto. Você envolve pessoas de todas as áreas. Eu tive oportunidade de ver, na colação de grau, que tem colegas dos mais diversos setores que se preparam para ministrar disciplinas que habitualmente não ministram. Esse projeto envolve desde doutores até os mais simples servidores, e isso é importantíssimo! Isso é uma grande lição, porque fica todo mundo com vontade de participar de um projeto desse tipo.

Eu acho que a magia desse projeto é essa capacidade de envolver. Sob a ótica das mulheres, essa mudança, essa transformação delas é maravilhosa. Eu diria para os Institutos que ainda não oferecem o Mulheres Mil que abracem esse projeto de coração, porque vale a pena e é uma missão muito importante e está dentro das linhas de ações governamentais e da missão dos IFs. E é possível! Nós começamos o projeto com a meta de atender mil mulheres no Norte e Nordeste, e espero que ele se transforme em mil mulheres para cada instituto.”



### AURINA OLIVEIRA SANTANA

*Reitora do Instituto Federal da Bahia (IFBA).*



O Mulheres Mil é um projeto que antes de tudo valoriza a mulher, principalmente aquelas em situação de risco. Então, para nós que demos atenção durante esse tempo a mulheres que estão morando em Vila Canária e adjacências, foi importante, porque, de acordo com o levantamento que fizemos, tivemos oportunidade de beneficiar pessoas que em geral apresentam uma baixa autoestima, e o Mulheres Mil visa principalmente isso, aproveitar tudo aquilo que elas sabem, os saberes adquiridos com as experiências de vida, ainda que sejam experiências que a gente precise melhorar. Valorizar essas experiências, para nós, do Instituto, foi uma experiência diferenciada de tudo aquilo que a gente já vivenciou.

A importância desse projeto é principalmente dar atenção a essas mulheres. E acho que um projeto voltado para atender apenas as mulheres é importante, porque a gente percebe no olhar de cada uma delas o quanto elas cresceram. E o nosso Instituto tem não apenas prazer, mas principalmente

obrigação de atender, e atender da melhor forma possível a essa parcela carente da sociedade baiana. A nossa tendência é ampliar esse projeto de maneira a atender o maior número possível dentro do nosso Instituto.

As dificuldades de implantação temos sempre. Primeiro, porque nós funcionamos, como qualquer outra instituição da rede federal, atendendo a legislações, atendendo a muitas amarras, inclusive. Uma das grandes dificuldades era o deslocamento dessas pessoas, porque nós não conseguimos ter um espaço adequado na comunidade, que era a nossa pretensão. Esse é um projeto completamente voluntário, é um projeto onde os instrutores, os professores, as pessoas que trabalham efetivamente no projeto não têm ganhos em recursos, são voluntários. O IF, de certa forma, tem que se organizar para oferecer os meios, e um desses é a gente ter condições de pelo menos dar o deslocamento.

Essas mulheres se disponibilizam, elas querem fazer, elas querem crescer, e a gente fica muito triste quando a gente tem dificuldades em fazer esse atendimento e dar toda a atenção necessária. Ainda não é aquilo que desejamos, a gente pretende dar um *upgrade* a esse projeto, pretende fazer uma transformação real de forma a melhor atender a esse conjunto de pessoas. Até então nós temos feito um esforço e tem sido reconhecido por todas as mulheres que participam do projeto. E é bem gratificante, pois a gente vê o crescimento real dessas pessoas, e não apenas delas, mas é um reflexo natural na família. A gente percebe que tudo aquilo que elas aprendem, tudo aquilo que elas vivenciam nesse contato com o Instituto elas ampliam para os seus familiares. Isso é mais importante ainda.

As aprendizagens são muitas. Para o Instituto, é sempre o enriquecimento. Primeiro, trazer essas mulheres para dentro da Instituição foi bom porque nós vivenciamos um mundo diferente, nós vivemos uma experiência completamente diferente até pedagogicamente falando. Pois o método é completamente diferente daquele que a gente aplica na Instituição como metodologia regular de ensino. Esse método RAP é um método que nos ensina muito mais do que a gente passa para elas e elas trazem suas experiências distintas, visto que cada pessoa tem uma experiência diferente. Então, para nós, é muito enriquecedor. Todo mundo que participou do projeto diretamente, que deu aula, todos eles comentam a mesma coisa: o quanto foi rico ter como parceiras essas pessoas, vindas de um bairro pobre, com experiências completamente diferentes das nossas. Isso foi muito importante para o Instituto como um todo e foi muito importante para aquelas pessoas que participaram do projeto.

Nós já tivemos oportunidade de conversar com os diretores dos *campi* para que eles tomem conhecimento da nossa intenção de ter em cada *campus* uma turma ou mais de uma para atender essas mulheres. Principalmente agora, que a gente se expande para cidades que



convivem com situação de risco e com situações de pobreza, é preciso que o Instituto tome para si essa responsabilidade de qualificar as pessoas, e não apenas as mulheres. Aí nós vamos expandir esse projeto, agregando mais pessoas, homens, e todas as pessoas que queiram participar de uma qualificação profissional. E vamos expandir também para que esse projeto se transforme não apenas em um projeto de qualificação, mas em um projeto de crescimento e de iniciação de uma nova vida e de crescimento acadêmico. Nós pretendemos que esse projeto se transforme em um projeto onde as mulheres que entram consigam concluir o seu nível médio, fazendo uma qualificação profissional.

Nosso objetivo agora é expandir para tornar o Mulheres Mil um projeto efetivo dentro Instituição, em primeiro lugar, e, em segundo, fazer desse projeto um projeto de atendimento ao nível de escolaridade dessas pessoas. E em todos os institutos e não apenas os do Norte e Nordeste.”



**CEARÁ**

## MULHERES DE FORTALEZA

O Instituto Federal do Ceará ofertou capacitação na área de Turismo, com qualificação para as ocupações de camareira e manipulador de alimentos para mulheres do bairro Pirambu. De 2008 a 2011, trabalhou com três turmas e contabiliza atualmente 24 alunas inseridas no mercado de trabalho, atuando em hotéis e em áreas diversas.

Para viabilizar a implantação, foi necessário articular os diversos setores do IF, entre eles as diretorias de ensino, extensão e planejamento, a merenda escolar, a gráfica, o transporte, as compras, o almoxarifado. O registro acadêmico das alunas está sob a responsabilidade da Diretoria de Extensão do *Campus Fortaleza*, que emite seus certificados, estando elas incluídas na matriz orçamentária do IF. As aulas foram ministradas por alunos dos cursos superiores de tecnologia e voluntários, supervisionados pela equipe multidisciplinar. A capacitação ofertada para cada turma tem carga superior a 380 horas. As aulas são ministradas no período da tarde, três dias por semana para as duas primeiras turmas e todos os dias para a terceira turma.

Dentre as mudanças trazidas pelo Mulheres Mil destacam-se a inserção da comunidade dentro do Instituto, a formatação de qualificações direcionadas para as necessidades dessas alunas, as construções do escritório de acesso e do laboratório de camareira e uma formação mais humanitária das alunas.

### COMUNIDADE

O Pirambu é um bairro estigmatizado pela pobreza e violência, apresenta uma das maiores densidades populacionais do Brasil e baixos indicadores sociais, porém acumula muitas conquistas e histórias de lutas pelos direitos de cidadania. A marca registrada do Pirambu é a resistência que há dentro de cada um dos seus moradores, demonstrada na forma de sorrir e sonhar com vidas mais dignas; é a força de uma comunidade que nunca desiste de seus sonhos.

### PARCERIAS

**Brasil:** ONG Emaús, Associações de Bairro do Pirambu, Centro de Pesquisa e Qualificação Tecnológica (CPQT) e Associação Brasileira da Indústria de Hotéis-CE.

**Canadá:** Niagara College, George Brown College e Collège Montmorency.

**SARAH RIBEIRO***Professora de Língua Inglesa e gestora do projeto no Ceará.*

Escrever sobre os cinco anos do Projeto Mulheres Mil em uma lauda será um desafio. Ao mesmo tempo, é apropriado, pois este foi e continua sendo um desafio, desde o seu início, quando tivemos o primeiro curso sobre ARAP, em outubro de 2005, em Natal, Rio Grande do Norte. Naquele momento, eram apenas três Cefets da Região Nordeste – Bahia, Ceará e Rio Grande do Norte – e dois da Norte – Amazonas e Belém.

Tudo parecia distante de nossas realidades: portfólios? Escritórios de acesso? Reconhecimento de aprendizado prévio? Como isso poderia ser feito em nossas instituições que já tinham uma demanda impossível de ser atendida em seus concursos de admissão? Como ‘dever de casa’, deram-nos a tarefa de preparar um projeto piloto de capacitação em qualquer área profissional relacionada ao Turismo para apresentarmos os resultados em março do ano seguinte. Retornamos para nossas instituições, organizamos uma pequena equipe de trabalho e tentamos responder ao que havia sido solicitado dentro das condições apresentadas. Aliás, esta é outra característica do projeto – cada IF trabalha com suas próprias condições de infraestrutura física e de pessoal e adapta-se a elas.

Escolhemos o bairro Pirambu como nossa comunidade a ser beneficiada por já haver outros trabalhos sociais em andamento lá. Inicialmente, quatro alunos do curso de Hotelaria matriculados na disciplina Projeto Social ministraram aulas práticas para 10 mulheres selecionadas e, em seguida, elaboramos seus portfólios. Como era de se esperar, naquele momento não conseguimos fazer tudo o que o ARAP possibilita, mas o pouco que foi realizado em cada piloto foi o suficiente para que pudéssemos seguir em frente e vislumbrar a possibilidade de fazer muito mais. Mudanças viriam a acontecer nos anos seguintes, algumas das quais nunca havíamos imaginado serem possíveis.

As mudanças mais importantes aconteceram para as alunas beneficiadas pelo projeto. Estas serão difíceis de descrever e contabilizar, mas algumas delas são possíveis de se conhecerem através de seus próprios depoimentos. O projeto inicial sofreu também algumas alterações, à medida que foi transformando-se em realidade. Quanto a mim, as mudanças aconteceram tanto em nível pessoal quanto profissional. Cito apenas algumas.

Além de ser professora, agora tinha que saber administrar e, em algumas ocasiões, preparar pequenos eventos, coisas que ainda estou aprendendo. Mas, como muito falamos das competências adquiridas através do ‘fazer’, quem sabe estas serão um dia certificadas, mesmo havendo alguns hiatos, pela Rede Certific, que está diretamente ligada ao Mulheres Mil desde sua concepção.



Redescobri meu lugar de trabalho e passei a conhecer pessoas, setores e procedimentos que nunca havia tido a oportunidade ou a necessidade de conhecer nos meus, até então, 13 anos de docência no Cefet, e, acreditem, todos os departamentos do IFCE, de alguma forma, estão envolvidos com o Mulheres Mil. Isto é o que o torna institucionalizado.

As viagens, apesar de serem maravilhosas fontes de crescimento e conhecimento, são outro desafio para quem tem filhos ainda pequenos e mudam toda a rotina do lar. Ir ao Canadá foi uma experiência única, sem querer desmerecer os outros estados do Brasil que visitamos para participar de várias capacitações durante o projeto, mas foi visitando os *colleges* que pude começar a entender como se dava na prática o que já havia visto na teoria. Como professora de Língua Inglesa, foi uma excelente oportunidade de praticar o idioma.

Vencer a timidez e ter que dar entrevistas, tirar fotografias, escrever este relato e estar à frente de determinadas audiências foram e sempre serão um enorme desafio. Contudo, o contato com as pessoas que conheci por meio deste trabalho considero ter sido o maior benefício. O Mulheres Mil é essencialmente um trabalho de equipe para que pessoas se transformem e transformem quem está ao seu redor em algo melhor.

As equipes dos subprojetos sofreram várias modificações, o que interferiu muito no andamento e nos resultados do projeto. Neste ponto, gostaria de apresentar meus agradecimentos à equipe do Mulheres de Fortaleza, que também passou por mudanças, mas sempre respondeu às demandas enfrentando todas as dificuldades apresentadas. O apoio institucional foi também algo imprescindível para que os muitos desafios que tivemos ao longo destes anos fossem superados.

Hoje, trabalhando com a terceira turma, com o escritório de acesso em funcionamento e com a perspectiva de que o projeto se transforme em um programa nacional, percebo que tudo o que agora celebramos foi conquistado passo a passo, valorizando as 'pequenas vitórias'. Em alguns momentos a passos largos, em outros nem tanto. Algumas vezes retrocedendo e repensando. Não considero que o trabalho esteja acabado, nem que tudo esteja perfeito. Novos desafios e mudanças surgirão."

### CARLA DA COSTA SILVA

*Aluna do curso superior de Tecnologia em Hotelaria.*



Eu sempre quis participar de um projeto social, mas não sabia como ajudar pessoas que estão à margem e passaram muito tempo sem estudar, mas que vivem à procura de uma possibilidade de crescimento, de uma oportunidade de atuar no mercado de trabalho. No Mulheres Mil, eu encontrei muita receptividade. Eu fui professora da disciplina teórica de manipulação de alimentos. Encontrei a estrutura para que eu pudesse transmitir para as alunas todo o conhecimento acadêmico que eu adquiri aqui dentro do Cefet.



Eu procurei passar não somente todo o conhecimento que adquiri na minha vida acadêmica aqui, mas compreender a história de vida delas e fazer com que elas crescessem também na autoestima, enxergassem essa oportunidade como um meio de crescimento pessoal ou de encontrar uma oportunidade não só no mercado de trabalho, mas também para que elas pudessem abrir o próprio negócio para ajudar suas famílias.

Me marcou muito a história de uma aluna que passou no vestibular para o mesmo curso que eu estou estudando, que é o de Tecnologia em Hospedagem, porque foi uma história de vida bem parecida com a minha.”

### DIÓGENES ALMEIDA QUEIROZ

*Aluno do curso superior de Tecnologia em Hotelaria.*



Eu ministrei a disciplina de manipulação de alimentos. Foi minha primeira experiência como professor, dando aula. Para mim foi maravilhosa. Inicialmente, foi um pouco difícil porque eu fiquei nervoso, não tinha

aquela metodologia de um professor profissional, mas, com o decorrer das aulas, eu estava me encontrando, eu tava gostando. Eu não pensava em ser professor, mas a partir do Mulheres Mil e de outro projeto que eu também faço, eu estou me encontrando nessa área.



Elas são mulheres muito esforçadas, divertidas. A alegria e a força de vontade delas me chamavam muito a atenção. Eu digo que não foi só eu que estava ensinando, foi uma troca, porque, ao mesmo tempo em que eu ensinava, eu aprendia coisas que não sabia, como colocar um palito de fósforo na boca, quando se vai cortar cebola, pra não chorar. A gente ensina e aprende.”

### RAFAEL DE OLIVEIRA FERREIRA

*Jornalista.*



O programa tem como seu maior êxito possibilitar que mulheres, a maior parte delas com trajetórias de vida marcadas pelo sofrimento, consigam melhorar a qualidade de vida e ainda intervir de maneira bastante positiva junto à comunidade em que estão inseridas.

No âmbito da comunicação social, tem sido uma experiência muito interessante e valiosa, primeiro porque, ao nos aproximarmos do grupo com o objetivo de colher informações e realizar entrevistas, acabamos tendo a oportunidade de conhecer melhor o cotidiano dessas mulheres, o que nos tem emocionado bastante, especialmente diante de tantas histórias de dor e sofrimento delas. Não foram raras as vezes em que as participantes chegaram às lágrimas, quando relatavam

traumas da adolescência, problemas familiares, casamentos malsucedidos, entre outros. Ao mesmo tempo, é sempre compensador observar o brilho nos olhos das 'meninas', que veem no projeto uma grande esperança de transformação social e, conseqüentemente, uma possibilidade de lhes ser viável alimentar expectativa de melhores dias.

Também é bastante gratificante a maneira como sempre os veículos de comunicação receberam os nossos *releases* e as notas de divulgação. Foram várias as matérias e reportagens apresentando o projeto, com destaque especial para a iniciativa do IFCE. Nossas divulgações no Portal, assim como aquelas de natureza interna – por exemplo, cartazes e *mailing* –, também contribuíram de maneira positiva para tornar público o êxito do programa, propiciando que, a cada seleção, a procura por uma vaga sempre aumente.

Além disso, o fato de o Mulheres Mil dispor de um portal próprio favorece bastante a divulgação de suas ações em outros estados, o que nos possibilita trocar experiências no âmbito da comunicação. A existência desse instrumento é igualmente interessante por se tratar de um espaço destinado à postagem de matérias e entrevista com as alunas e ex-alunas, relatando o cotidiano dessas mulheres, suas histórias, expectativas, anseios, sonhos e transformações de vida; é, sobretudo, uma forma de estimulá-las a não desistir dos seus objetivos e a concluir o curso.

Enfim, é muito gratificante vivenciar o cotidiano do projeto, acompanhar de perto as experiências bem-sucedidas, ver que pessoas já conseguiram seu lugar no mercado de trabalho, a partir da qualificação adquirida. Nesse contexto, acreditamos que a comunicação cumpre o seu papel, uma vez que realiza uma interface positiva com a sociedade, explicitando diferentes realidades de vida que acabam unindo-se em torno de um objetivo.”

### **IVIA ELINE** *Assistente social*

“ O Mulheres Mil representa um dos instrumentos de viabilização do direito social ao trabalho, assegurado na Constituição Federal de 1988. Diante do cenário de desigualdades existentes no Brasil e no mundo, faz-se necessário e urgente o estímulo às iniciativas que promovam inclusão social pelas vias da educação e do trabalho, aos segmentos que se encontram em situação mais desfavorecida, entre eles o das mulheres, que estatisticamente são cada vez mais as responsáveis pela manutenção das famílias.



Com as alunas da primeira turma, desenvolvi as ações de acolhimento na instituição, realização do diagnóstico socioeconômico das beneficiárias, atividade de grupo e participação na elaboração de instrumentos diversos necessários ao andamento do projeto, como as avaliações, e também no planejamento das atividades, em conjunto com a equipe multidisciplinar.

O diagnóstico socioeconômico é um documento de grande importância, pois possibilita o conhecimento do nível de inclusão/exclusão social das alunas selecionadas, considerando-se vários quesitos, como: escolarização, renda familiar, condições de moradia, acesso a programas sociais, expectativas, entre outros. Tal instrumento visa à identificação da situação familiar para que seja realizado um encaminhamento adequado às políticas públicas, aos programas sociais e aos projetos existentes, bem como para o esclarecimento dos direitos sociais que elas desconhecem.

A própria matriz curricular traz disciplinas e atividades que visam ao desenvolvimento humano das beneficiárias, pois, embora se proponha a realizar a capacitação na área de Turismo, especificamente em governança e manipulação de alimentos, trabalha na perspectiva da educação integral, ou seja, a profissional que queremos inserir no mercado de trabalho é aquela com habilidades que ultrapassem a mera técnica; além de possuir os conhecimentos básicos da escola regular, que saiba conviver em grupo, tenha proatividade, tenha boa postura profissional e comportamento ético. Dentre os instrumentos utilizados podemos destacar as palestras, dinâmicas e vivências grupais, que contribuem bastante para a concretização de tal objetivo.

Há uma grande diferença entre um projeto meramente assistencialista e um projeto em que a aluna vai ter acesso à educação de qualidade para galgar um lugar no mercado de trabalho. E isso me empolgou, tanto pela questão de estar provendo a educação para o trabalho como por conta do público, que a gente sabe que é um público que realmente necessita.”

### **AURINEIDE MENESES**

*Enfermeira, psicodramista e servidora.*



Diante do cenário atual da economia do país, a mulher participa cada vez mais da renda familiar. Nesse sentido, entendemos que a educação profissional funciona como um instrumento de mudança, contribuindo para o desenvolvimento social e minimizando as desigualdades. Além de prover conhecimento necessário à inclusão no mundo do trabalho.

A essência do trabalho realizado foi elevar a autoestima das mulheres e desenvolver habilidades no convívio grupal, pois o trabalho em grupo, a disposição para compartilhar suas questões mais



íntimas, é essencial para que se perceba que o grau de escolaridade ou condição socioeconômica são fatores importantes, mas não são determinantes na intensidade da autoestima.

A tomada de consciência indica que é possível causar mudanças em si mesmas, assumir responsabilidades que permeiam suas vidas. Experiências são únicas, porém as pessoas, quando reunidas, podem beneficiar-se em conjunto.

Os resultados indicam que traz para a comunidade não apenas a inclusão social produtiva das mulheres, mas também a ressignificação de suas vidas, gerando expectativa de um futuro melhor e atuando como divulgadoras dos benefícios adquiridos pelo curso, fazendo com que outras mulheres sintam-se encorajadas a percorrerem caminhos semelhantes.

A maior dificuldade enfrentada foi a falta de concentração no início das atividades, pois muitas mulheres estavam afastadas da sala de aula ou nunca frequentaram escola.

As mulheres desenvolveram a autoconfiança, vislumbrando oportunidades de se apropriar do saber e assumir uma postura de sujeito da sua própria vida, bem como um maior fortalecimento dos vínculos comunitários.”

### MOISES MOTA

*Diretor do campus de Fortaleza.*



É um projeto pelo qual temos muito carinho devido a sua função social perante as mulheres envolvidas no projeto e pelas dificuldades que nós sabemos que elas passam. Com satisfação, nós temos aqui no *campus* de Fortaleza o primeiro escritório de acesso do Estado do Ceará, onde vamos acomodar o Mulheres Mil.

A ideia do escritório de acesso era que o projeto tivesse um espaço físico dentro da Instituição, e a preocupação maior era que esse espaço tivesse um acesso externo para que elas não precisassem passar pela burocracia do acesso ao Instituto. Nós sabemos que essa clientela tem uma necessidade diferenciada: é um público diferente do nosso aluno regular. Então, tivemos muito cuidado para que as pessoas que viessem não tivessem constrangimento e pudessem entrar e sair tendo contato com as pessoas especificamente envolvidas



no projeto. Isso, para o Instituto, é muito salutar e é com satisfação que nós conseguimos encontrar essa solução.

O Mulheres Mil tem uma coisa de especial: é o primeiro que traz a comunidade para dentro da Instituição, porque todas as ações que temos feito, tanto na parte da inclusão social como na inclusão digital, permeiam o Instituto, mas o ambiente físico, normalmente, está fora da Instituição. No Mulheres Mil conseguimos um espaço físico identificado, em que as pessoas têm um endereço para onde se dirigir. Isso compromete o Instituto em 100% e nós estamos com os pés e as mãos dentro do projeto. A ideia é que esse projeto cresça; é uma parceria interessante com o Canadá. E com o passar do tempo ele pode ser replicado em outros *campi*. Dentro de Fortaleza, já é um projeto vitorioso.”

**CLÁUDIO RICARDO GOMES DE LIMA**  
Reitor do Instituto Federal do Ceará.



É importante destacar que a posição da mulher avançou muito no Brasil em termos de inserção no mercado de trabalho. São diversas as conquistas da mulher brasileira, mas há muito a ser conquistado. A gente percebe que ainda existe discriminação, de ordem social sobretudo. Nas classes menos favorecidas, a mulher ainda tem muita dificuldade, dadas as suas limitações de formação, a própria condição de ter que cuidar da casa, dos filhos, do marido. Sabemos que

muitas não conseguem se inserir dignamente no mercado de trabalho, onde as oportunidades para essa classe são menos nobres.

Sendo assim, a importância de um projeto como esse é muito grande no sentido de tocar nessas mulheres das periferias das grandes cidades – que estão situadas em regiões de risco –, mulheres desfavorecidas do ponto de vista social, com uma autoestima muito baixa por várias razões. De modo que, trazer essas mulheres para dentro de uma instituição tecnológica, como é o IFCE, num programa em parceria com um país como o Canadá, que já avançou muito nesse lado social, é algo de grande valor. Percebemos que há por parte dessas mulheres uma receptividade muito significativa. Elas são seres que estão à busca de uma oportunidade como essa para se libertar de amarras tão pesadas, que incidem sobre elas nesse momento.

Acho que essa aprendizagem é uma via de mão dupla. Quando a gente ajuda essas mulheres, elas aprendem, elas melhoram a qualidade de vida, sua autoestima, a relação com a família, como também o Instituto aprende por perceber com



mais detalhes a realidade social na qual estamos inseridos. Essa relação vai nos fortalecer na hora de fazermos nossa programação da extensão e até mesmo no planejamento de nossos cursos.

Então, para nós, tem sido uma experiência muito valorosa para conhecer a nossa realidade, a realidade das famílias de muitos dos nossos alunos, que são pessoas que vêm das classes menos favorecidas, muitas delas filhas de trabalhadores da classe baixa. Isso tem sido uma experiência muito rica para o programa de extensão do IFCE, que sempre teve foco social muito pronunciado.

Nós temos algumas dificuldades estruturais, embora, no Pirambu, tenhamos tido um facilitador, porque nós já dispomos de um projeto fisicamente instalado lá. Nós estamos aproveitando, inclusive, essa experiência. As alunas do Mulheres Mil são mães, irmãs, pessoas da família desses jovens que a gente já atendia lá. No entanto, no *campus* de Fortaleza, nós temos alguns problemas estruturais, como a falta de espaço físico, e o programa exigia um espaço definido, a instalação de laboratórios, salas especiais para receber essas mulheres em situação mais confortável.

É uma contribuição muito grande. Eu acredito que é um aprendizado muito forte para uma instituição como a nossa, que tem uma atuação ampla, desde a formação inicial e continuada, formação técnica no Ensino Médio até a pós-graduação *stricto sensu*. O Instituto precisa estar muito antenado, com o termômetro muito apurado sobre o que acontece em seu entorno, em termos de sociedade. E modernamente, hoje, a gente tem que aproveitar todas as habilidades e competências que o ser humano tem. Temos que aproveitar também a vivência, tudo isso compõe o currículo.

Esse programa está nos ensinando isso, que, ao longo da vida, muitas habilidades e competências são adquiridas, mas de maneira não formal, e isso precisa de alguma forma ser aproveitado na formação profissional e tecnológica. O Canadá já avançou muito nessa área, é um país que tem uma compreensão, que é capaz de certificar, de saber das competências das pessoas que os procuram nas instituições de ensino de forma hoje muito mais ampla. E esse aprendizado é o grande legado que nós estamos adquirindo nesse processo. Isso contribui para a estruturação do IFCE, que tem nas suas concepções e diretrizes exatamente essa orientação de estar voltado para atender os problemas da população, para ter contato mais profundo com a realidade onde cada unidade da Instituição se encontra.

Na visão da gestão que nós estamos à frente, o desenvolvimento do país e do nosso estado só vai acontecer se tivermos a capacidade de resgatar a imensa dívida social que nós temos com o nosso povo e formos capazes, também, de reduzir as desigualdades regionais. Nós temos que estar antenados, inseridos nas políticas públicas de educação, nas políticas que contemplam a diversidade, que resgatam o enorme fator cultural herdado com a escravidão. E isso é o que faz do Brasil, hoje, um país com grande perspectiva de potência.”



**MARANHÃO**

## ALIMENTO DA INCLUSÃO

Com o nome *Alimento da Inclusão*, o Instituto Federal do Maranhão ofertou qualificação na área de congelamentos, conservação e manipulação de alimentos. A ideia surgiu a partir de consulta a supermercados, restaurantes, panificadoras sobre as carências da área. Também foi considerada a realidade das mulheres, muitas trabalhavam como diaristas ou empregadas domésticas, algumas vendiam salgados e todas tinham conhecimento na área de alimentos.

Para promover a capacitação, algumas salas que estavam sem uso foram reformadas e transformadas em laboratório de alimentos, que hoje é um espaço permanente do Mulheres Mil. Com carga horária de 360 horas, as disciplinas teóricas e algumas práticas foram ministradas por professores do IFMA e foi celebrada uma parceria com o Senac, responsável por parte das aulas práticas. No que diz respeito à inserção no mundo do trabalho, o projeto foi apresentado a empresários que hoje são empregadores em potencial e também ministram palestras para que elas conheçam as necessidades do mercado de trabalho.

Com as alunas regularmente matriculadas por meio de edital de seleção, o IF ofertou capacitação para 95 mulheres; desse total, 55 já estão trabalhando; algumas com carteira assinada, outras montaram um pequeno negócio e algumas fazem encomendas de doces e salgados. No decorrer do processo, o Instituto ampliou o projeto para o *Campus* Centro Histórico, onde trabalhou na área de Artesanato/Biojoias e está usando a metodologia para capacitar 40 jovens nas áreas de Instalação predial e Alimentos, em parceria com a Fundação José Sarney.

Atualmente, a parceria com o Senac está sendo ampliada e, a partir de março, será ofertado curso básico de Qualificação Profissional em Camareira. A parte teórica será ministrada por docentes do IFMA e a prática pelos do Senac, que também vai disponibilizar os laboratórios de Hotelaria e Hospedagem. Para dar continuidade à formação das egressas, serão ofertados alguns cursos, entre eles de chocolateria básica, sobremesas geladas, arte de servir bem e etiqueta social.

No que diz respeito à ampliação do projeto, a meta é, a partir de 2011, expandi-lo para outros *campi*, entre eles o de Zé Doca, Alcântara e Centro Histórico. Para isso, estão sendo feitos levantamentos da vocação econômica das regiões.

### COMUNIDADE

A Vila Palmeira é um dos bairros mais antigos de São Luís, encontrando-se a aproximadamente 20 km do centro da cidade. O bairro possui uma parte da comunidade instalada no manguezal do rio, hoje completamente poluído. Várias famílias moram em condições subumanas, em palafitas - construções de madeira sobre a maré -, cercadas pelo lixo.

### PARCERIAS

**Brasil:** Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac-MA), Fundação de Apoio à Educação e ao

Desenvolvimento Tecnológico do Maranhão (Funcema), Associação Comercial do Maranhão (Ascom), Olívio J. Fonseca, Bondiboca, Panificadora Pão Nosso, Panificadora e Confeitaria Sabor e Qualidade, Fundação José Sarney.

**Canadá:** Red River College e Cégep Régional de Lanaudière.

**MARIA TEREZA FABBRO***Gestora do projeto no Maranhão.*

Quando fui convidada para assumir a coordenação do Mulheres Mil, estava morando em São Luís há dois anos. Conhecia alguns pontos turísticos, o caminho de casa para o trabalho, *shopping*, bares e restaurantes. Do IFMA conhecia apenas o Departamento de Química e alguns setores administrativos, como o de Recursos Humanos e o de Pagamento.

O projeto me fez desembarcar de uma vez por todas na cidade. Por meio dele, descobri outros lugares, outras realidades e passei a ter outros olhares sobre a vida. Fui à Vila Palmeira, conversei com as mulheres e me apaixonei. E essa paixão me fez buscar caminhos para implantá-lo no IFMA, para fazer interlocução com os empresários e parceiros, crescer, aprender, inventar, conhecer as pessoas e a cidade e contribuir para melhorar a vida dessas cidadãs.

No começo, foi difícil, porque tudo que é novo assusta, causa estranhamento e resistências que precisam ser superadas. Para isso, resolvemos usar a tática infalível: conquistar pelo estômago. A confiança dos professores, dos servidores e do pessoal da limpeza nós conquistamos com aquele cheirinho de bolo de tapioca e aquela cocadinha quentinha. Com os salgados e doces produzidos nas aulas práticas, nas sextas-feiras, era promovido um momento de 'comes e bebes', quando as alunas mostravam os seus talentos e, ao mesmo tempo, pontuavam o quanto era importante estar ali. Essa foi a estratégia para aproximar as alunas da equipe do IF e assim angariar apoiadores, sensibilizar professores e o quadro dirigente.

Com o tempo, conseguimos bolsa estágio para algumas alunas, foi realizada a construção e a aquisição do equipamento do laboratório-cozinha, fizemos parceria com o Senac. Porém, a maior conquista veio com a vitória das alunas.

Formamos a primeira turma, com baixo índice de evasão, e muitas conseguiram ingressar no mercado de trabalho. Hoje, estamos na terceira turma, com 78% de nossas egressas empregadas com carteira assinada ou com seu próprio negócio. O projeto foi ampliado para outro *campus*, o Centro Histórico, que ofertou capacitação na área de artesanato, e fizemos parceria com várias empresas que hoje empregam algumas alunas.

Aqui no Maranhão o projeto cresce e será ampliado para outros *campi*, mas ainda temos um processo de aprendizagem, porque cada realidade é única e para cada peculiaridade é necessário encontrar novas soluções.



Hoje, avaliando a trajetória do Mulheres Mil no Maranhão, o maior saldo é que ele caminha para se transformar em política pública. Nem tudo está pronto, ainda temos barreiras a serem vencidas, mas a semente brotou; agora é continuar cuidando.”

### VALKIRIA VIEGAS

*Gestora do projeto no Campus Centro Histórico.*



Já havia colaborado na turma de qualificação em alimentos, ministrando uma oficina de confecção de utensílios domésticos com materiais recicláveis; gostei muito da experiência, mas ao receber o convite para assumir a coordenação do projeto no *Campus Centro Histórico* fiquei relutante em aceitar. Entretanto, quando me dei conta já estávamos planejando a matriz curricular, avaliando o modelo do edital, planejando as entrevistas. E assim aceitei o convite.

Essa minha decisão envolveu outros companheiros de trabalho; foram técnicos administrativos, voluntários e pessoas da comunidade que acabaram por se empenhar, assim como eu, para enfrentar o desafio. Foram professores e professoras que se revezaram no desenvolvimento de aulas, palestras e eventos. Foi possível acompanhar a felicidade no rosto das alunas e desses profissionais ao conseguir, por exemplo, revelar uma foto da comunidade beneficiada, a partir de uma latinha de leite – técnica fotográfica conhecida como *Pin hole* –, ou ao ouvir o elogio de uma cliente que acabou de comprar um colar feito por uma aluna. Cada resultado foi fruto da ação dos participantes do projeto, e para que o projeto tenha bons resultados é imprescindível o envolvimento de todos.

As alunas dessa turma têm uma sede pelo saber muito grande, ao final de cada disciplina elas sempre vinham, como uma carinha de comover o coração, dizer: ‘Será que a disciplina pode terminar só na semana que vem?’. Fiquei impressionada com essa sede, porém o que mais me impressionou foi a disponibilidade em compartilhar o conhecimento, na sala de aula e fora dela. E esse foi o meu maior aprendizado dentro do Projeto.”



### WILSON PEDRO MENEZERA

*Professor.*



A experiência foi muito boa. Primeiro, por um aspecto pessoal, de contribuir, dar um pouco daquilo que a gente aprendeu, que Deus nos deu, que a sorte nos possibilitou, de dividir com outras pessoas que não tiveram a mesma oportunidade. Portanto, esse foi um lado muito bom; eu me senti muito feliz, muito realizado, porque o conhecimento só tem valor se ele puder ser dividido.

E o segundo foi a participação da turma, a gente sentir o desejo que essas mulheres têm de realmente aproveitar essa oportunidade para adquirir seu espaço na vida. O que significa dizer que o que estava faltando para elas era simplesmente uma oportunidade. É muito vibrante, muito emocionante como elas se comportam diante dessa disciplina empreendedorismo, até porque eu caminho muito pelo lado da motivação e tentando provar que todos nós somos capazes de chegar aonde queremos.

Eu prefiro dar aulas para elas do que para as turmas normais, porque elas são mais atentas; a gente sente o desejo de querer aprender, a participação, a atenção que elas dedicam, o amor que elas têm pela pessoa do professor. Enquanto em sala de aula normal a gente tem que estar pedindo silêncio ou que o aluno venha para a sala de aula, no Mulheres Mil não. Elas estão sempre atentas e, um detalhe, chega um ponto, e acredito que com todos os outros professores aconteceu isso, da gente querer cada vez mais dar aula, porque sente que deu pouco do que sabe, e sempre querer dar mais. Mesmo que eu me aposente, se o IF me procurar, eu venho dar aulas para elas.

Aprendi muito, porque a gente percebe que o ser humano, muitas vezes, precisa apenas de um incentivo para buscar o seu espaço na vida, porque é muito fácil julgar e dizer: 'Ah! Elas estão nesse estado porque não quiseram estudar'. Eu já penso diferente, e essa experiência me comprovou a teoria de que quando uma pessoa é incentivada, é motivada, orientada para chegar a um objetivo determinado que ela mesma criou, é possível trabalhar nesse sentido.

Quando elas podiam imaginar que, morando em palafitas, um dia iriam estar junto dos alunos do Instituto Federal do Maranhão? Então, tudo isso para elas já serve como um incentivo. E dentro da sua própria comunidade elas passam a ser referência, uma referência a ser seguida. Portanto, nesse sentido elas contribuem muito também e eu também me sinto motivado para estudar ainda mais, para contribuir ainda mais para que a gente possa ter uma sociedade mais justa."

### VALDÁLIA ANDRADE Jornalista.

“É sempre gratificante para o jornalista contribuir para a visibilidade de projetos de inclusão social. A inserção de notícias, entrevistas e fotografias no *site* do Instituto Federal do Maranhão proporcionou a popularidade do Mulheres Mil. Pode-se dizer que a internet, em conjunto com os informativos publicados, constituiu a face visível das ações, provocando uma troca de informações generalizadas entre o IFMA e a imprensa, que compareceu ao *campus* para comprovar de perto a capacidade das alunas e mostrar que a Instituição, mais do que um espaço de educação, ciência e tecnologia, é um ambiente que anda de mãos dadas com a solidariedade e a inclusão.



Nesse contexto social, destaco ainda o privilégio de ter registrado a emotividade das alunas. Relatar suas emoções diante de conquistas, como a Carteira de Trabalho assinada pela primeira vez, foi como acolher suas forças positivas, ainda tão depreciadas pelo machismo dominante. Hoje podemos dizer que elas têm mais consciência de sua intuição e sagacidade – qualidades que denotam uma habilidade extremamente importante, capaz de conduzi-las a alçar voos cada vez mais elevados.”

**ANDERSON LIMA**  
*Jornalista.*



Eu nunca tive uma experiência de trabalhar na comunicação de um projeto em rede, essa coisa integrada. Esse trabalho de rede eu considero ousado, inovador, porque ele permite que a experiência de um estado chegue a outro estado. Todo mundo de certa forma acaba sabendo o que está acontecendo em todos os IFs que desenvolvem o Mulheres Mil. Acho que esse é o maior objetivo da rede, disseminar esse trabalho.

É um trabalho muito especial. Ao conhecer essas mulheres, ao ter contato direto com elas, eu fiquei encantado. Quem só lê, às vezes, a matéria ou acessa o *site* não tem ideia da grandeza desse projeto. A gente se emociona. A gente cumpre um horário, mas quando é Mulheres Mil, a gente esquece isso, a gente trabalha à noite, final de semana, com prazer.

Empolga, mexe, porque a gente vê que o projeto realmente funciona. A gente conversa com elas, olha nos olhos, vê a carinha delas cheia de expectativa, cheia de medo também, mas, no final, a gente não tem a menor dúvida de que elas venceram e que são capazes, porque muitas nem acreditavam em si próprias, e o projeto permitiu isso: o resgate dessa cidadania.

Eu digo que o trabalho de comunicação do Mulheres Mil me fez ir além. Quando eu trabalho com esse projeto eu não me sinto só um jornalista, eu me sinto um cidadão.”



**FERNANDO LIMA***Pró-reitor de Extensão e Relações Institucionais.*

O Mulheres Mil, para mim, é um dos projetos de inclusão social bem-sucedido do governo. Para a Instituição, o projeto representa exatamente o papel da extensão, porque a extensão faz parte do tripé educacional, mas muitas das vezes é considerada como um servente de segunda categoria. Por quê? Porque as matrizes de remuneração do ensino brasileiro, até há pouco tempo, eram baseadas em alunos matriculados de maneira formal. Então, um aluno de extensão sequer podia ter matrícula.

Para você ter uma ideia, foi o primeiro projeto que conseguiu matricular o aluno de extensão como aluno regular. Isso é possível legalmente, o Governo Federal nos deu esta abertura, desde que o critério de seleção dessas mulheres passe por um edital e que tenha o critério de inclusão social efetivamente. Então, isso posto, o governo nos possibilita matriculá-las e, como aluna regular, o IF começa a receber financiamento, porque entra na matriz financeira da Instituição. E isso aconteceu dentro da nossa Instituição com o projeto Mulheres Mil.

Todos os investimentos de extensão são considerados extremamente pequenos do ponto de vista do impacto social que ocasiona. Na primeira turma, nós começamos com cerca 40 mulheres e a evasão foi de duas. O impacto social que isso vai ocasionando ao longo do tempo é incalculável. Na primeira turma, você formou 38 pessoas que estão inclusas aí na sociedade gerando renda, inclusive para o próprio município.

A formatura da primeira turma nos mostrou claramente a satisfação dessas mulheres em estar sendo incluídas no mercado de trabalho; para nós foi uma satisfação muito grande. Pelo depoimento delas, a gente começou a perceber o quanto foi boa essa ação do Instituto para a vida dessas mulheres, a transformação que causou na vida delas. Elas melhoraram a forma de tratar com as pessoas, melhoraram a autoestima. Hoje elas se consideram capazes e já pediram que nós fizéssemos a formação continuada. Elas não querem mais sair daqui do Instituto. Dentro do modelo de verticalização do ensino já estamos viabilizando que elas continuem estudando.”



**JOSÉ AHIRTON BATISTA LOPES**  
*Diretor regional do Senac Maranhão.*



O Projeto Mulheres Mil atende a mulheres desfavorecidas de forma a dar a elas formação profissional e tecnológica. Diante desse objetivo, o Senac tem interesse em apoiar como parceiro projetos que contribuam com a causa social e o compromisso da Instituição. O Senac é uma instituição voltada para o atendimento social, e por isso parcerias como essa são tão importantes para nós.

O Senac oferece cursos profissionalizantes que contribuem diretamente com o objetivo do Projeto Mulheres Mil. Durante o ano de 2010, perto de 150 pessoas receberam qualificação por meio da parceria. Os cursos ministrados foram de Cozinha Executiva, Culinária Típica, Preparação de Pizzas, Doces e Salgados para Festas, Técnicas de Congelamento, Pães Especiais. As pessoas beneficiadas com esses cursos saem certificadas e qualificadas a iniciar seu próprio negócio.

O Senac vê como de grande importância a parceria com o Projeto Mulheres Mil, pois contribui para o cumprimento do objetivo social da Instituição, e é admirável, na medida em que capacita mulheres com poucas condições de investir em educação profissional qualificada, além de que o trabalho com parceiros como o IFMA, que têm igual compromisso, engrandece a causa a que se propõe.

O Projeto Mulheres Mil possui um alcance gigantesco e favorece muitas mulheres em situação de exclusão social. Sua principal importância está no fato de incluir pessoas e dar a elas oportunidades no mercado de trabalho. É um projeto que conta com diversos parceiros que contribuem, cada vez mais, para o seu sucesso. Projetos como esse devem ser tidos como destaque para a sociedade carente de emprego e de perspectivas.”



**JOSÉ FERREIRA COSTA**  
*Reitor do Instituto Federal do Maranhão.*



Esta é uma das nossas capacitações que mais está dando certo. Na cerimônia de formatura, quando vimos a felicidade das alunas e as possibilidades de inclusão no mercado ou até mesmo delas colocarem seus próprios negócios, o sentimento que nós tivemos foi de vitória. Ali se materializou um momento de vitória, porque estamos diante de um curso que começou com todas as dificuldades e parecia difícil de implantar, e nós chegamos ao final daquela primeira turma com 90% das alunas participando do projeto.

Isso não é simples. Em Educação de Jovens e Adultos, os dados no Brasil mostram que 30% dos alunos deixam o curso, e nós mantivemos 90% das alunas. Elas estavam felizes, percebíamos na forma como elas se manifestavam, nas suas falas, nas suas gesticulações. Isso demonstra que nós chegamos ao final do curso com sucesso.

Não dá para tratar as alunas do projeto como os nossos demais alunos. O primeiro trabalho que precisa ser feito é o de convencimento, e é isso que torna o projeto diferenciado e especial, porque você precisa sensibilizar essas mulheres, que estão fora da escola há muito tempo; aquela parcela da população que mais necessita. Também é necessário convencer internamente o nosso pessoal a realizar o trabalho.

Aqui, já estamos com outras turmas, e o Mulheres Mil veio para ficar. Ele veio mostrar que tem muita gente precisando de escolarização e de profissionalização e que nós não estávamos cuidando desse grupo. Mostramos que é possível. Aqui queremos chegar a mil mulheres, comemorar e depois seguir para mais mil. E que não seja só na minha gestão. Quem estiver acompanhando sabe que é um projeto que tem que continuar. Sinto que fizemos um grande trabalho!”





## DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO

O Instituto Federal da Paraíba está ofertando qualificações nas áreas de artesanato e pesca e elevação de escolaridade, que está sendo ministrada por professores do IF. Lá as principais atividades econômicas das alunas são a pesca, o artesanato e o serviço doméstico. Para atender a demanda, o IF está criando o curso técnico na área de pesca, tendo como base a abordagem por competências. Outra ação importante foi articular a inclusão das marisqueiras em ações do Ministério da Pesca e Aquicultura, o que beneficiou não só as alunas do Mulheres Mil, mas a comunidade, que passou a ter informações e assim pôde acessar as políticas públicas destinadas aos pescadores.

A matrícula foi garantida por meio da aprovação do projeto no Conselho Diretor, ainda quando era Cefet. Regularmente matriculadas, as alunas têm acesso aos serviços de assistência ao aluno, tais como dentista, médico, carteira de estudante, entre outros.

As visitas à comunidade e a aplicação do questionário e diagnóstico foram fundamentais para a elaboração dos planos de educação e para a construção dos instrumentos para o acesso e a permanência.

### COMUNIDADE

A ação beneficia o município de Bayeux, que engloba as comunidades de Baralho, São Bento, Porto de Oficina, Casa Branca, Porto do Moinho e São Lourenço. Lá as condições de moradia e infraestrutura básica são precárias. As ruas são pavimentadas, mas não há saneamento básico, e o abastecimento de água para o consumo é comprometido. Os reservatórios domésticos, como os tanques e caixas, foram construídos nas proximidades das fossas e das hortas, onde são aplicados agrotóxicos sem orientação técnica, colocando em risco a saúde da população. Nas localidades, há problemas de alcoolismo, uso de drogas e o número de portadores de vírus da Aids é o terceiro maior do estado.

### PARCERIA

**Canadá:** Cégep de la Gaspésie et des Îles.

## CLEOMAR PORTO BEZERRA

*Gestora do projeto na Paraíba.*



Na minha visão, o Mulheres Mil veio renovar a esperança de algumas mulheres de comunidades menos favorecidas deste país, oferecendo-lhes a chance de sonhar novamente com uma melhor qualidade de vida, tanto para elas como para seus familiares e comunidade. Muitas dessas mulheres pararam de estudar por necessidade, então eu vejo esse projeto como uma ferramenta indispensável para que ocorra com maior facilidade a inclusão não só no mundo do trabalho como também na volta aos estudos. E como um dos objetivos do Mulheres Mil é fazer a inclusão social dessas mulheres, acho que ele contribui muito na construção de uma sociedade mais justa e igualitária, principalmente no que se refere à questão de gênero.

Quando eu fui convidada a participar do projeto, logo me identifiquei com o tipo de clientela, uma vez que gosto de trabalhar com essa parcela da população, que de certa maneira encontra-se excluída. Comecei no projeto contribuindo na área de ciências e meio ambiente, ministrando aulas. Atualmente, estou na coordenação do Mulheres Mil, mas continuo ministrando aulas. Participo também das aulas de inclusão digital. São muitas as atividades que temos de realizar dentro de uma coordenação de um projeto de inclusão, como é o caso do Mulheres Mil, e como temos muitas dificuldades tais atividades, muitas das vezes, não são realizadas ou, se são, é de maneira precária, pois falta apoio. Dificuldades das mais diversas, tais como: falta de professor colaborador, ausência do professor colaborador nas aulas sem nenhum aviso, falta de apoio administrativo, uma vez que a coordenação faz tudo sozinha, falta de recursos financeiros e também falta de compromisso das pessoas que se dispuseram a colaborar com o projeto.

Com relação à superação, acho que nesse sentido todo o mérito fica com as alunas, que tiveram de superar o preconceito de estarem fazendo parte de uma instituição desse porte, uma vez que no início do projeto foram bastante discriminadas pela comunidade institucional.

Atualmente esse preconceito já não é tão visível, uma vez que o Projeto Mulheres Mil tomou grandes proporções. Espero que o Mulheres Mil seja expandido para as outras regiões do país, pois sabemos que muitas mulheres só precisam de uma chance para melhorar sua vida e conseqüentemente a vida dos seus filhos, contribuindo assim para um país melhor."



**MONICA MONTENEGRO***Gestora do Mulheres Mil na Paraíba, de 2008 a 2009.*

A experiência de implantar, vivenciar e aprender com o Mulheres Mil foi, tanto para as alunas beneficiárias quanto para a equipe voluntária e, em particular, para mim, um momento que reuniu coragem, sensibilidade, compromisso e humanização de todos no âmbito pessoal, escolar/acadêmico e profissional.

A implantação na Paraíba representou a possibilidade de realizar o sonho de pessoas que jamais teriam vez ou voz em uma Instituição que tem como público-alvo pessoas, na sua maioria, jovens e de classe média, em busca futura de espaço no mundo do trabalho. Foi a oportunidade de se fazer educação para pessoas desprovidas de quaisquer oportunidades e com uma baixa autoestima. Foi a 'porta de entrada' de um movimento a favor da inclusão, da promoção social e da qualificação profissional, e nesse processo todos vivenciaram um crescimento.

Ao participar da primeira reunião dos gerentes dos subprojetos, realizada em João Pessoa em junho de 2007, verbalizei uma inquietação pessoal: como incorporar uma proposta sem conhecer a comunidade (ambientação) e seu público-alvo? Márcia Moreschi, motivadora e exemplo de incentivo, orientou a possibilidade de ajustes à proposta original, e assim o subprojeto inicial sofreu algumas alterações e foi implementado no município de Bayeux, transformando-se em realidade. Visitas à comunidade; aplicação do questionário e diagnóstico(s) da comunidade; definição, designação e reunião da equipe formada por voluntários do quadro permanente; elaboração dos planos de educação para a construção do acesso e da permanência foram alguns desses ajustes. A partir da Resolução nº 08, de 30/9/2008, proposta pela Diretoria de Ensino e aprovada pelo Conselho Diretor, as mulheres se tornaram alunas regularmente matriculadas do Cefet-PB, ou seja, elas teriam os mesmos direitos dos demais alunos(as) da Instituição – esta foi a primeira conquista desafiadora.

Foi emocionante descobrir que havíamos aprendido a construir cursos na abordagem por competência e constatar uma grande descoberta: as matrizes por competência dos cursos regulares da Instituição foram constituídas pelo viés equivocado. Tal evidência foi resultado das capacitações ministradas pelos parceiros canadenses, dentre elas destacam-se: Avaliação e Reconhecimento de Aprendizado Prévio (ARAP); Construção de Currículos na Abordagem por Competências; Escolha dos Cenários de Ensino e da Avaliação por Competências; Conceitos de Base sobre a



Elaboração de Programas de Formação e o Acompanhamento do Projeto na Perspectiva da Gestão por Resultados. Além disso, a visita ao Canadá proporcionou-nos, e a mim em particular, praticar a fluência na língua estrangeira; visão, subsídios e parâmetros para implantação da avaliação ARAP, que mostrou caminhos alternativos de operacionalização e (re)adequação do projeto, a partir de diálogos com as equipes multidisciplinares de cada Escritório de Acesso dos diversos *Colleges* visitados. Essa vivência possibilitou a minha participação como palestrante no Curso de Formação de Avaliadores da Rede de Certificação e Formação Inicial e Continuada (Certific).

Protagonistas de histórias reais e experiências de fracassos, as mulheres participantes do projeto refletem a maioria das mulheres brasileiras de baixa renda. Por trás de motivos que parecem individuais, há na verdade inúmeras barreiras de ordem social, econômica e política, desde muito cedo elas tiveram suas vidas eivadas pela falta de oportunidades e apoio ao sustento familiar. Cidadania, direitos e oportunidades eram vistos como um sonho afastado pelas obrigações e deveres na busca de uma vida honesta. Conhecer essas mulheres, visitar sua(s) comunidade(s), contatar as representações, descobrir os modos de vida, as práticas culturais e as atividades, identificar os problemas que afetam a comunidade e como as pessoas daquele lugar lidam com eles, foram informações que me ajudaram não apenas a tornar o cotidiano das estudantes parte fundamental das aulas, mas, principalmente, fazer uso do conhecimento da Psicologia e com isso fazer a diferença nessas vidas.

O projeto e as atitudes dos que dele fizeram parte mostraram o que as escolas/academias podem fazer na vida das pessoas. Hoje, com a experiência adquirida, tenho a clara sensação de que é apenas uma questão de querer e de assumir compromisso. Sem dúvida, uma experiência rica, singular e indescritível. É bem verdade que cada passo dado, cada ação executada, foram celebrados com muita alegria, lágrimas e sacrifícios. Mas, certa vez, o filósofo Jean-Paul Sartre disse: 'Não importa o que fizeram do homem, mas aquilo que ele faz daquilo que fizeram dele'. Foi nisso que pensei quando vivenciei a vontade das mulheres tentando construir dias melhores para si e para suas famílias, tornando assim possível acreditar no sonho, na vida e no potencial de cada uma."

### MARIA ZÉLIA BATISTA GUEDES

*Professora.*



Entrei no Projeto Mulheres Mil a convite de Raimundo Nonato, sendo a primeira professora a ministrar aulas para as alunas. Antes

houve palestras, oficinas e outros eventos. Foi um grande desafio trabalhar com elas, temia que elas não entendessem o que eu explicava, mas logo percebi que elas assimilavam o que eu apresentava, e foi uma grande alegria e incentivo esta constatação.



Nos primeiros meses, pela falta de professores, fui colocada para ministrar as cinco aulas, ou seja, ficava a tarde inteira com elas. Foi trabalhoso, mas representou um aprendizado significativo para mim. Trabalhava e ainda trabalho com aulas dialogadas, atividades individuais e em grupo, bem como apresentação de vídeos educativos e músicas que se relacionem com o assunto ministrado.

É visível o crescimento delas! Hoje elas se relacionam melhor entre si e com os outros; a autoestima se elevou e elas seguem aprendendo; e nós trabalhando para que elas continuem melhorando e concluam o curso.

Desde julho de 2010, fui convidada a participar da gerência juntamente com a professora Cleomar Porto Bezerra, como adjunta, e desde então estamos colaborando com as atividades. Tem sido muito rico para mim conhecer os gestores da Setec ligados ao Projeto, participar das capacitações com os canadenses, bem como conhecer outros projetos e conviver com as gestoras dos demais IFs. Tem sido muito trabalhoso, mas é uma alegria e um grande aprendizado participar desse projeto.”

**DANIEL SANTOS TORRES**  
*Aluno de Administração de Empresas.*



Conheci o projeto através de minha professora de inglês, que explicou para a turma o que seria o Mulheres Mil. Achei muito interessante a troca de experiência que iria acontecer no decorrer do projeto. Sempre tive vontade de ajudar em algum projeto social e vi uma oportunidade para essa realização. Trabalhei como instrutor no projeto de inclusão digital, que foi realizado durante as férias.

A inclusão social dessas mulheres, na minha opinião, é a coisa mais importante. Elas hoje têm acesso a informações e coisas que elas não imaginavam conhecer. Acredito que cada aula é como uma nova janela que se abre para um futuro melhor.

É impressionante o quanto se aprende com elas, o cotidiano delas, a felicidade com que chegam ao IFPB, mesmo sabendo que existem muitos obstáculos. Foi fantástico o primeiro dia de aula. Saí da sala revigorado, com a sensação de que posso contribuir ainda mais. Essa experiência está despertando em mim um desejo de dividir com as outras pessoas os conhecimentos adquiridos, ou seja, ir para a sala de aula.”



**ALEXSANDRO DANTAS DE MEDEIROS***Técnico administrativo.*

Tive a oportunidade, através da antiga instituição EAF Sousa, onde trabalhei por 10 anos, de fazer vários cursos de informática e sei como isso mudou minha vida. Proporcionou-me uma melhor qualificação profissional; desta forma tenho a oportunidade, através do Mulheres Mil, de repassar esse conhecimento adquirido.

A tecnologia tem um papel importante em nosso dia a dia. Mesmo quem não tem computador em casa ou no trabalho convive com recursos tecnológicos e deles depende direta ou indiretamente.

Analisando essa situação, montou-se uma proposta de um curso básico de informática para que as alunas tenham mais acesso à tecnologia e dela possam se beneficiar em seus afazeres, no trabalho, em casa, na escola, no auxílio aos filhos ou simplesmente para que se sintam mais inseridas no contexto em que vivemos.

Esse curso foi uma contribuição no processo de democratização da informação, formando cidadãos mais bem informados e garantindo uma maior participação na vida da sociedade.

Este projeto tem um papel importantíssimo na valorização do ser humano, propiciando a formação educacional necessária ao seu desenvolvimento como cidadão.

Essa experiência está ampliando minha capacidade de trabalhar coletivamente e proporcionando a oportunidade de familiarizar as alunas com o recurso tecnológico, contribuindo para que elas estreitem suas relações com a tecnologia, inserindo-se melhor no contexto da modernidade.”

**FILIPE SOUZA***Jornalista.*

Desde o momento em que fui convidado para integrar a equipe de divulgação do Projeto Mulheres Mil esbarro frequentemente num feixe de questões. A primeira: por que estou sendo convidado para participar desse time seletivo de jornalistas se eu nunca atuei como jornalista socialmente engajado em um projeto dessa envergadura? Esse convite é dirigido a mim

ou à instituição da qual faço parte? Qual vai ser o meu credo profissional nesse projeto: compromisso ou a neutralidade? Vale a pena se envolver em mais um projeto de comunicação? Onde estão minhas prioridades: no Mulheres Mil ou na Assessoria de Comunicação Social do IFPB? Posso desistir?

Respondendo a essas e outras perguntas, descobri que não era um convite, mas uma convocação, ou seja, um chamado institucional e não pessoal. Por isso, comecei a estudar a questão e acabei me apaixonando por esse trabalho. Contribuíram para esse fato a paciência e persistência da jornalista Stela Rosa. Como *expert* que é, inculcou no nosso grupo de trabalho que a comunicação bem-sucedida desenvolve-se em vários planos e mobiliza diversas capacidades, entre elas a de jornalista como mediador. Foi nesta convivência que aprendi que a missão precípua dos jornalistas é facilitar a mútua comunicação entre os diferentes grupos da sociedade.

Neste universo de aprendizagem, não posso esquecer os momentos vivenciados ao lado da gestora Mônica Montenegro, sua equipe de trabalho e as alunas do Projeto Mulheres Mil na Paraíba. Elas foram a minha fonte inesgotável. Uma amostra dos resultados do Projeto Mulheres Mil está neste livro. Cada capítulo, cada artigo é um testemunho vivo e eficaz, fazendo a ponte entre o tempo e o espaço. Um meio de divulgação e uma mensagem de esperança para quem sonha. Um eco daqueles que deixaram o anonimato e passaram à condição de referencial. Pois assim vai se forjando o Projeto Mulheres Mil no Brasil.

Eu, particularmente, como jornalista colaborador, fui abençoado ao conhecer pessoas simples, maravilhosas, como dona Creuza, aluna sênior do grupo de mulheres alcançadas pelo Projeto na Paraíba, figura anônima da comunidade, que cruzou as dimensões do saber e do conhecer, vencendo o preconceito. Assim como a destemida Marta Lima e suas amigas, que suplantaram os limites dos gêneros.

Por fim, amei participar deste projeto porque vi germinar a semente da dignidade em Maria Aparecida, que se sentia inferior, a mais inútil de sua casa e do bairro; que era tímida, mas, depois que integrou o Projeto Mulheres Mil, ela mudou. Hoje, ela é uma nova mulher: conselheira urbana.”



## JOÃO BATISTA DE OLIVEIRA SILVA

Reitor do Instituto Federal da Paraíba.



Eu creio no Projeto Mulheres Mil como uma lição de cidadania. A mais importante que a Rede Federal vivenciou nos últimos anos em matéria de responsabilidade social. Para o Instituto Federal da Paraíba (IFPB), o Mulheres Mil proporcionou o envolvimento dos nossos servidores como cidadãos socialmente engajados e possibilitou a realização de um sonho há muito tempo acalentado por senhoras invisíveis socialmente pela indiferença, frieza e cinismo da sociedade paraibana.

Quando instituições se fundem e pessoas se unem em uma ação sinérgica, o resultado não pode ser outro – mudança de vida dentro e fora do espaço institucional. Foi exatamente isso que o Mulheres Mil nos legou: desenvolvimento social. Hoje são mais de 60 senhoras (marisqueiras e artesãs) do município de Bayeux sentindo-se privilegiadas com o processo ensino/aprendizagem do Projeto Mulheres Mil na Paraíba, e dezenas de professores que nos últimos quatro anos dedicaram momentos preciosos de suas vidas no resgate da dignidade humana de quem vivia à margem da sociedade e no resgate da nossa própria honra.

Mas, para que esse projeto fosse construído e viabilizado, foi necessário que países como o Brasil e o Canadá ampliassem seus laços; que entidades, órgãos públicos e privados dos dois países mostrassem sua capilaridade no campo das mudanças sociais. E aqui ressaltamos o papel institucional da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica e do Sistema de Faculdades e Institutos Canadenses nesta importante parceria capitaneada pela Setec/MEC.

Neste universo cooperativo destacamos também o trabalho dos gestores na articulação do processo e no encaminhamento de cada etapa do Projeto Mulheres Mil. Em particular e com merecido destaque, lembramos o papel basilar desempenhado pela gestora Mônica Montenegro e a continuidade das ações pela sucessora, professora Cleomar Porto.

O voluntarismo de professores e técnicos administrativos também somou para o sucesso do Mulheres Mil na Paraíba. Reconhecemos o esforço como o aporte para que vidas fossem abençoadas com alfabetização, capacitação, reeducação, empreendedorismo, entre outras etapas educativas ofertadas às cidadãs alcançadas pelo projeto.



Mas a nossa instituição também enfrentou obstáculos: a incerteza das alunas, o pessimismo dos esposos, além do pensamento limitado daqueles que apontavam o Projeto Mulheres Mil como simplesmente um gesto de caridade e filantropia.

Mas, hoje, sabemos que os parâmetros qualitativos e quantitativos do projeto atestam sua eficácia e sua permanência como instrumento capaz de mudar a vida de pessoas, pois nessa convivência no âmbito do Mulheres Mil aprendemos a transpor obstáculos e superar desafios no campo social. Avançamos no campo do empreendimento de parcerias de apoio local, a exemplo da Funetec – Fundação de Educação Tecnológica e Cultural da Paraíba, que esteve ao nosso lado desde o início.

Estamos com a nossa equipe bem mais amadurecida e preparada para novos desafios nesse campo. Para o futuro pretendemos aproveitar a potencialidade dos nossos *campi*, criando polos de acordo com as carências da região. Do litoral ao sertão temos as seguintes demandas em estudo: pesca, agricultura, comércio, população carcerária, entre outras.

Por fim, recomendamos aos nossos colegas reitores que ainda não vivenciaram essa experiência que abram suas portas à comunidade externa e deixem o sentimento de responsabilidade social fluir nos segmentos internos da Instituição. Este é o resultado do Projeto Mulheres Mil na Paraíba, em nossa vida particular e nos membros da nossa comunidade.”



**PERNAMBUCO**

## CULINÁRIA SOLIDÁRIA

O Instituto Federal de Pernambuco ofertou qualificação na área de alimentos. Com 400 horas, a parte teórica foi ministrada por professores do IF, e a prática, por docentes do Senac.

A dificuldade de celebrar parceria para ministrar a parte prática da capacitação foi um dos obstáculos que o IF enfrentou. Em função disso, ao terminar de ministrar os conteúdos da parte teórica, ofertou diversos cursos para manter o vínculo com as alunas.

Um dos aspectos importantes da oferta de qualificação pelo IF para as moradoras da Chico Mendes é o resgate da autoestima dessas mulheres, que, além de estarem à margem do mundo do trabalho devido à baixa escolaridade, enfrentam a violência e os preconceitos da sociedade para com os moradores do local.

### COMUNIDADE

A Chico Mendes, um dos bairros da periferia de Recife, surgiu em 1991, quando 30 famílias de diversos bairros da capital ocuparam a área e montaram barracas de papelão e taipa. Hoje, duas décadas depois, a Chico Mendes abriga mais de três mil moradores, que ainda continuam lutando por visibilidade junto ao poder público: o direito à educação, à saúde e ao trabalho.

### PARCERIAS

**Brasil:** Serviço Nacional do Comércio (Senac-PE) e Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE).

**Canadá:** Red River College e Cégep Régional de Lanaudière.

## CLAUDIA SANTOS E XÊNIA LUNA

*Gestoras do projeto em Pernambuco.*



O Projeto Mulheres Mil foi e é um marco significativo para o IFPE, em especial para todos nele envolvidos, pois representa, dentre todos os benefícios dele advindos, especificamente quanto à questão de gênero, o reconhecimento e a certeza de que estamos desenvolvendo ações de inclusão consequentes e responsáveis, ampliando o nosso compromisso de educar para a vida e para o mundo do trabalho.

Hoje, com esse olhar aguçado em relação ao processo de inclusão responsável e consequente, percebemos o quanto crescemos desde o início das ações desse projeto em nossa Instituição, embora tenhamos tido algumas dificuldades de constituir parcerias para a realização da parte prática da área de culinária, objeto de nosso projeto.

Esse trabalho nos permite, assim, crescer como profissionais e cidadãs, quando nos damos a oportunidade de trabalhar com mulheres de periferia, guerreiras, mas sem se darem conta, ainda, do seu potencial. As alunas descortinam um novo mundo, tendo a oportunidade de desenhar ou redesenhar o seu percurso, através, principalmente, do mundo do saber, o que lhes permite olhar de forma consciente e consequente para si mesmas, ato esse decorrente das ações socioeducativas nele empreendidas, estendendo esse olhar ao mundo em que estão inseridas, despertando, dessa forma, para a descoberta e ou redescoberta de suas potencialidades, o que não só lhes possibilita capacitação profissional, mas lhes permite reconhecerem-se como agentes de sua própria história de vida, passando a vivenciá-la, não mais como meras observadoras, mas como artífices dessa ação.

Para nós, professoras dessas mulheres, a oportunidade também é ímpar, pois, da mesma forma que elas, adentramos um novo mundo e nos descobrimos capazes de com elas descobrir novos percursos ou aperfeiçoar os existentes, processo que nos dá oportunidades também de crescermos não só como profissionais da educação, mas como pessoas que se permitem reconhecer no outro e com ele interagir, sendo eternas aprendizes, preenchendo lacunas do inconsciente que, muitas vezes, não nos permitem enxergar o outro com potencialidades e competências, humanas principalmente, para edificar a sua própria trajetória de vida e, nesse processo de leituras e releituras de mundo, através dessa construção coletiva, reconhecemo-nos como verdadeiros construtores de uma sociedade da qual somos parte e juntos formamos o todo, dividindo perdas e sucesso, dependendo de como nos percebemos diante do nosso semelhante.

Estamos falando do atendimento a mulheres, no caso de Pernambuco, com faixa etária de 19 a 65 anos;



peessoas que teriam as maiores dificuldades em disputar uma vaga e terem acesso a uma casa de educação, cuja concorrência no vestibular ultrapassa mais de 30 mil candidatos. Trata-se, portanto, de um projeto com vista em ser transformado em programa com possibilidades de acesso, permanência e êxito, como preveem as políticas da Setec/MEC.

As próximas etapas trabalharão a elevação da escolaridade. Afinal, essa comunidade de periferia, onde o projeto é desenvolvido, possui IDH abaixo da média nacional, a renda *per capita* é abaixo do salário mínimo. Somam-se ainda problemas relacionados ao saneamento básico, infraestrutura de algumas moradias, informalidade nas atividades profissionais, baixo rendimento escolar dos filhos, preconceito do marido e da família e tantos outros problemas cotidianos sofridos nesse universo feminino.

O projeto permite-nos uma reflexão acerca de nossa própria condição de mulher, possibilitando-nos um olhar às questões de gênero ainda sem musculatura em nossa Instituição, dirimir preconceitos e vislumbrar um mundo mais igualitário e solidário, também, com a inclusão social. Concordamos com o grande mestre Paulo Freire ao afirmar que apenas a Educação transforma uma sociedade. Buscamos transformar o universo, mas, certamente, demos o primeiro passo ao nos remeter e transformar o nosso microcosmo institucional. Oxalá, assim como a nossa Instituição, o projeto sobreviva por mais cem e cem anos.”

### ROBERTA MONICA ALVES DA SILVA Professora.



Faz quinze anos que sou professora do IFPE. Assumi a Coordenação de Políticas Inclusivas em maio de 2010. Atualmente estou na Pró-Reitoria de Extensão, onde fui convidada a integrar a equipe do Mulheres Mil. Cheguei no momento em que estávamos montando a segunda turma, o que foi muito positivo, pois tive um maior contato com as mulheres, através de reuniões na comunidade e com a presidente da Associação dos Moradores. Atuo na coordenação do subprojeto, providenciando todo o necessário para o desempenho das aulas práticas e teóricas.

Tive a oportunidade de participar do *workshop* da metodologia ARAP que foi ministrada pelos canadenses. Para mim, foi muito gratificante, pois pude conhecer outras formas de reconhecimento dos conhecimentos prévios.

Para a Instituição, esse projeto é de fundamental importância, pois nos permite ‘abrir os olhos’ para a questão inclusiva. Nos Institutos Federais ainda está uma parcela pequena da população: aqueles que tiveram maior e melhor acesso à educação. Com



projetos como esse, abrimos para um outro público: aqueles que não tiveram acesso à educação. Assim, a Instituição cumpre ainda mais com a sua função social, que é servir a comunidade, nos libertando, a cada dia, 'dos nossos muros'.

O Projeto Mulheres Mil tem sido muito proveitoso e, tornando-se um programa de governo, vai proporcionar não só um novo olhar para a questão de gênero, como também a elevação da escolaridade a todo Estado.

Particularmente, eu me sinto muito à vontade em lidar com as mulheres e, muitas vezes, me vejo em suas falas. É extremamente gratificante. Tenho me realizado como mulher, como educadora, como ser humano.

É desafiador trabalhar com elas, mas sei que estamos no caminho certo.”

### CLIFFORD ERICSON Professor.



Não sou professor de matemática e nunca tinha ensinado para um público tão especial como aquele. Confesso que na primeira aula eu estava nervoso. Tinha lido bastante sobre o assunto e pesquisado em vários livros sobre metodologia do ensino e práticas pedagógicas que poderiam ser adotadas com grupos de alunas como as do projeto.

Quando começamos a trabalhar verifiquei que o caminho era outro. Eu precisava me convencer e convencer também as alunas que éramos capazes de vencer aquele desafio. Acertamos que tínhamos um objetivo comum, eu teria que conseguir ensinar os conteúdos programados e elas teriam que terminar o curso realmente adquirindo aqueles conhecimentos. E o mais importante: não tínhamos o direito de desistir. O segredo para o nosso sucesso estava em confiarmos realmente uns nos outros, e isso foi uma coisa que aconteceu desde o primeiro dia e foi aumentando aula após aula. Não demorou muito para adquirirmos confiança de que o nosso objetivo seria alcançado.

Estamos preparando essas mulheres para enfrentar o mercado de trabalho como empreendedoras. Além de precisar saber trabalhar com números, é preciso aprender a exercitar o que chamamos de raciocínio lógico. A matemática, como ciência exata, tem um papel importante, juntamente com as demais disciplinas que fazem parte do programa de capacitação previsto no *Culinária Solidária*.

No passado foram muitos anos de sofrimento, tristezas e decepções que elas tiveram na vida,



e a maioria ainda enfrenta grandes dificuldades. Para pessoas com essa trajetória, sonhar com um futuro melhor é uma coisa quase impossível, mas que está começando a acontecer.

As alunas aprenderam a trabalhar com as quatro operações, fazer cálculo de percentual, operar com fração, fazer regra de três e utilizar máquina de calcular. O segredo da aprendizagem é que desde o início as mulheres entenderam que aprender esses conteúdos seria importante para, no final do curso, poder calcular o custo de um produto e o lucro da sua venda.

Nosso objetivo foi alcançado. Conseguimos calcular o custo de cada um dos ingredientes utilizados na preparação de bolinhos de bacalhau a partir de uma receita que uma das alunas trouxe para a aula. Nosso bolinho custa R\$ 0,32 e vai ser o mais gostoso e o mais vendido no Recife. Temos mais esse desafio e não temos o direito de desistir.”

### ADRIANA COSTA DA SILVA

*Aluna de Proeja.*



Sou estudante do curso de Refrigeração no *campus* de Recife e, como aluna colaboradora, faço recreação com os filhos e netos das Mulheres Mil, pois elas não tinham com quem deixá-los, e isso, muitas vezes, impossibilitava sua vinda às aulas. São, geralmente, seis crianças entre sete e doze anos que participam da recreação. Nós brincamos com bola, criamos histórias, lemos livros e fazemos algumas atividades culturais, como idas ao zoológico, por exemplo. Nessas experiências, eles confeccionaram um livreto, contando

a história de cada um. Acho que esses momentos são uma oportunidade para eles viverem outra realidade, entrarem em contato, inclusive, com o mundo acadêmico.

O Mulheres Mil é um projeto ótimo, porque dá oportunidade a quem não a tem ou não a teve. E essas pessoas realmente precisam, porque elas são de uma comunidade muito discriminada e enfrentam preconceito. As pessoas acham que na Chico Mendes só tem bandido e ninguém presta. Mas a realidade é outra. São pessoas que não tiveram oportunidade e, ao encontrar essa oportunidade, seguram com unhas e dentes.

Eu sou aluna do Proeja e também sofro preconceito por isso, mas é muito importante para mim estar aqui. As pessoas acham que só tem velho ou pessoas que só terminaram o ensino fundamental. Para as pessoas que deixaram de estudar por algum motivo, é uma ótima chance.”



## GIL ACIOLLY

Jornalista.



Misturar aspectos pessoais e profissionais no ambiente de trabalho é algo, na maioria das vezes, desaconselhado por especialistas da área de Recursos Humanos. Esses dois fatores andaram lado a lado em todas as modestas contribuições que fiz ao projeto.

Entrevistar mulheres com histórias de vida cheias de sofrimento sempre acabaram me levando a uma reflexão sobre minha vida. Muitas vezes, fiquei ‘para baixo’, sentindo-me mal com as situações que ouvia. Outras vezes, agradecido por não ter passado por situações tão difíceis – muitas delas regadas a violência. Às vezes, ficava feliz por presenciar casos de superação. Em outras situações, vi que a vulnerabilidade social apresentada pelas mulheres era até maior do que elas próprias imaginavam.

Mas, ali, minha tarefa não era julgar, avaliar ou, até mesmo, aconselhar. Não sou psicólogo, mas jornalista. Portanto, teria somente que ouvir as histórias e relatá-las, através de textos ou imagens. Muitas vezes me questionei por desempenhar tal tarefa. Como poderia expor na internet as difíceis histórias de mulheres para o resto do mundo, num momento em que elas estavam tentando recomeçar a sonhar? Seria um trabalho de divulgação gratuito à custa de sofridas histórias de vidas? Seria somente uma autopromoção do projeto?

Entretanto, descobri que ao ver seus vídeos e histórias divulgadas para outras pessoas, as mulheres se sentiam vitoriosas. Era algo que elevava a autoestima delas. Portanto, avalio como positivas todas as estratégias de divulgação do projeto. Elas não se resumiram às ações dos gestores, aos atos administrativos, ao factual. Ao contrário, mostraram as mulheres em suas casas, em suas salas de aula, seus sonhos, suas experiências. Os personagens centrais não eram os Institutos Federais, o MEC, o governo canadense, mas as próprias mulheres.

Na maior parte dos casos a mensagem transmitida era uma só: A educação profissional é muito mais que uma ferramenta para inserir pessoas no mundo do trabalho. Ela abre portas para sonhos, outras vidas e inúmeras descobertas, inclusive, de si mesmo.”



**LYGIA LEITE***Diretora regional do Senac.*

Trata-se de uma nova forma de aprendizado para o Senac, novas competências, metodologias com um parceiro de 101 anos de formação profissional. Outro aspecto relevante é a inclusão que gera autonomia, inclusão do mundo do trabalho e da própria comunidade dentro da comunidade.

O Mulheres Mil é uma inclusão que gera autonomia para a realidade familiar, que acaba proporcionando uma influência positiva nas gerações da própria comunidade. As alunas podem compartilhar a excelência na área gastronômica do Senac e aplicá-la na comunidade, usar essa tecnologia, esse saber, no cotidiano delas e, a partir dessa vivência, mudar a realidade. Sem dúvida, uma espetacular experiência.

Ainda com muitas dificuldades, as mulheres ocupam um menor número de postos de comando, os salários são menores, mas os espaços estão sendo construídos. A política de formação gera comprometimento e capacidade de inclusão no mercado. Ao percebermos que podemos disputar postos em 'pé de igualdade' com os homens, que somos capazes, há ganhos incomensuráveis. Há, para nós mulheres, o lado perverso, com maiores cobranças de nós mesmas, as exigências do mercado e da família, a terceira e até quádrupla jornadas. O negativo, portanto, é o pessoal, mas o positivo é para a sociedade. Somos agentes de transformação.

No caso específico do Mulheres Mil, lidamos com a gastronomia, onde os homens são os melhores. Essa escolha da comunidade pela gastronomia, portanto, traduz o significado do que a mulher tem como formação, desde criança, mas que podemos buscar a mesma excelência dos *chefs* masculinos. Queremos descobrir novos talentos na área.

Do ponto de vista do Senac, esperamos que seja uma relação duradoura. É um projeto de grande responsabilidade social. Estamos comprometidos: Senac, IFPE, as mulheres da comunidade. E queremos ampliar ainda mais a nossa participação com a nossa capacidade de articulação. Buscaremos influenciar outras unidades do Senac no Brasil para adotarem o Mulheres Mil e demais projetos sociais semelhantes a este."



**PIAUÍ**

## VESTINDO A CIDADANIA

No Piauí, o Mulheres Mil chegou no momento em que o Instituto Federal recebia uma escola pertencente à Prefeitura Municipal de Teresina, construída com recursos do Programa de Expansão da Educação Profissional (Proep/MEC), com espaço para ofertar cursos na área de moda e confecção. A partir daí, realizou-se pesquisa junto aos sindicatos e empresas que indicavam um mercado que movimentava mais de R\$ 2 milhões ao mês, gera 17 mil postos de trabalho no Piauí e está em constante crescimento: a indústria da confecção, que envolve a fabricação de roupas, calçados e acessórios. É o segmento da economia piauiense que tem, como características peculiares, a empregabilidade e a capacidade de gerar trabalho e renda de forma rápida. E esse foi o passo inicial dado pelo Instituto Federal do Piauí para a escolha da oferta da capacitação.

Inicialmente, o curso ofertado aconteceu na área de corte e costura. Após a experiência da primeira turma, foi realizada uma reestruturação no curso e passou-se a oferecer qualificação nas áreas de modelagem e confecção de peças íntimas, pelo fato de, através dessas duas atividades, ser mais fácil a inserção das alunas no mundo do trabalho, especificamente nas fábricas de confecção. Com carga horária de 360 horas, foram beneficiadas 60 (sessenta) alunas.

Recentemente, o IFPI conseguiu junto à de Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico e Turismo o espaço físico da cooperativa das mulheres participantes do Projeto, cooperativa essa que recebe a denominação de “Recicla Cidadã”. Dentro do atual espírito de reciclagem, nessa cooperativa, as mulheres interessadas poderão produzir peças de decoração a partir de resíduos da indústria da confecção para comercializá-las.

### COMUNIDADE

Na Vila Verde Lar, os problemas são iguais aos das outras periferias do país: faltam saneamento, política habitacional, há violência e preconceito. Em relação ao trabalho, a baixa escolaridade é a principal causa do desemprego e do trabalho informal, realidade que vive a maior parte das moradoras que participaram do curso. Sem qualificação, muitas trabalharam a maior parte da vida como empregadas domésticas.

### PARCERIAS

**Brasil:** Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae-PI), Prefeitura Municipal de Teresina, Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico e Turismo e Casa de Zabelê (Ação Social Arquidiocesana – ASA).

**Canadá:** New Brunswick College of Craft and Design e Cégep Marie-Victorin.

**ANA CLAUDIA GALVÃO XAVIER***Pró-reitora de Extensão.***L'HOSANA CERES DE MIRANDA TAVARES***Gestora do projeto no Piauí.***SUSANA LAGO MELLO SOARES***Diretora do Campus Teresina Zona Sul.*

O impacto do Mulheres Mil na vida não apenas das mulheres, mas de toda a comunidade da Vila Verde Lar, foi imenso. Depois de tantos anos afastadas da sala de aula, voltar para os bancos escolares, e ainda por cima frequentar uma instituição como o Instituto Federal do Piauí, fez com que elas resgassem suas cidadanias. Mulheres sofridas e sem grandes perspectivas de vida. Foi uma revolução: pegar o que ainda restava dessas cidadãs e reciclar, reciclar para que se tornassem verdadeiras cidadãs. É claro que a profissionalização é algo extremamente importante na vida de qualquer pessoa, mas a elevação da autoestima gerada pelo projeto é algo de valor incalculável na vida das mulheres e de suas famílias. O senhor Evilásio (motorista do Instituto Federal do Piauí) fez um comentário que retrata o que estamos falando: 'Veja, professora, como estas mulheres estão felizes. Basta ouvi-las cantando, vê-las sorrindo e cheirando a Cashmere Bouquet'.

Um dos muitos exemplos que podemos citar é o de dona Maria, mais de 70 anos, frequentando as aulas assiduamente, sonhando com uma vida melhor, dando um exemplo de vida a ser seguido por todos.

E o que dizer de alguns professores que, em um primeiro momento, achavam que seu trabalho não ia ter resultado e, ao final, além de terem se surpreendido com o desenvolvimento das alunas, ficaram muito felizes por participar do projeto.

Enfim, o que temos a dizer do Mulheres Mil é que, ao tentarmos abrir caminhos para essas mulheres, abrimos em primeiro lugar os nossos próprios caminhos. Vimos de perto muitos dos problemas sociais da nossa cidade. Partilhamos de momentos tristes, mas também de momentos alegres com aquela comunidade. Fomos obrigadas a reciclar nossos conceitos, a procurar maneiras diferentes de ensinar, sem falar da alegria que sentimos com os muitos sucessos. Participar de tudo isso nos tornou pessoas melhores e nos fez, realmente, ser PROFESSOR."



**MILTON JOSÉ CARDOSO FILHO***Professor e atuou na gestão do projeto.*

Um projeto deste porte, por seu caráter experimental, tem extraordinária relevância, pois, através dele, vivenciamos situações de crises e de superações, bem como de transformação de sonhos e planos em realidade.

O Mulheres Mil no Piauí tem grande valor para a sociedade, como demonstram as alunas selecionadas para dele participarem. Isso porque elas passaram a apresentar uma nova concepção de mundo, enquanto mulheres transformadoras de conhecimento, pessoas motivadas e esperançosas.

Essa mudança pessoal me emociona. Fico feliz por ter contribuído para o desenvolvimento deste trabalho social. Também mudei durante o tempo em que participei como gestor.

Vejo que, enquanto o projeto foi se transformando de plano em ação, nós, tanto o gestor, quanto as mulheres participantes, todos fomos modificados, mais ainda por se tratar de um projeto experimental, cujo caráter inovador fez com que os atores do empreendimento trabalhassem com espírito de equipe, obtendo êxito nos resultados.”

**FLORÊNCIA FALCÃO DE FREITAS DIAS CARNEIRO***Monitora.*

A expressão Mulheres Mil me chamou a atenção por corresponder a um tema interessante e que significava algo exuberante e, até certo ponto, excêntrico. Em 2010, eu pleiteei uma vaga de monitora,

concorrendo com várias alunas e consegui aprovação, o que me deixou feliz porque eu vi mais uma oportunidade de me inteirar do Projeto Mulheres Mil.

No início, pensei que as alunas envolvidas com esse projeto já sabiam costurar, já faziam coleções com peças diferentes. Desse modo, fiquei sabendo que elas eram pessoas simples, carentes e buscavam aprendizagem na área de confecções



e vestuário. E tudo começou com a confecção de uma coleção que seria mostrada em um desfile, no mês de novembro de 2009, no congresso tecnológico em Brasília (DF). O desfile foi um sucesso. A coleção, exibida com o tema 'Polo Cerâmico do Poti Velho, Serra da Capivara e As Opalas de Pedro II', chamou a atenção dos participantes, uma vez que as roupas caracterizavam, muito bem, o tema trabalhado.

Desse modo, eu observei que as alunas deste projeto, com idades diferenciadas, apresentavam bastante força de vontade, eram carentes de aprendizagem, pessoas simples, o que aumentou ainda mais a minha vontade de dividir os meus conhecimentos, trocar experiências, ao mesmo tempo ensinando e aprendendo.

Eu posso dizer que a importância deste projeto está, principalmente, na oportunidade da qualificação para o mercado de trabalho, no crescimento pessoal e profissional, na socialização com os colegas e professores, o que, de certa forma, vai ajudar a inserção dessas pessoas, com mais facilidade, no mercado de trabalho ou na criação do seu próprio negócio. Como sugestão, é interessante que o projeto realize um acompanhamento, após o término do curso, incentivando-as a fundarem uma cooperativa para que elas possam trabalhar em suas comunidades."

### FRANCISCO JOSÉ DE SOUSA

*Professor.*



Ministro a disciplina Língua Portuguesa. O trabalho com as alunas do Mulheres Mil não foi tão fácil porque elas estavam há muito tempo fora de sala de aula, mas, como se tratava de um projeto e elas trouxeram muitas coisas de casa, não era aquele conteúdo da Língua Portuguesa que a gente trabalha no dia a dia com aluno do médio, integrado e técnico. A

minha disciplina foi voltada para o que elas iam fazer no dia a dia, aquilo de que elas iam precisar, tais como montar um currículo, receber a clientela, fazer um documento na própria empresa onde elas iam trabalhar.

Não foi uma coisa arrumada de um livro didático, tudo foi aplicado de acordo com a realidade. Não tinha como trazer os conteúdos amarrados, tudo ia nascendo ali, à medida que íamos nos conhecendo. Eu procurei primeiro conhecer a realidade para poder abordar os conteúdos que eu pretendia.

Num projeto como este, nós precisamos conhecer a história de vida da aluna, porque se você já chega



com aquela coisa pronta, não valoriza o que aluna traz, os saberes dela, aí a coisa se torna difícil, porque o português são dois: aquele da sala de aula, que a aluna acha horrível, e o lá da quadra de esporte, do ginásio poliesportivo, o da rua, o português da vida.

Então, era com a própria fala delas que eu trabalhava, com a expressão, com a fala pausada, sem atropelar muito a língua, e o mais importante: sem machucá-las. É muito bom trabalhar com elas porque elas têm muito interesse, sabem o que querem.”

### HALAN KARDECK FERREIRA SILVA

*Professor.*



Sou professor de filosofia e, para o Mulheres Mil, ministrei a disciplina de Ética e Cidadania. Elas, as alunas, tinham uma situação de escolaridade diversificada, das mais variadas idades, mas todas vinham de uma situação econômica homogênea, de uma mesma região, de um mesmo bairro, de pessoas pobres que estão em situação de risco. Essas pessoas não estão na mesma condição por livre vontade, por deliberação própria, mas por uma série de circunstâncias da vida que as colocou nessa situação de exposição e de risco.

Quando ministrei essa disciplina, trabalhei em cima de alguns conceitos de moral e ética, mas bem acessíveis para elas. Para isso, trabalhei o filme *Expresso da Meia-Noite*, para que elas percebessem como faz diferença um país que discute direitos humanos, ética, e outro que não discute. Depois, trabalhei os artigos 5º e 6º da Constituição Federal, que são os artigos que geram os direitos e as garantias constitucionais com relação ao exercício da cidadania.

Percebi que elas começaram a identificar os seus direitos violados a partir do conhecimento dos direitos trazidos nos artigos. Por exemplo, elas testemunharam prisões arbitrárias, passaram a compreender que o salário-mínimo não assegura, de fato, moradia, educação, saúde. Elas se viram dentro da situação.”

### JOÃO BOSCO DE SOUSA ALMEIDA

*Professor.*



A minha experiência foi extremamente positiva, porque me coloquei diante de pessoas diferentes, que há muito tempo estavam afastadas da vida acadêmica. Primeiro, foi um desafio trabalhar uma ciência que é rejeitada. Tem esse mito de que ela é um bicho-papão, mais difícil de aprender. O



primeiro desafio foi passar esse conhecimento de maneira que elas percebessem o seu significado e a produção do significado da ideia matemática na vida. Ser uma ferramenta para trabalho e desmanchar esse mito.

Primeiro, ter esse pensamento de que a matemática, como linguagem verbal, é inata ao ser humano. Potencialmente, todos nós temos essa possibilidade de desenvolver. Depende muito da vontade de cada um e da boa técnica de que o professor dispõe para poder tornar essa ciência um instrumento de trabalho.

Surpreendeu-me o interesse permanente nas minhas aulas e procurei abordar na vertente a matemática para o uso no corte, na costura. A matemática não é conta, não é risco, não é símbolos. Esses são meros mecanismos para representar uma ideia. Eu desenvolvi pequenas apostilas, trabalhei temas diversos. Trabalhei a questão de simetria, assimetria, curvas, cortes, precisão da medida, que é matemática útil. Na verdade, o mundo resulta em medidas e tentei jogar isso dentro da vida delas. Trabalhei também a importância da matemática no empreendedorismo e um pouco a questão da porcentagem.

No final da disciplina, teve um depoimento de uma das alunas que me marcou muito. Ela falou da mudança que passou a ter na vida com as minhas aulas. Ela disse que passou a ver e compreender o mundo por outra ótica. Ela percebeu que a matemática era uma coisa decisiva na vida, que ela não tinha despertado antes para isso e que passou a ter a vontade de querer mais e mais para ela perceber o mundo cotidiano. Fiquei emocionado.”

### JANDEINA MARIA BARBOSA UCHÔA

*Professora.*



Eu penso que a gente tem que contribuir para uma sociedade melhor. Então, uma das maneiras pelas quais eu posso contribuir é dessa forma: ensinando para essas pessoas. No Instituto, eu ministro as disciplinas de Modelagem, Tecnologia da Costura e História da Moda.

Na proposta inicial, elas tinham que ver muita coisa ligada ao corte e à costura, mas hoje em dia é necessário separar um pouco, porque para ter o corte é necessário ter a modelagem, e a costura é uma coisa à parte. Por isso, a gente tinha que tentar fazer as duas coisas com essa primeira turma.

Por conta dessa experiência, nas próximas turmas estamos separando, tentando dar um foco, um direcionamento para uma coisa apenas. Nós agora estamos ofertando modelagem e confecção de



peças íntimas. O curso já está estruturado para essas duas áreas, porque, para a gente conseguir realmente colocá-las numa fábrica, é mais fácil, bem mais fácil.

Como o objetivo é que elas consigam um lugar no mercado de trabalho e aqui há lugares que já desenvolvem muito bem essa área, achamos melhor nos colocar nessa área. No que se refere à modelagem, as pessoas que trabalham em empresas têm necessidade de ter um curso. É um nicho de mercado muito bom.

Eu percebo que, nem que seja pelo simples fato de elas estarem saindo de casa, tentando uma coisa melhor, vendo um mundo diferente daquele mundinho em que elas viveram, é muito gratificante e elas têm essa noção.

Acho que, com o projeto, uma das coisas que elas adquirem é essa vontade de voltar a estudar, continuar a estudar. Existem umas que já estão até fazendo outros cursos e as que ainda não, mas estão procurando.”

### **ELIZABETE RODRIGUES SALES** *Coordenadora de Comunicação.*



Comecei a trabalhar no apoio à comunicação do Mulheres Mil logo que se iniciaram as atividades com a primeira turma, a partir do processo de seleção das mulheres da Vila Verde Lar. Aí começamos um processo de planejamento e divulgação do que estava sendo feito pelo IFPI.

Começamos a ver como podíamos contribuir e fomos utilizando as mídias que davam para ser produzidas. Mesmo com bastantes compromissos, abraçamos o Mulheres Mil com muito prazer. Fizemos boletim eletrônico com notícias, entrevistas com as mulheres, produzimos vídeos, colocamos no nosso sítio. Com isso, obtivemos um bom acervo de informações e de imagens do projeto.

Conseguimos também divulgação nos jornais de Teresina, a participação das alunas em programas de TV e entrevistas em rádios locais.



Trabalhamos a comunicação de várias formas: na Instituição, para o público interno, divulgamos os eventos com cartazes, *e-mail* e na página do sítio do IFPI, bem como matérias para o sítio nacional do Mulheres Mil.

Como profissional da comunicação, vejo que a criação e a implantação do Portal do Mulheres Mil foram fundamentais para o processo de divulgação das atividades e, também, no processo de interação dos colaboradores que participam dos projetos nos estados. Acredito, igualmente, que foi fundamental o trabalho da Coordenação-Geral do Projeto (Brasília). O cuidado extremo na qualidade das informações, no *layout* do portal, a modernização dos instrumentos de comunicação usados para os diálogos com colaboradores e alunas, a exemplo do *Skype*, *e-mail*, *Flickr*, dentre outros.

Creio que tudo isso contribui para o sucesso que é hoje o Mulheres Mil, um projeto social do Governo Federal, dando oportunidade a mulheres brasileiras em situação de vulnerabilidade.”

### FRANCISCO DAS CHAGAS SANTANA Reitor do Instituto Federal do Piauí.



O IFPI não somente está capacitando mulheres desfavorecidas, mas transformando-as em pessoas ativas economicamente dentro de seus contornos familiares. Além da capacitação em um setor crescente, as alunas estão dividindo com seus parceiros as despesas domésticas. Acredito que essa seja a maior contribuição que a Instituição pode dar à capital piauiense.

Hoje, o Piauí está se firmando como um polo produtor de moda. Esse segmento movimenta mais de R\$ 2 milhões ao mês e gera 17 mil postos de trabalho, de acordo com dados do Sindicato das Indústrias do Vestuário do Piauí (Sindivest). O setor de confecção tem uma dinâmica própria, consegue crescer, movimentar a economia, mas precisa estar em constante qualificação, segundo o presidente do Sebrae (PI). É justamente por isso que o IFPI escolheu desenvolver o *Vestindo a Cidadania* – nome do Mulheres Mil no estado – nessa área. Assim, capacitamos mulheres para que auxiliem a formação de um mercado qualificado.

Inclusive, já existe um embrião de cooperativa, através do qual as mulheres vêm se organizando com base no conhecimento de gestão, mercado, empreendedorismo e negociação. Inseridas no mundo do trabalho, mediante a qualificação laboral, elas passaram a conhecer e a visualizar essa realidade de um ângulo mais seguro.



Para manter a oferta da capacitação, estamos estudando os resultados obtidos até agora, que vão servir de base para planejamentos futuros. Graças ao trabalho em conjunto entre IFPI, Ministério da Educação e Associação Comunitária dos Colleges Canadenses, estamos tendo bons resultados.

Lógico, nem tudo sai perfeito. Afinal, estamos tratando de novos métodos e abordagens que nunca haviam sido utilizados por nossa instituição de ensino, como a metodologia de Avaliação e Reconhecimento da Aprendizagem Prévia (ARAP), que está sendo repassada pelos *colleges* canadenses. A equipe gestora tem feito um bom trabalho de adequação e adaptação dessas ferramentas. Arrisco dizer que estamos não só no caminho certo, mas criando muitas possibilidades para o êxito do projeto.”



**RIO GRANDE DO NORTE**

## CASA DA TILÁPIA

O Instituto Federal do Rio Grande do Norte está ofertando capacitações profissionais para mulheres da área rural. Moradoras de assentamentos, a interlocução do IF com as prefeituras garantiu que elas tivessem também a oferta de elevação de escolaridade. O acesso ao IF foi garantido por meio de edital de seleção, e a matrícula realizada pela Pró-Reitoria de Extensão.

A proposta inicial da qualificação era na área de beneficiamento do couro da tilápia. Porém, no decorrer do curso, as alunas demonstraram outros interesses, e a proposta foi reajustada e ampliada para as áreas de artesanato, confecção e vestuário. Além disso, elas têm aulas sobre direitos da mulher, alimentação alternativa, cooperativismo, meio ambiente, entre outros, para que os novos conhecimentos contribuam para a melhoria na qualidade de vida delas e de suas famílias.

A dificuldade de acesso aos assentamentos e a inexistência de oferta de Educação de Jovens e Adultos nos locais foram obstáculos que a Instituição precisou enfrentar para implantar o Mulheres Mil. Para isso, articulou com as Secretarias de Educação dos municípios a implantação de Educação de Jovens e Adultos nas escolas dos assentamentos. No que diz respeito à qualificação, a celebração de parceria com entidades é fundamental para atender aos anseios das alunas.

### COMUNIDADES

São contempladas com as ações do Mulheres Mil as moradoras dos municípios de Bebida Velha (Pureza), Modelo I e II (João Câmara), Canudos (Ceará-Mirim), Aracati (Touros). Integrantes do Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra, a maior parte delas esteve junto dos maridos ou dos pais na luta pela posse da terra.

### PARCERIAS

**Brasil:** Fundação de Apoio à Educação e ao Desenvolvimento Tecnológico do Rio Grande do Norte (Funcern), Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar), Prefeituras Municipais de Ceará-Mirim, João Câmara, Pureza e Touros.

**Canadá:** Cégep de la Gaspésie et des Îles.

**WAGNO SÉRGIO PINHEIRO FÉLIX**  
*Gestor do projeto no Rio Grande do Norte.*



A proposta do Projeto Mulheres Mil do IFRN representa a ousadia de enfrentar um grande desafio: proporcionar educação formal (elevação de escolaridade), profissionalizante e cidadã às mulheres da Zona Rural e todos os desafios que esta realidade representa, tais como o analfabetismo histórico, a baixa autoestima, o machismo exacerbado, o grande número de filhos por aluna, a dificuldade de acesso para os professores e instrutores, entre outros.

Iniciamos com cinco turmas e continuamos com esse mesmo número. As seguintes comunidades e municípios foram contempladas: Bebida Velha (Pureza), Modelo I e II (João Câmara), Canudos (Ceará-Mirim), Aracati (Touros). A proposta inicial de educação profissional estava centrada no beneficiamento do couro da tilápia. No decorrer do curso, as alunas demonstraram outros interesses de profissionalização, tendo sido reajustado, de forma participativa com as alunas, os módulos profissionais, focalizando também nas áreas de artesanato, confecção e vestuário, acrescentando conhecimentos gerais, como direitos da mulher, alimentação alternativa, cooperativismo, entre outros, para que os novos conhecimentos contribuam para a melhoria na qualidade de vida delas e de suas famílias.

Trabalhar na coordenação deste projeto, além de representar um desafio no enfrentamento das dificuldades, configura-se como uma oportunidade de contribuir para a melhoria da qualidade de vida das comunidades rurais e assentamentos de reforma agrária. Por já ter trabalhado, anteriormente, como técnico de nível superior em algumas dessas comunidades, me sinto muito gratificado com este trabalho, o qual seria impossível sem a ajuda de nossos parceiros atuais (Senar, prefeituras municipais e FUNCERN). Se pudesse resumir o Projeto Mulheres Mil em apenas uma palavra, eu diria: RESPEITO!”



**ERIVANILDO BANDEIRA**  
*Professor da rede municipal.*



Eu trabalho no assentamento Modelo I com o Projeto Mulheres Mil. Eu trabalho no ensino fundamental aqui em João Câmara, no 5º ano, e fui convidado para esse desafio. A experiência está sendo muito gratificante, porque você pega uma mulher com 50, 60 anos de idade, ela está aprendendo a ler com essa idade, é muito gratificante.

Mexe um pouco porque a realidade delas é muito diferente da nossa. Elas sofrem um bocado. Projetos como esse, é bom que venham mais, para poder resgatar essas pessoas que não tiveram oportunidade de aprender quando criança, para melhorarem no convívio com a sociedade, se tornarem cidadãs.”



### MIRIAM MACEDO

*Professora da rede municipal.*



Trabalho no Modelo I. É um trabalho muito bom de fazer; a gente percebe que elas têm uma força de vontade muito grande de aprender, porque elas passam o dia todo na lida e quem mora em assentamento trabalha pesado, não é um trabalho leve. E mesmo assim elas encontram disposição para estar à noite na sala de aula, para aprender, sempre perguntando as coisas, buscando. É muito bom, muito gratificante trabalhar com elas. É a minha primeira experiência com alfabetização de adultos. Minha experiência é com a educação infantil, mas adorei, porque elas são espontâneas, e a gente brinca, e na hora de falar sério falo sério.”

### JOSELI FERREIRA GABRIEL

*Professora da rede municipal.*



É um projeto ótimo, sou professora do Modelo II. É um projeto ótimo, porque elas não podem se deslocar para vir estudar em João Câmara, porque são donas de casa, cuidam dos filhos. Então, foi um projeto ótimo, porque levou a educação até elas. Além da elevação de escolaridade, tem o profissional, porque elas fazem cursos e com eles podem ajudar na casa. Não é difícil manter essas mulheres na escola, porque elas adoram, porque elas percebem que vai valorizar, vão poder ter o próprio dinheiro. Uma das dificuldades é por causa do machismo; os maridos não deixam. Eu espero que esse projeto seja eterno, principalmente para as mulheres, que hoje elas estão no patamar de igualdade.”



**MAURÍCIO CAETANO***Secretário de Educação de João Câmara.*

O que nos levou a participar foi, primeiro, a proposta do Instituto e, principalmente, a necessidade dessas mulheres, assentadas que trabalham no campo, de ter esse momento, acima de tudo, de conscientização, porque eu acho que o Projeto Mulheres Mil traz uma conscientização muito grande para elas saberem lidar com os seus direitos, com seus deveres, aprenderem a lidar melhor com a educação dos seus filhos. No momento em que ela começa a participar do projeto, a gente vê que ela começa a se emancipar.

Nós temos relatos de esposos que não deixavam essas mulheres saírem à noite. Com esse projeto, houve uma conscientização pela comunidade do valor da mulher. Já houve mudança; e o marido começou a se conscientizar daquela necessidade; que precisava ter uma mulher mais preparada para lidar com a educação dos filhos, para conhecer o mundo melhor, para ter uma visão das coisas, entender. Isso a gente já pode perceber.

Diante disso, nas visitas que eu fiz aos assentamentos, eu perguntei às pessoas da comunidade, tanto às que participam do projeto como às que não participam, e vi que elas estão satisfeitas demais com o projeto. O Instituto sempre desenvolve um ciclo de palestras; elas vêm para o Instituto, a gente vê a autoestima delas lá em cima. E aquelas palestras de conscientização de direitos são muito interessantes, porque no momento em que o Instituto faz uma palestra sobre direito, ele está trazendo informações importantes, está emancipando esse povo. Alguns políticos fazem barganha com o direito; quando um trabalhador está na época de se aposentar, por exemplo, ele dá uma carona da comunidade rural até o INSS, e ele fica como quem resolveu. Aí diz: 'Fui eu quem aposentei sua mãe, por isso você tem que votar em mim'. Isso é direito do cidadão e, por menos escolaridade que ele tenha, está começando a ter consciência dos seus direitos. Isso significa liberdade.

Como Secretaria, nós gostaríamos que isso se ampliasse para outras comunidades, porque o exemplo é muito bom. E, principalmente, além da participação do Instituto, a gente coloca aí a importância dos professores, que são preparados, que foram orientados para trabalhar com essa realidade, com essa clientela, e estão trabalhando muito bem.

Hoje eu digo que esse é um dos projetos de que a Secretaria de Educação se orgulha, o Mulheres Mil, porque é um projeto de qualidade, e a mudança está acontecendo na consciência, que é o mais difícil, é as pessoas mudarem de comportamento.



João Câmara ainda é um município muito carente, principalmente na área de cidadania; as pessoas têm que começar a ter essa consciência cidadã, e um projeto como esse é bom em qualquer comunidade. Percebemos que não há uma organização, principalmente das mulheres, para o desenvolvimento da cidadania, para ter novos conhecimentos, para conhecer seus direitos, para reivindicar junto ao poder público esses direitos, que são direitos constitucionais; o que falta é organização.

Quando a mulher sabe, ela dissemina isso na família; mesmo de forma rudimentar, elas vão dizer: 'Nós temos direito a isso, temos direito àquilo'. Quando a mulher pensa, a família toda conquista, a família toda ganha. No meu entender, no momento em que as mulheres passam a conhecer a legislação no tocante aos seus direitos, ela se emancipa, não só ela, mas toda a família."

### MARÍLIA AMARAL

*Jornalista.*



Para mim, a maior importância do Mulheres Mil é ter dado às pequenas produtoras rurais oportunidade e capacidade de sonhar com uma vida melhor, porque a grande maioria delas não se dava esse direito. E quando o

sonho começa a ocupar a mente e as mãos, está deflagrado um processo de mudança. Aí é que entram o poder público, as instituições, as organizações não governamentais para oferecer a essas cidadãs as ferramentas adequadas para que elas se insiram no mundo do trabalho e possam contribuir para o desenvolvimento de suas comunidades, de suas cidades, do estado e do país."



### BELCHIOR DE OLIVEIRA ROCHA

*Reitor do Instituto Federal do Rio Grande do Norte.*



É um projeto de resgate da cidadania e de busca da igualdade de gêneros. Representa o reconhecimento da importância da mulher na sociedade, de seu papel como mãe, como provedora do lar, como agente de transformação de sua comunidade.

Foi necessário fazer com que os parceiros envolvidos no projeto em nível municipal percebessem o projeto como uma mudança de paradigma na comunidade local, com benefícios para toda a sociedade.

A principal aprendizagem foi a de conhecer a realidade das mulheres que vivem nas regiões onde o Instituto executa o projeto e, por meio desse conhecimento, redimensionar o fazer acadêmico para propiciar às mulheres uma elevação em seu nível de escolaridade e, conseqüentemente, contribuir para que elas se vejam como cidadãs plenas de direito. O significado dessa mudança, na prática, é a melhoria das condições de vida delas e de suas famílias.

Essa é uma ação que articula de maneira muito firme o ensino e a extensão desenvolvidos no IFRN. O trabalho feito para elevar a escolaridade das mulheres confere a elas a possibilidade de verticalizar seus níveis de escolaridade, em sintonia com os objetivos da Educação Profissional e Tecnológica e do Projeto Político Pedagógico do IFRN. Assim, as principais ofertas de formação profissional são os cursos técnicos em: Cooperativismo, ofertado pelo *Campus João Câmara*; Alimentos, nos *campi* Currais Novos e Pau dos Ferros; Agroecologia, no *Campus Ipanguaçu*; Agropecuária, no *Campus Apodi*, e Pesca, no *Campus Macau*. Todos esses cursos estão em estreita relação com os cursos de qualificação ofertados no subprojeto *Casa da Tilápia*, do Projeto Mulheres Mil, e com os arranjos produtivos, sociais e culturais locais das regiões onde estão instalados *campi* do IFRN.”





**RONDÔNIA**

## BIOJOIAS – REDE DE VIDA

Recentemente implantado no estado, o Instituto Federal de Rondônia já nasce tendo como pilar estruturante a inclusão de populações desfavorecidas. A primeira turma do Mulheres Mil foi implantada no *campus* de Ji-Paraná, que fica a 373 km de Porto Velho, capital do estado. As comunidades que serão beneficiadas pelo projeto são vizinhas da Instituição e parecem ainda áreas rurais.

A capacitação será na área de artesanato e biojoias, e o Instituto Federal está buscando parcerias para garantir a elevação da escolaridade e a comercialização dos produtos que serão elaborados pelas alunas. A promoção do diálogo e do acesso da comunidade ao *campus* é uma ação inédita no local e, no futuro, deve gerar outros desdobramentos. A maior parte das alunas trabalha de empregada doméstica, e o sonho é conseguir um emprego melhor para garantir perspectiva de futuro para os filhos.

Atualmente, estão sendo beneficiadas 40 mulheres, e a meta é ampliar o projeto para outros *campi*.

### COMUNIDADE

As comunidades que serão beneficiadas pelo projeto são vizinhas do IF e parecem ainda áreas rurais. Há pouco comércio, casas com certa distância umas das outras, sem saneamento básico, iluminação pública precária e quando chove é difícil se movimentar, a lama toma conta das ruas. Trabalho infantil, falta de tempo para a escola, violência doméstica, baixa autoestima e uma força imensurável para cuidar dos filhos são aspectos comuns da vida dessas mulheres.

### PARCERIAS

**Brasil:** Secretaria Municipal de Educação de Ji-Paraná e Secretaria Estadual de Educação de Rondônia.

**Canadá:** New Brunswick College of Craft and Design e Cégep Marie-Victorin.

**MARILISE DOEGE ESTEVES***Pró-reitora de Extensão e gestora do projeto em Rondônia.*

No início de 2009, o reitor manifestou interesse de que o recém-instalado Instituto Federal de Rondônia implantasse o Mulheres Mil. Assim sendo, comprometemo-nos a ajudá-lo nesta gestão, trabalhando para que o IFRO integrasse o Programa ainda em 2009, além disso tenho o comprometimento pessoal pela militância de gênero. Afirmamos nossa cidadania ao acreditarmos e implementarmos um programa dessa natureza. Assim pensamos, assim agimos.

Durante 2009, participamos de reuniões e seminários, o que nos deu a oportunidade de verificar as experiências exitosas, os passos já dados e aprender com essas experiências de outros Institutos do Norte e Nordeste.

A realização iniciou-se então no *campus* Ji-Paraná, através do subprojeto *Biojoias – Rede de Vidas*, com o Instituto abrindo um edital com 40 vagas. A escolha da equipe multidisciplinar por parte da comunidade do *campus*, a preparação da equipe, a capacitação em RAP, a inscrição das alunas, o início das aulas, enfim, todo o movimento envolveu um esforço conjunto pela realização, apesar das dificuldades, para além do desafio de algo tão inovador! O Instituto recebeu então a visita do coordenador nacional do Programa, professor Sérgio França, e a oficialização da integração do Instituto Federal de Rondônia junto aos parceiros canadenses se efetivou. Nosso entusiasmo aumentou à medida que avançávamos, que víamos as mulheres já fazendo parte do *campus*, como alunas mesmo, o sorriso estampado, uma nova luz nos olhos!



A experiência fortifica a própria Instituição, articula as políticas de educação profissional e tecnológica, provoca e instiga a pesquisa por tecnologias sociais exitosas, fomenta a solução de questões inerentes à prática deste programa de inclusão, geração de renda e aumento de escolaridade. As soluções surgem coletivamente, da dificuldade, da troca de experiências, das possibilidades, às vezes, criadas a partir do que emerge como difícil, diferente, quase no nosso limite.

Ainda na caminhada, com pouco tempo de aula, a equipe se questiona, se renova, encontra reforço às suas angústias. Sei que muitas e diversas serão as questões que teremos que resolver para que o acesso e a permanência da população feminina logo se confirme e consolide, porém sinto-me particularmente contemplada pela oportunidade de aprender e crescer com este Programa.

Acredito no empoderamento das comunidades através do fortalecimento da mulher, através de seu alcance à cidadania, ao direito de ser uma construtora da paz em seu próprio território, de se ver realizada.

Que nosso trabalho frutifique, que nossas ações sejam transformadoras e que alcancem a prosperidade, o sonho de que a educação seja realmente inclusiva, que seja para tod@s!"

### ITAMAR MACHADO DE SOUZA

*Motorista e estudante de licenciatura em Química do IF.*



Eu, olhando isso hoje, acho que o Mulheres Mil é muito importante, porque está indo diretamente para pessoas que precisam, que não tiveram oportunidade de estudar, praticamente como eu. Estudei em sala de aula de 1ª a 4ª série. Terminei a 4ª série em 1990 e passei longos anos sem estudar. Depois, fui estudar no projeto de Educação de Jovens e Adultos; foi quando eu terminei o ensino médio e passei nesse vestibular e estou fazendo esse curso aqui.

No Mulheres Mil, a importância que eu vejo desse trabalho hoje com elas é que vai ao encontro das pessoas que mais precisam. E a gente indo, tendo esse contato direto, você vê que são pessoas que estão precisando de uma oportunidade e, com certeza, vão se agarrar a esse projeto.

Quando eu vou levar as pessoas na casa delas, o que me dói? A minha mãe, com 26 anos, teve oito filhos; foi operada no oitavo. Não vivi a extrema miséria que algumas vivem; nós morávamos num sítio, meu pai trabalhava na roça e o arroz com feijão nunca faltou na nossa mesa, mas quando eu vejo algumas mulheres com seis, oito filhos, eu sei como é a situação, porque eu vivi aquilo ali. Minha mãe era daquela pessoa que não teve estudo, meu pai também não. Então, eram totalmente fora da informação, de um projeto familiar, de uma estrutura familiar. Mas vencemos; hoje todos tiveram acesso; meu pai sempre procurou morar perto de escola. O primário, o estudo que meu pai pôde dar, ele deu para todos os filhos. Hoje eu estudo pensando nos meus filhos; eu quero deixar uma história para eles. Eu quero mudar totalmente a trajetória deles; que eles não precisem passar por onde eu passei.

Às vezes, as pessoas só precisam de uma injeção de ânimo, para abrir a visão e poder prosseguir. Acho que o Mulheres Mil faz isso."



## VONIVALDO GONÇALVES LEÃO

Diretor do campus Ji-Paraná



Eu, como gestor, desde o início tenho defendido, no *campus* de Ji-Paraná, a importância da inserção da comunidade dentro do Instituto. É muito importante, além do ensino médio integrado e as licenciaturas, trabalhar com a comunidade, abrir as portas do Instituto para a comunidade, derrubar esse muro. É um trabalho muito gratificante, porque a gente vê a vontade que elas têm de ser inseridas dentro da escola.

E o Mulheres Mil veio para isso. As mulheres estão aqui para aprender, para nós desenvolvermos a capacitação adequada às necessidades educacionais e profissionais delas. Acho que o desenvolvimento sustentável é muito importante, bem como o aumento da escolaridade, além da capacidade que elas têm de ensinar alguma coisa para aqueles que estão dentro do Instituto.

No início, quando a gente pensa num projeto desses que é desafiador, a gente fica meio receoso, porque é uma prática que não vem sendo desenvolvida. Mas a mensagem que eu deixo é que trabalhem com isso. O que nós aprendemos com inclusão repassamos para o grupo de professores e alunos.

Essa integração é muito importante, e essas mulheres aqui dentro se integram com o Instituto, desde a equipe que está trabalhando com elas até nossos alunos. Isso é muito importante, e isso é que devemos trabalhar na comunidade, a inclusão. E inclusão significa desenvolvermos alguma coisa para que elas possam usar na sua área de trabalho, no seu lar.

A nossa equipe multidisciplinar que está trabalhando com o Mulheres Mil recebeu um projeto, está construindo esse projeto, montando uma grade, montando aquilo que é o melhor para elas e, com certeza, os próximos projetos de inclusão vão ficando mais fáceis. Trabalhar com a comunidade não é fácil, porque temos uma diversidade de situações, mas é gratificante, é uma coisa que dá resultados.”



**LEONARDO ROCHA**  
*Professor e fotógrafo.*



Fotografar, pra mim, sempre foi uma arte, e arte precisa de inspiração... Gosto de fotografar as paisagens, pássaros, flores, insetos, rochas, enfim, tudo aquilo que é parte intrínseca da natureza.

Ao aceitar fotografar o cotidiano das 'Mulheres Mil' (mães, donas de casa, trabalhadoras e, acima de tudo, guerreiras), sabia que seria um desafio gratificante, pois em cada casa onde foram realizadas as entrevistas, elas, as guerreiras, ao dar seus depoimentos de vida, se emocionavam, e nos gestos mais simples as mais belas imagens.

O bairro onde centralizamos nossos esforços é um bairro novo e com uma realidade não tão bela como as imagens. A falta de saneamento, as humildes casas, muitas delas com o mesmo padrão (madeira, compensados, latas etc.), foram aos poucos me despertando um olhar mais crítico da dura realidade em que ali viviam dezenas de mães guerreiras que não tiveram oportunidades de estudar, pois tiveram que dar duro na lida da vida, mas que num passe de mágica um projeto poderia mudar sua vida, de seus filhos e de sua família como um todo.

Era notória a alegria em cada mãe, em cada mulher fotografada, que aquele projeto seria a grande oportunidade pela qual elas esperavam há anos. Em várias oportunidades, inclusas em sala de aula, ao fotografá-las fui percebendo aos poucos que aquelas mulheres de um, dois meses atrás já não tinham os mesmos semblantes (tristes, desanimados e cansados da vida). O que pude notar é que elas estavam animadas, se entrosando cada dia mais em sala de aula, e até as mais humildes e 'sem fala' já arriscavam umas gargalhadas. Era a autoestima revigorando, era a oportunidade que lhes faltava, era a atenção que um dia foi tomada delas.

No meu horizonte as vejo livres, cada dia mais, das amarras da realidade triste, do cotidiano difícil e árduo... e ainda empreendedoras."



## RAIMUNDO VICENTE XIMENEZ

Reitor do Instituto Federal de Rondônia.



O Mulheres Mil é um programa que está totalmente afinado com a natureza, o papel e a essência da nossa rede, que desde o início da sua história nasceu para incluir pessoas que viviam marginalizadas na sociedade e não tinham oportunidades. E o Mulheres Mil, com o apoio do Canadá e toda a metodologia, é um projeto que resgata não só pessoas desfavorecidas, mas trabalha com gênero, que são as mulheres, que durante tanto tempo ficaram à margem do processo e que agora vêm galgando novos postos e avançando

na participação na sociedade, tanto assim que estamos hoje com uma mulher que é presidente da República.

No Mulheres Mil, a capacitação demanda tempo, os resultados emergem ao longo do projeto em si, as pessoas se comprometem, aderem ao programa, e as dificuldades que surgem às vezes assustam, requerendo uma constante capacitação e qualificação da equipe.

A metodologia ARAP propicia realizar a inclusão no Instituto, e com ela pode-se aumentar o acesso, melhorar as possibilidades de permanência, rendimento e êxito dos próprios Institutos. A construção de uma metodologia inovadora representa um avanço na *expertise* do Instituto em desenvolvimento e aplicação de tecnologias sociais.

O Mulheres Mil dá oportunidade para mulheres, para que elas possam adquirir mais conhecimento, novas competências, autoestima, participar mais ativamente da vida cidadã, da vida em sociedade, ter outra visão de mundo, e numa instituição como a rede federal, como o Instituto Federal de Rondônia, que está no estado não só para atender aos jovens, mas a todos os segmentos da sociedade. Esse projeto realmente vem atender a esse segmento social que precisa de oportunidade. Eu vejo como algo de muita relevância.

A nossa meta é ambiciosa, o objetivo da Pró-Reitoria de Extensão é implantar esse projeto em todos os *campi*, e pelo menos em mais dois *campi* a gente implanta este ano."





**RORAIMA**

## INCLUSÃO COM EDUCAÇÃO

O Instituto Federal de Roraima ofertou qualificação para as reeducandas do presídio de Boa Vista. Sensibilizar professores, servidores e voluntários e angariar parcerias foram os desafios enfrentados pelo IF para garantir a implantação do projeto dentro do presídio.

Com 400 horas de duração, todas as aulas da parte teórica foram ministradas dentro do presídio e ainda foram inseridas disciplinas que não estavam previstas, tais como educação física. A matrícula é realizada pela Diretoria de Extensão e a certificação é dada pelo IF e Senac, parceiro que ministra as aulas práticas. O de elevação de escolaridade é fornecido pela Secretaria Estadual de Educação.

No total, foram beneficiadas 80 mulheres, e algumas já conseguiram se inserir no mercado de trabalho. A interlocução do IF com as entidades governamentais e não governamentais trouxe outros benefícios para as reeducandas, tais como a reforma dos espaços da creche e do berçário e mais atenção do poder público local para as necessidades dessas mulheres. Outra questão importante foi o envolvimento dos parceiros, que hoje continuam as atividades educacionais, como as aulas para a elevação de escolaridade e visibilidade para a situação dessas mulheres, que na busca de construir uma vida melhor são presas por tráfico ou por associação com seus companheiros.

### COMUNIDADE

Fronteira com a Venezuela e Guiana, Roraima é usada como corredor do tráfico. A atividade vitima várias mulheres que, por diversas razões, acabam sendo presas. Na Penitenciária Feminina de Boa Vista, são mais de 100 reclusas cumprindo pena, quase todas por tráfico. Há mulheres de todas as faixas etárias – jovens de 18 anos e adultas com mais de 50.

### PARCERIAS

**Brasil:** Secretaria de Educação do Estado de Roraima, Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae-RR), Serviço Nacional da Indústria (Sesi-RR), Serviço Nacional de Aprendizagem (Senac-RR), Fórum da Educação de Jovens e Adultos (EJA), Secretaria de Justiça do Estado, Universidade Federal de Roraima (UFR), Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB), Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo (SESCOOP).

**Canadá:** Red River College e Cégep Régional de Lanaudière.

**CRISONÉIA BRITO***Professora e gestora do projeto em Roraima.*

Quando assumi a gestão do projeto Mulheres Mil, em novembro de 2009, já conhecia a dinâmica, a estrutura, os parceiros e a equipe envolvida, pois ministrei o componente de Língua Estrangeira – Espanhol para as alunas da primeira turma, e foram exatamente elas que me inspiraram a continuar o trabalho.

À frente do projeto, dei continuidade ao trabalho iniciado pela professora Jane Amorim. Conseguimos ampliar os parceiros, sensibilizar mais servidores e professores do IF para contribuir com o programa, discutir e buscar estratégias para inseri-las no mundo do trabalho, e tivemos que enfrentar diariamente os diversos contratempos para garantir o funcionamento das aulas.

O conteúdo prático era ministrado por professores do IFRR e dos parceiros no próprio presídio, já as aulas práticas de culinária e as de informática precisavam de laboratórios e eram ministradas no Senac. Por elas serem reeducandas, algumas exigências precisavam ser atendidas para que elas pudessem assistir às aulas, tais como o transporte do presídio até o Senac e a escolta armada de policiais para acompanhá-las.

A inserção no mercado de trabalho ainda é um dos entraves. O preconceito, a baixa escolaridade e a sedução do dinheiro fácil, que pode ser conseguido através do tráfico, são alguns dos desafios para que essas mulheres possam se reinserir na sociedade, com oportunidade de trabalho e dignidade. Uma das possibilidades que estamos discutindo com os parceiros é a organização de uma cooperativa de alimentos para funcionar dentro do presídio. A ideia inicial é que elas pudessem produzir a alimentação dos presídios masculino e feminino, que hoje é fornecida por uma empresa terceirizada.

O Mulheres Mil é um programa que está em processo, ainda há muitos caminhos a trilhar e milhões de mulheres brasileiras que precisamos atender. Percebemos que a população carcerária é uma parcela que necessita dessa oportunidade. No presídio de Boa Vista, mensalmente chegam mulheres de diversas idades que por falta de perspectiva de trabalho e renda acabam sendo seduzidas pelo tráfico.

Mas, mesmo diante das diversas dificuldades, temos vitórias. Em dezembro de 2010, das 40 reeducandas matriculadas inicialmente, entregamos o diploma de Técnico em Culinária Regional para 32 delas.”



**JANE DA SILVA AMORIM***Gestora do projeto, de 2007 a 2009.*

Relatar o que foi para mim o Mulheres Mil é falar de desafios. Em 2007 recebi a missão de implantar um projeto inclusivo para reeducandas da cadeia pública feminina de Boa Vista. O primeiro desafio foi conhecer como se executaria um projeto em um sistema prisional, visto que nunca havia entrado em um presídio.

Após o primeiro contato com as reeducandas, fiquei um pouco apreensiva, pois elas estavam descrentes. Alegavam que muitos cursos foram oferecidos e logo em seguida se sentiam abandonadas e apenas com um certificado. Assim, o desafio foi sensibilizá-las para que aceitassem essa nova proposta. O próximo passo foi a sensibilização para a composição de uma equipe multidisciplinar que iria auxiliar na implantação do projeto. Além desses, tínhamos que executar o projeto com poucos recursos financeiros e para isso recorremos às parcerias com entidades locais que nos apoiaram na execução do projeto.

Após dois anos, pude verificar o quanto a sensibilização, que chamo aqui de porta a porta, deu resultado tanto com o gestores do IFRR como com os demais servidores que contribuíram para que o projeto fosse um sucesso. Não posso deixar de citar as valiosas contribuições dos parceiros locais, nacionais e internacionais na execução deste projeto.

Para mim, foi um grande aprendizado em variadas áreas, tais como gestão de projetos sociais, efetuar uma prestação de contas com os parceiros canadenses, desenvolver técnicas de negociação para angariar parceiros, entre outras.

Além disso, esta experiência tem garantido como resultado a permanência das reeducandas, através do envolvimento e da participação nas aulas, caracterizando assim o processo educacional e a sequência da qualificação. Outro ponto a considerar é a elevação da estima, pois elas atualmente estão motivadas a seguirem seus estudos, e já pensam em cursar o ensino técnico profissionalizante e cursos superiores, conforme depoimento de uma das reeducandas:

‘Já estava afastada há muitos anos da escola e quando sair vou ter uma oportunidade de conseguir um emprego. Fui empregada doméstica



e também trabalhei como cozinheira. Quando saímos daqui muitos não querem nos dar emprego, pois ainda há muito preconceito. Agora será diferente, estaremos mais preparadas' (depoimento de Sôngela Soares de Lima, 46 anos, reeducanda participante do subprojeto *Inclusão com Educação à Assessoria de Comunicação Social do IFRR*). (Fonte: CCS/IFRR 2009.)

Tenho certeza de que *Inclusão com Educação* das reeducandas da cadeia pública feminina não é só uma ideia, é uma ação concreta e que não é mais só desta equipe ou do IFRR, mas é uma ação de um grupo de instituições que estão engajadas em executar ações que tenham como premissa básica a mudança de vida de um grupo que verdadeiramente não necessita de caridade ou de realização esporádica de responsabilidade social institucional, mas de ações que melhorem sua autoestima, sua qualidade de vida e, principalmente, suas ferramentas para enfrentar com mais dignidade a sociedade e o mundo do trabalho."

### JUERIVALDA MOREIRA DE BARRETO

*Professora.*



Na realidade eu sou professora de línguas e eu queria muito trabalhar desenvolvendo algumas coisas com adultos. E essa foi uma oportunidade, porque eram adultas e tinha a situação específica dessas mulheres – estarem reclusas, privadas de uma série de atividades –, e esse fator me motivou. Nós desenvolvemos uma oficina de leitura e o objetivo era despertar outra leitura, uma outra visão a partir de símbolos, de fotografia, de mensagens, de texto, de colocações que elas faziam, mas não tinham uma percepção muito

profunda a respeito. O nome do projeto era 'Página para o céu'. Achei muito interessante, porque tive oportunidade de lançar isso aí. Inclusive levando outros livros, e elas ficaram muito interessadas porque leram outras coisas. O vínculo que começou numas coisinhas simples talvez desperte lá no futuro para a vida delas.

Nós conseguimos bons resultados, porque elas conseguiram falar, conseguiram escrever, elas conseguiram ter outra percepção. À medida que nós mostrávamos determinados elementos para elas avaliarem, elas conseguiam dar uma resposta.

Foi uma oficina bem interessante, elas gostaram muito. No início elas pensavam que fosse uma leitura tradicional: pegarem um texto e ler. Tivemos essa parte também, mas exploramos essa outra leitura, que era a que elas viam por trás das imagens; foi muito interessante."



**MARCIA ROSANE DE OLIVEIRA DE SENA***Professora de Educação Física.*

Nosso ingresso no projeto foi para poder estar oferecendo para as reeducandas não só a prática da atividade física, mas principalmente ações voltadas para a questão da ludicidade. O trabalho era desenvolvido pelo menos duas vezes durante a semana, levando atividades de ginástica, exercício, ginástica aeróbica, bem como dança e brincadeiras. E o mais interessante é que nós conseguimos integrar os alunos do curso de Educação Física. Por quê? Porque nós entendemos que o profissional de Educação Física formado por esse Instituto, apesar de ser licenciado em Educação Física, também tem que estar preparado para trabalhar com esse público excluído e desafiador.

O trabalho foi desenvolvido com esse foco, então isso foi muito interessante tanto para as próprias reeducandas como para os alunos também. As aulas eram voltadas para uma leitura corporal, quando elas podiam estar compreendendo o uso do corpo dentro da perspectiva da corporeidade sobre as próprias ações; é vincular uma comunicação com esse corpo físico, com esse corpo que dói, com esse corpo que sorri, com esse corpo afetivo. Então, no registro de algumas fotos que nós tiramos no decorrer do curso, é possível perceber que além da atividade física elas estão sorrindo, se tocando, tocando nos alunos através da intervenção lúdica. Outro aspecto é que esse projeto que desenvolvemos com as reeducandas corresponde ao que se quer hoje da educação, que não é voltada apenas para o corpo forte, que realiza atividades físicas, mas um corpo que se permite socializar, exteriorizar as emoções e perceber o outro ao seu redor. Com isso, elas conseguiram perceber o quanto elas não utilizam o corpo, principalmente dentro daquele espaço, em que ficam um tempo ociosas, e que mesmo quando não estamos lá elas podem se autodirecionar.

Além dessa oportunidade de docência nesse espaço, que é um espaço totalmente diferenciado daquilo que se prega na licenciatura dos cursos de Educação Física, que é uma comunidade não escolar, nós tivemos a oportunidade de publicar esse trabalho, um relato de experiência. Nós já temos uma produção científica, da qual eu fiz parte, e nós fomos apresentar no Congresso de Extensão que aconteceu em 2009, no Mato Grosso. No momento da apresentação, os olhares foram muitos, porque perpassam por várias leituras: a questão do poder, o que elas podem utilizar desse corpo, e de alguma forma estamos contribuindo para que elas fiquem mais fortes.



Sobre a reação dos alunos, na primeira turma teve uma situação de medo, que é natural, porque de qualquer forma é isso que nós, da sociedade que está aqui fora, compreendemos sobre quem está naquele espaço lá, de presídio. Mas os alunos ficaram satisfeitos, implicados com a situação, curiosos para saber por que cada um tava lá dentro. Com isso, as outras turmas começaram a querer ir, querer conhecer, querer ver. Então nós já temos alunos no curso que pensam em sair para fazer uma especialização em educação inclusiva, e tendo esse público como o público-alvo.”

### REGINALDO DE LIMA PEREIRA

*Professor.*



Dei aula sobre matemática financeira. Fui lá e adorei, porque a gente vê nas pessoas que estão ali a vontade de aprender, de ter um futuro lá na frente, diferente do momento que elas vivem lá. Elas tinham maior interesse de participar das aulas, saber como aplicar aquele conteúdo que foi visto lá. Elas têm uma força de vontade muito grande de sair dali e ser alguém diferente do

que eram e por isso estavam lá.

Os conteúdos que foram ministrados foram bem absorvidos, porque, além da parte teórica que a gente trabalhava, a gente fazia também a parte prática, com problemas vivenciados por elas. Fazíamos com que elas criassem uma situação onde a gente poderia aplicar a matemática financeira. Elas participam do momento da construção dos conteúdos, porque assim flui melhor, com elas mesmas formando os problemas.”



### RAFAELA SANTOS

*Aluna do curso de licenciatura em Língua Espanhola e Literatura e professora do Estado.*



Já participei duas vezes do projeto Mulheres Mil como voluntária. Eu lecionei a classe de espanhol instrumental voltado para a cozinha regional. Ensinei algumas coisas básicas do espanhol e a gente trabalhou também com algumas receitas. Palavras no léxico que tinham que ver com o que elas iam trabalhar. Foi uma experiência muito boa! Na primeira vez eu fiquei um pouco nervosa, sem saber mesmo o que dizer, sem saber o que fazer em sala de aula.

Foi muito bom, fui bem instruída pelas professoras. Percebi que não só ensinei o espanhol para elas, mas houve uma troca muito grande de histórias de vida. Então, tinha classe que eu trazia músicas

para elas em espanhol e a gente pensava sobre aquelas músicas, que também refletiam os sonhos e a história de vida delas.

É muito forte realmente; você via meninas da minha idade – eu tenho 21 anos – ou senhoras com 50, 60 anos, todas com histórias de vida fortes. Elas me receberam muito bem, participaram muito, e eu pude levá-las para fora da sala de aula. Foi muito bom, muito prazeroso. E já encontrei uma que foi minha aluna; ela estava toda arrumada atrás de emprego; eu fiquei muito feliz.

A gente ensina o conteúdo que a gente sabe, só que, por incrível que pareça, a gente aprende muito mais. Tinha gente lá que já tinha contato com o espanhol e quando eu falava uma palavra elas diziam: ‘Ah, professora, no meu país fala assim’ ou ‘No país que eu andei fala assim’. Então, eu já agregava outra palavra, era uma troca de conhecimento.

O que eu aprendi muito com elas foi a questão de recomeçar. Uma palavra que quando eu olho para elas eu lembro é recomeço. Todos nós temos um recomeço, nós sempre estamos recomeçando, só que para elas é um ponto mais forte, é deixar para trás tudo o que aconteceu e começar de novo. E é muito bom, porque muitas de lá aprenderam a ler, porque não sabiam, aprenderam a escrever, e estão aprendendo uma língua estrangeira com o nosso espanhol, que é a segunda língua mais importante de todo o mundo.”

### MARIA INÊS LIMA SANTIAGO

*Professora da rede estadual.*



É a primeira vez que trabalho com o sistema prisional e estou amando, porque por 17 anos trabalhei com primeira a quarta série lá fora. A diferença é que você está trabalhando com adulto, você coloca a sua proposta de trabalho, elas aceitam, copiam. Mesmo algumas não querendo estudar, tendo resistência, elas vão e fazem.

Atualmente estou aqui no EJA primeiro segmento, segunda série e quarta série; estamos desenvolvendo um trabalho de alfabetização e leitura com os conteúdos propostos pela EJA. Elas são receptivas, carinhosas e educadas. Na medida do possível, a gente vai fazendo um trabalho, aceitando. Tem umas que desistem, aí eu vou lá, converso, peço, tento trazer de volta para a sala. Eu ministro todas as disciplinas.

Nossa, é cada história que você escuta! Tem uma das alunas que estava fazendo leitura, porque ela não sabia ler. Ela me relatou que chegou até sétima série sem saber ler. Nossa, eu chorei na frente das alunas, não aguentei! Aí passei a trazer livros para ela. Outra coisa que eu faço muito é incentivá-las para que elas levem esses estudos para os filhos.

Tenho gostado do trabalho, tem sido gratificante para o meu crescimento como professora, como pedagoga e como ser humano também.”

**VIRGÍNIA ALBUQUERQUE***Jornalista.*

Desde o ano de 2008, eu acompanho o Projeto Mulheres Mil. Com relação ao projeto em si, à questão da relevância social que ele tem para a gente, isso é evidente. Hoje, já no terceiro ano que eu acompanho, tenho visto como essas mulheres têm reconhecido, porque o principal é o público-alvo reconhecer a importância do projeto. E realmente elas acreditarem que através do subprojeto *Inclusão com Educação* elas vão poder alcançar algum posto, alguma colocação no mercado de trabalho, porque é muito difícil quando você leva um projeto para essa clientela e elas não acreditam nele.

Eu acho que a existência do Portal é fundamental, principalmente para a troca de experiência. Com relação à questão da rede em nível de Brasil, para a gente ter conhecimento de como funcionam os outros projetos e para a gente poder até adaptar alguma ideia, para nós aqui é fundamental ter essa rede para que a gente possa estar em comunicação.”

**ANA ALICE MONTEIRO DOS SANTOS***Diretora do Departamento de Direitos Humanos e Cidadania.*

Quando a ex-coordenadora do projeto, Jane Amorim, nos procurou e colocou esse projeto como um começo para uma nova visão em relação a essas mulheres, porque a maioria das nossas reeducandas, 85%, são presas por tráfico, vimos uma grande oportunidade de ajudar essas mulheres. A maioria dos maridos está preso, os filhos estão com alguém da família ou em abrigos. Isso dificulta muito, porque a autoestima é muito baixa. Aqui é um corredor de tráfico de duas fronteiras, tanto da Venezuela como da Guiana, e também tem a entrada de outros estados.

Antes do projeto a maioria delas fazia tratamento com psiquiatra, tomava remédio controlado. A partir do momento em que a gente inseriu o Mulheres Mil, ele veio como uma luz para essas mulheres. Ele causou uma reviravolta muito grande, porque elas tiveram outra visão. Elas estão lá dentro, estão no regime fechado; então, quando elas começaram a participar das palestras,



dos cursos, quando elas começaram a ouvir que elas poderiam realmente se tornar pessoas dignas quando saíssem da prisão, elas tiveram uma melhora de 85%. Aí elas começaram a participar de cursos, fizeram o de cozinha regional, que foi o maior sucesso.

Dessa primeira turma, quatro já estavam no mercado de trabalho, devido ao Projeto Mulheres Mil, e hoje nós estamos acompanhando e elas estão tendo um novo direcionamento. Elas sempre nos relatam que entraram no tráfico porque em uma semana elas conseguem R\$ 1 mil a R\$ 2 mil, que elas vão ter que trabalhar uns três a quatro meses para conseguir essa quantia. Mas hoje elas sabem a consequência disso, pois estão afastadas da família, são só elas mesmas, esperando uma oportunidade para voltar para a sociedade.

E esse projeto trouxe tudo, essa autoestima de que a gente fala, a motivação, ela é uma coisa interna, e através das palestras e dos cursos elas se transformaram em outras pessoas. Voltaram a ter a alegria e a determinação. Até a questão de algumas que estão no semiaberto e têm que voltar às nove da noite e elas fugiam mudou. Hoje elas entendem que precisam cumprir, porque assim têm condições de sair muito mais rápido.

Eu vejo que o Projeto Mulheres Mil, esse nome, veio exatamente para o sistema penitenciário, porque ele transforma essas mulheres. Percebemos que hoje essas mulheres têm uma perspectiva de futuro.

Elas não vão acabar ali dentro da prisão, muito pelo contrário, elas vão cumprir sua pena e vão ter uma segunda oportunidade na vida.”

### SANDRA REGINA SANTOS

*Diretora da Penitenciária Feminina de Boa Vista.*



Quando fui convidada para administrar este presídio, fiquei balançada, pois não tinha experiência em trabalhar com mulheres.

Até então tinha trabalhado com homens, mas aceitei o desafio. Ao chegar nesta unidade, encontrei mulheres sem perspectivas, que passavam o dia dormindo, jogando cartas ou com picuinhas. A maioria se envolveu com o tráfico de drogas, tem o grau de escolaridade baixa e faixa etária entre 20 a 50 anos. A maior parte delas já tem uma história familiar conturbada. Algumas não recebem visitas de familiares. Sabemos que é fundamental a família na vida de qualquer ser humano. Não é porque erraram que devem ser abandonadas.



Foi quando fomos ao Cefet pedir que a instituição proporcionasse algum tipo de atividade física e recreativa para as reeducandas. Lá, a professora Jane Amorim (gestora do projeto na época) nos informou que já havia um projeto prontinho para ser desenvolvido com as reeducandas e que se chamaria Mulheres Mil. Em pouco tempo, o projeto começou e foi uma maneira de ocupar o tempo e ensinar uma profissão para elas, sem contar que é computado para remissão de pena.

Creio que esse projeto tem uma grande importância para cada uma que participa, pois temos visto que elas falam que quando saírem daqui vão colocar o seu próprio negócio para poderem trabalhar e viver dignamente. Elas criaram uma responsabilidade, estão aprendendo a cumprir regras e têm esse projeto como uma porta que se abriu para um futuro melhor. Quanto à autoestima, elas perceberam que não é porque estão privadas de sua liberdade que não são seres humanos. Erraram, mas estão pagando pelos erros e, ao mesmo tempo, aprendendo uma profissão.

Se o preconceito da sociedade fosse menor, o índice de reincidência diminuiria, pois essas mulheres, e até mesmo os homens, muitas vezes cometeram qualquer infração pela primeira vez. Se a sociedade tiver sempre esse pensamento e não der oportunidades de trabalho, com certeza elas voltarão para o mundo do crime.”

### GERALDO DOS ANJOS

*Diretor regional do Senac Boa Vista.*



A visão que nós temos como parceiros é de aproximar essas mulheres do mercado de trabalho de Boa Vista, porque elas estão distantes por razões temporárias, e de verificar que

existe a possibilidade de tratar melhor esse pessoal, com qualificação profissional, para em futuro breve estar voltando ao mercado de trabalho, numa situação de cidadã e de trabalhadora. Esse projeto não é só importante, é necessário, porque nós precisamos de pessoal qualificado no nosso estado. Oxalá esse pessoal possa ser amanhã o nosso instrutor no Senac.”



### ÉDER RODRIGUES

*Jornalista da Universidade Federal de Roraima.*



Temos o prazer de contribuir com esse projeto que é o Mulheres Mil. Estamos participando a convite do Instituto Federal, que tem sido um valente na execução desse programa na cadeia feminina, e a nossa

participação tem sido mais pontual, em relação à produção de um vídeo e um minidocumentário, um audiovisual em curta metragem. O nosso intuito é no final de todo o treinamento fazer um registro, por meio da TV Universitária aqui em Roraima, do trabalho dos professores, dos agentes, do sistema, em função da ressocialização dessas mulheres.

Eu costumo dizer que a mídia, a imprensa, trabalha, sobretudo, com a pergunta do cidadão que não sabe por que essa mulher está lá, por que ela cometeu esse crime e encerra por aí. E a gente, como articulador do audiovisual, está trabalhando com a resposta do cidadão, que é a própria reeducanda. Então, nós estamos do outro lado da moeda, estamos trabalhando a resposta dela em relação a isso; que ela quer se superar, que ela quer estudar, que ela quer se qualificar.

Esse produto de audiovisual pretende também ser uma resposta a todo esse excelente trabalho realizado pelo Governo Federal e pelo Instituto Federal em prol dessas mulheres em situação de risco.”

**EDIVALDO PEREIRA DA SILVA**  
*Reitor do Instituto Federal de Roraima.*



Traduzir a importância desse projeto é uma atitude difícil pela magnitude que ele tem, mas traduziria essa importância em duas visões. Do ponto de vista institucional, ele é importante porque vem ao encontro direto dos objetivos e das finalidades que deve cumprir o Instituto Federal enquanto instituição integrante da rede federal e tecnológica. Do ponto de vista social e da clientela atendida, a importância dele é como se nós estivéssemos levando para aquelas reeducandas uma proposta de uma nova vida, uma proposta em que, através do engajamento delas, elas pudessem estar vislumbrando um futuro melhor, uma porta que se abre, para uma perspectiva de elas refazerem, reconstruírem suas vidas, promoverem sua reintegração no contexto social, em liberdade, com conhecimento, podendo exercitar na plenitude seu direito de cidadãs. E o que é mais importante: ao voltar ao convívio social em liberdade, trazer consigo um conhecimento que vai lhes permitir produzir seu sustento, adquirir um meio de vida, capaz de produzir, de gerar receita para pagar suas despesas, manter sua família, enfim, ter um trabalho, uma profissão definida.

A grande contribuição desse projeto é que de repente parece que foi preciso alguém de lá do outro lado do mundo chegar para nós e dizer assim: ‘Olha para fora do teu entorno, olha para fora da tua instituição, olha em que contexto tu estás inserido’. Essa é a grande virtude desse processo, é nós termos a capacidade de ir além daquela rotina do ensino formal que nós competentemente sempre fizemos nas nossas instituições.

Mas é preciso ir mais além, e aí mais uma vez eu faço uma ponte com a finalidade que deve cumprir essa rede federal ligada às atividades de extensão, e ter a capacidade de sair de dentro dos seus muros e ir ao encontro da necessidade, da demanda, do que a sociedade está precisando enquanto presença do poder público como agente de formação, de resgate da cidadania e superação das desigualdades sociais.

Nós, como servidores públicos, como agentes públicos, pagos pelo poder público, temos o dever moral, cívico, ético de proporcionar o conhecimento, o saber, o envolvimento social a quem mais dele precisa, que são exatamente aquelas pessoas que não conseguem pagar. E dizer que não podem pagar é só uma meia verdade, porque na realidade quem nos paga são eles, através dos impostos.

Então, se nós já somos pagos para fazer o que devemos fazer, temos mais é que adquirir a consciência, a clareza e a racionalidade de procurar fazer isso bem feito. É preciso chegar junto daquela comunidade, uma vez que a imponência das nossas instituições às vezes afasta o mais humilde, aquele que não sabe falar direito, aquele que tem dificuldade de se comunicar; ele se afasta, já olha assim e pensa: 'Olha! Isso não é para mim!'. Então, é papel nosso enxergar essa realidade e desfazer esse mito, e fazer ver que essa instituição foi criada exatamente para aquela clientela. Porque quem é muito bom, quem tem bom conhecimento, bom domínio e recursos não precisa da nossa instituição.

Nós fomos criados, o Instituto Federal foi criado para dar conta de superar as grandes desigualdades sociais que existem nesse país e para dar atenção racional, oficial, às diversidades que formam o contexto da nossa sociedade."





## DO LIXO À CIDADANIA E PESCADO À CIDADANIA

Em Sergipe, o Instituto Federal promoveu capacitação para duas comunidades diversas: as moradoras do bairro Santa Maria, na periferia de Aracaju, e as pescadoras de Taiçoca de Fora, que fica no município de Nossa Senhora do Socorro. Para as mulheres do bairro Santa Maria, a qualificação foi na área de artesanato, usando como matéria-prima papéis e papelão, tecidos, garrafas PET e madeira. Em Taiçoca de Fora, além do artesanato com cascos de marisco, foi incluída arte na culinária.

Contando com a integração de professores, o IF ministrou a parte teórica, e os parceiros contribuíram na qualificação da parte profissionalizante. Abrir diálogo com as comunidades e angariar parcerias foram alguns desafios enfrentados e vencidos pela Instituição. Atualmente, o IF conta com mais de nove parceiros, que contribuem com a oferta de elevação de escolaridade, ministram aulas de artesanato e possibilitam que alunas possam vender seus produtos em feiras e eventos promovidos em Aracaju, entre outras ações.

A regularização da matrícula foi feita por meio de edital e de entrevistas para seleção e preenchimento de diagnóstico socioeconômico, e a certificação foi no modelo Formação Inicial e Continuada (FIC). A carga horária do curso é de 280 horas e a matriz curricular foi elaborada pelo escritório de acesso e pela Direção de Ensino. No que diz respeito à geração de renda, por se tratar da área de artesanato, que tem mercado de trabalho diferenciado, as egressas estão sendo acompanhadas e o IF continua fazendo articulações para possibilitar a elas a venda de seus produtos.

### COMUNIDADES

O bairro Santa Maria fica na zona sul de Aracaju e é onde ainda é depositado parte do lixo produzido na capital. Mesmo com a proibição do Ministério Público, segundo os moradores, famílias ainda tiram o seu sustento dos resíduos trazidos de Aracaju, São Cristovão e Nossa Senhora do Socorro. Já o povoado de Taiçoca de Fora fica no município de Nossa Senhora do Socorro, área litorânea de Sergipe, e a maioria dos moradores sobrevive da pesca.

### PARCERIAS

**Brasil:** Ministério Público Estadual, Universidade Federal de Sergipe (UFS), Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae-SE), Secretaria Estadual de Inclusão Social, Grupo de Saúde e Prevenção nas Escolas, Prefeitura Municipal de Nossa Senhora do Socorro, Cooperativa de Agentes Autônomos de Reciclagem de Aracaju (Care); Fundação de Apoio ao Desenvolvimento Tecnológico de Sergipe (FUNCEFETSE), Instituto de Beleza Cida Duarte e educadores voluntários.

**Canadá:** New Brunswick College of Craft and Design e Cégep Marie-Victorin.

**NARA VIEIRA****Professora e gestora do projeto em Sergipe.**

Diversos foram os obstáculos que enfrentei para executar o Mulheres Mil em Sergipe. Por ser um projeto complexo, nem sempre os IFs estão preparados, porque é fundamental ter escritório de acesso para acolher e receber essas mulheres, montar uma equipe multidisciplinar sensível e disposta a trabalhar com esse público, sensibilizar os diversos setores do Instituto, tais como o setor de registro de alunos, o de horários de professores, o financeiro, a coordenação pedagógica, o de manutenção e almoxarifado, além de envolver setores para captação de parcerias.

O meu primeiro desafio foi colocar as 20 cooperadas da Care em sala de aula do IFS 12 dias após ter assumido a coordenação. A urgência foi porque percebi uma falta de credibilidade devido aos atrasos para iniciar a ação. Resolvi também aumentar o número de mulheres beneficiadas. Então, apresentei o projeto e a metodologia de aulas a mais dois grupos do Santa Maria e acrescentamos mais 20 alunas. Um ano depois, com muitos obstáculos superados, comemoramos a formatura da primeira turma. Foi um momento ímpar, tanto para as mulheres como para nós, do Instituto.

Atualmente, estou finalizando a segunda turma do projeto, que está beneficiando 44 alunas, com especificidade laboral bem diferente das primeiras, porque as atuais são pescadoras e de município mais distante, Taiçoca de Fora. O curso de qualificação é na área de artesanato com aproveitamento de cascos de marisco e arte na culinária (como: o *mise en place* e boas práticas na fabricação e segurança alimentar). Além disso, firmamos parceria com o governo municipal, por intermédio da Secretaria de Educação de Nossa Senhora do Socorro, para oferta de elevação de escolaridade em nível de Alfabetização e Educação de Jovens e Adultos Fundamental e Médio para as mulheres da Taiçoca de Fora.



A inclusão de parceiros é outro ponto crucial. Pela amplitude do projeto, que propõe desde a elevação de escolaridade até a inserção no mundo do trabalho, é imprescindível articular entidades diversas. Aqui, firmamos parceria com o Sebrae, que contribuiu com capacitações na área de artesanato; com as Secretarias de Educação estadual e municipal, para elevação de escolaridade; com o Ministério Público Estadual, para apresentação de palestras sobre direito das mulheres; com a Universidade Federal de Sergipe, para designar o Departamento de Línguas Estrangeiras para atuar em traduções de documentos, em visitas aos *colleges* canadenses e em documentários dessas instituições; com o Proarte, para a concessão da carteira de artesã; com o Grupo de Prevenção e Saúde na Escola, para orientação e palestras sobre doenças sexualmente transmissíveis; com a Secretaria Estadual de Inclusão Social, com a qual estamos negociando a cessão de um espaço para que as alunas possam

comercializar seus produtos; além da Fundação do IFS, do Instituto de Beleza Cida Duarte, bem como o envolvimento da cooperativa Care e de alguns professores aposentados, com os quais posso contar como educadores artesanais e conselheiros no mapa da vida e em entrevistas no acesso.

Paralelamente aos trabalhos com parceiros firmados, continuamos apresentando a metodologia de Reconhecimento da Aprendizagem Prévia (RAP) a outras entidades, como Petrobras, Chesf e Vale do Rio Doce, para abertura de futuras turmas de Mulheres Mil em comunidades em que essas empresas estejam instaladas. Além disso, prosseguimos acompanhando as egressas, fazendo as articulações para incluí-las em feiras e exposições de arte e cultura promovidas em Aracaju.

Outra questão que não posso deixar de citar foi a contribuição dos canadenses. Nos *workshops*, oficinas, visitas, eles repassaram a experiência que já vem sendo desenvolvida no Canadá, o que nos deu novas ferramentas para trabalhar com esse público. O RAP foi um dos pontos importantes, porque nos deu elementos para entender melhor a questão do reconhecimento dos saberes adquiridos no decorrer da vida.

Hoje, discutimos a expansão e sabemos que virão outros obstáculos, mas temos a certeza de que tudo pode ser superado. A grande vitória para todos – IFs, alunas e sociedade – é a inserção no mercado de trabalho de pessoas que estão à margem dos direitos fundamentais: educação, trabalho e saúde. E, às vezes, em decorrência da baixa autoestima, essas pessoas estão invisíveis até para si mesmas. E o nosso maior desafio é fazê-las ver os seus talentos e ofertar qualificação. E dar-lhes o que deve ser um direito de qualquer brasileiro: o exercício pleno da cidadania.

Aqui em Sergipe, o Mulheres Mil superou as expectativas, e a meta é continuar superando, com a expansão para outros *campi*. Para os demais IFs do Brasil que começarem a implantação da metodologia do Mulheres Mil, nós estamos à disposição para contribuir.”

### HUDSON CAUÊ DE ALMEIDA PINA Estudante do curso de Gestão de Turismo.



Comecei a trabalhar no projeto ainda no processo de diagnóstico da comunidade. Basicamente, eu trabalho na logística, mas tentei me envolver de outras maneiras para que isso pudesse me dar base também para focalizar outros aspectos e que me dessem possibilidade de artigos.

Desde muito novo eu faço teatro, e fiz curso para ser multiplicador do teatro do oprimido. Então, eu também dei aula de teatro, com a metodologia chamada Teatro do Oprimido, de Augusto Boal. Isso foi uma experiência maravilhosa para os dois lados. Eu também faço a cobertura fotográfica e realizei um vídeo que foi exposto lá no Fórum Mundial de Educação Profissional e Tecnológica, que aconteceu em Brasília, em 2009.

Aqui, dentro do IF, elas começaram a entender as responsabilidades, os deveres e os direitos que tinham, tais como votar para reitor. E elas conseguem não só ter acesso à metodologia do

conhecimento profissional que é o foco, mas também têm o crescimento pessoal. E esse é o 'grande barato' do projeto de extensão; é estar trazendo a comunidade para dentro da escola. E elas conseguiram claramente demonstrar esse crescimento; a gente consegue perceber conversando com elas.

Para mim, foi maravilhoso, porque eu aprendo todo dia, seja fazendo um memorando para solicitar material ou assistindo aula de desenvolvimento comunitário. Do ponto de vista profissional, foi a possibilidade de estar colocando em prática minhas ideias, tanto dando aula de teatro quanto tendo minhas fotos veiculadas no *site*. E tem ainda a possibilidade de estar crescendo junto com pessoas de bairro carente, como é o Santa Maria de Aracaju. Isso me deixa muito feliz para produzir com muito prazer."



### MARY NADJA LIMA SANTOS

*Professora.*



Ministrei a disciplina desenvolvimento comunitário e trabalhei alguns aspectos importantes de inclusão, conceitos de desenvolvimento,

políticas públicas, cidadania e, principalmente, a questão da participação cidadã nesse processo de desenvolvimento. Para trabalhar essas questões, desenvolvi uma metodologia a partir do conhecimento delas da realidade.



Trabalhamos com desenhos e muita afetividade. Montamos vários painéis e, após essa construção, elas extraíram esses conceitos. Fizemos o inverso do que fazemos na academia, e o resultado foi extraordinário. Tínhamos uma preocupação constante com os filhos que elas traziam, inclusive mães que estavam amamentando. Por isso, nós tínhamos que incluir os filhos nesse processo. Então, providenciamos mesa, cadeiras, lápis de cor e colocamos as crianças para trabalhar e assim não atrapalhar o rendimento dessas mães, porque elas estavam muito dispersas. Para mim foi muito enriquecedora; uma outra experiência que eu tive.

A gente aprende mais do que leva. Eu levei estratégias para elas se descobrirem, que elas têm conhecimento, e como têm. Foi uma troca; me enriqueceu muito."

## LEILA BUARQUE

Professora.

“ Fui professora de informática básica e fui a primeira a dar aulas para o Mulheres Mil. Foi um grande desafio, porque algumas não tinham nenhuma experiência com computador. Muitas tinham vontade de ir para a aula só para ter acesso à máquina. Era incrível! Isso me impressionou bastante. Era como se fosse um prêmio elas poderem entrar na internet, poderem acessar *sites*, coisas que muitas de nós faz corriqueiramente. Já, para elas, era tudo novo, poder visitar e conhecer esse novo mundo e aquela máquina.

Tinham mulheres que nunca tinham visto a máquina, nunca tinham usado um *mouse*; outras, que já sabiam, já mexiam. Essa variação de conhecimento foi um desafio muito grande. Apesar de a carga horária ser pequena, eu acho que consegui despertar nas que não tinham conhecimento nenhum que elas podem sim, independentemente de ter feito algum curso, sentar numa *lan house*, poder ter *e-mail*, se comunicar com o mundo.

Para mim, o que ficou de bom foi ver que elas conseguiram pegar o mínimo. A importância da inclusão digital é que quando você inclui não é só numa caixinha chamada computador. Você tá incluindo no convívio social: ir a um banco tirar um extrato, entrar na Internet, enfim, lidar com novas tecnologias, inclusive o celular, onde elas podem passar mensagem, por exemplo. ”



## CELIA LIMEIRA

Psicóloga.

“ Conheci o projeto e já comprei a ideia. Achei maravilhosa essa oportunidade de trabalhar com essas pessoas, com comunidades marginalizadas. Trabalhei com relações interpessoais, abordei a autoestima, as relações no trabalho, a família. Fizemos duas aulas aqui no Instituto e as outras foram na comunidade. Algumas pessoas me questionavam: ‘Você vai lá para a Terra Dura? Você é doida?’. Ou seja, a comunidade já sofre preconceito.

Na disciplina, falamos sobre a vida, sobre os nossos problemas cotidianos e de como enfrentá-los e administrá-los de alguma forma. Como elas vivem o aspecto da vida muito brutal, então elas encaram a vida e as relações de forma muito dura também. Aí eu brincava: ‘Vamos amaciar o bico; a gente pode dizer isso de uma forma diferente’. A cada aula eu percebia que se não tivesse intervenção só saía briga mesmo. No final, elas já tinham cuidado em falar com a colega. Elas começaram a ver que cada

um tem um desejo, que a gente não pode sonhar o sonho do outro, que deve dar liberdade ao outro, respeitar, e que respeito é isso.

As aulas eram ótimas, porque a gente discutia essas questões e eu deixava que fosse fluindo, observando o que ia acontecendo, para trabalhar o que vinha ocorrendo em sala de aula, qual era a necessidade que elas tinham.

Foi muito bom, e eu aprendi muito, até deixar de lado aquela coisa metodológica, científica e me adaptar e ver como elas poderiam pegar minha mensagem e como poderiam aprender alguma coisa comigo.

Elas são pessoas maravilhosas, que têm uma lição de vida gratificante. As alunas da primeira turma me convidaram para ser paraninfa e eu me senti gratificada, porque eu aprendi mais do que ensinei. Eu aprendi a não priorizar sofrimento, nem ficar agarrada às adversidades da vida, porque elas são alegres, mesmo passando por diversas dificuldades.”

### MARIA DO SOCORRO LIMA

*Relações públicas.*



A comunicação social trabalhou de forma efetiva na divulgação, dentro das suas possibilidades e limitações. A divulgação foi principalmente institucional e interna, mas, a partir do momento que colocávamos no *site* da Instituição, ia para o mundo. Então, penso que atingimos o principal objetivo, que foi deixá-lo conhecido.

Quando comecei a trabalhar no Projeto Mulheres Mil, não tinha ainda a dimensão de sua representação para aquelas mulheres, que viam nele portas e janelas abertas para vislumbrar uma perspectiva de vida melhor. Através dessa esperança, creio que uma das questões mais especiais para elas era o fato de conquistar o direito de se inserir no mundo, a partir do que ele propõe nos oferecer, das novidades sintetizadas no que comumente chamamos de ‘inclusão social’.

Assim, uma das coisas que me chamou a atenção foi uma frase dita por uma companheira mulher do projeto: ‘É um sonho entrar nesta Escola! Eu nunca pensei que um dia fosse entrar aqui!’. E outra que me disse num depoimento tomado: ‘Nunca tinha chegado perto de um computador. Nem sabia como ele era. Hoje já sei ligar’.

Mesmo com todas as fragilidades e dificuldades enfrentadas para



manutenção do projeto, penso que nas duas turmas de mulheres brotou-se a esperança de inserção, educação continuada e busca pela valorização do papel feminino na sociedade.

Cada cobertura feita pela nossa equipe de comunicação do IFS, desde o início do projeto, foi regada pela dedicação, pelo esforço e pela certeza de que estávamos não apenas fotografando, gravando, acompanhando, produzindo as matérias sobre suas trajetórias de vida. Mas, sobretudo, contribuindo para projetar, através de nossas ações, a capacidade das mulheres de lutarem no desejo de alcançar um lugar mais seguro no nosso tempo e espaço vividos.”

### MARINEIDE BONFIM Jornalista.



Integrei-me à equipe do Projeto Mulheres Mil em 2008, como profissional da Assessoria de Comunicação (Ascom) do Instituto Federal de Sergipe, setor responsável pela divulgação das ações do programa. Dessa maneira, minha atuação deveria ser simplesmente produzir notícias. Seria apenas mais uma atividade a ser divulgada, mas não foi.

Atuo no campo da comunicação, como jornalista, há 23 anos e, nesse período, trabalhei em alguns projetos comunitários, mas a minha experiência no Mulheres Mil teve uma outra natureza. Essas mulheres me emocionaram com suas histórias de vida, especificamente as dificuldades e superações. Identifiquei-me com algumas delas.

No projeto, encontrei mulheres pouco letradas, mas em busca do conhecimento. A vulnerabilidade e as feridas da vida não tiraram delas a esperança, o bom humor, o sorriso. Isso significa, simplesmente, querer viver.

Esse projeto acabou acertando no seguinte: existe um número imenso de mulheres, por aí, querendo uma única oportunidade para crescer. O projeto é, indiscutivelmente, um meio eficaz de despertar a cidadania.

Dar visibilidade a essas mulheres, num raio de alcance que elas nunca imaginaram atingir, foi a função social exercida por todos os profissionais de comunicação envolvidos nessa ação, interessados na transformação do cidadão.”



## MARIA JOSÉ DO NASCIMENTO

*Gestora de projetos do Sebrae.*



O Projeto Mulheres Mil é de fundamental importância para a sociedade, pois tem como objetivo a promoção da inclusão social e econômica, através da capacitação profissional, gerando renda e, conseqüentemente, a inclusão da mulher na sociedade.

Nós, do Sebrae, decidimos estabelecer uma parceria com o Instituto Federal de Sergipe (IFS), através do Projeto Mulheres Mil, porque pretendemos fortalecer o empreendedorismo no processo de geração do negócio produtivo.”



## AILTON RIBEIRO DE OLIVEIRA

*Reitor do Instituto Federal de Sergipe (IFS).*



O programa é de fundamental importância para nossa instituição, visto que ele proporciona a inclusão social e a formação profissional para mulheres desfavorecidas de Sergipe. O objetivo principal do Mulheres Mil é oferecer capacitação profissional para elas, incrementando seu potencial produtivo e promovendo a melhoria das suas condições de vida. Por meio do projeto, as mulheres participam de cursos na modalidade de Formação Inicial e Continuada (FIC), tendo acesso a conteúdos que possibilitam seu crescimento

social e econômico em um curto espaço de tempo, por meio de aulas práticas profissionalizantes.

Quando decidimos implantar o Mulheres Mil aqui no Instituto, em meados de 2007, encontramos alguns obstáculos, que logo foram superados por nossa equipe. Uma das dificuldades foi a adequação, por parte dos professores, da metodologia RAP (Reconhecimento da Aprendizagem Prévia) ao processo em sala de aula. Outra barreira foi a ausência inicial de uma coordenação com formação ligada às questões sociais.

Outros dois obstáculos encontrados por nós foram a difícil adesão de parceiros para arcar com custos de transporte, que foi resolvida a partir de parceria firmada com a administração municipal, e a ausência de uma



estrutura física adequada para a realização de aulas de artesanato, sanada com a ajuda de alguns parceiros.

A partir da implantação do Mulheres Mil, tivemos a comprovação de que nossa instituição tem total condição, inclusive por conta de seu qualificado corpo de funcionários, para se adequar ao novo momento por que passa a educação profissional e tecnológica no Brasil. Ao receber como alunas inúmeras mães e donas de casa, que moram em regiões menos favorecidas do estado, os nossos professores e alunos despertaram para o fato de que todos nós temos saberes próprios e, para que eles sejam revelados e ampliados, basta oferecer oportunidades, de maneira geral e irrestrita.

O IFS, através da coordenação do projeto, está preparando um cronograma de visitas a todos os *campi*, a fim de fazer um trabalho de reconhecimento da região e dos saberes das comunidades ali fincadas. Além disso, buscaremos identificar em cada *campus* um servidor que possa introduzir no local a metodologia RAP. Após a conclusão da nossa segunda turma, o que deve acontecer no final de março de 2011, daremos início à capacitação dos servidores indicados como coordenadores de *campus*. Em seguida, faremos uma seleção de mulheres, homens e adolescentes que estejam em condições de risco e/ou condições econômicas desfavoráveis, para que eles integrem as novas turmas do programa, que seria intitulado *Inclusão Mil* e beneficiará os diversos gêneros, oferecendo educação de qualidade e profissionalizando cidadãos de acordo com a demanda de cada região do estado.”



**TOCANTINS**

## CIDADANIA PELA ARTE

Em Tocantins, o Instituto Federal beneficiou moradoras da comunidade de distrito de Taquaruçu e do bairro Santa Bárbara. Para o desenvolvimento da ação, contou com parceiros que contribuíram na oferta de elevação de escolaridade, nos cursos nas áreas de artesanato, corte e costura e alimentos, entre outras.

A regularização da matrícula e a certificação foram garantidas com a aprovação do plano pedagógico do curso no Conselho Superior de Ensino. Com isso, o Instituto tem instrumentos legais para matricular as alunas e certificar tanto a qualificação profissional quanto o primeiro e o segundo segmento.

O IF teve o desafio de se adequar à realidade de cada uma das comunidades. Em Taquaruçu, o deslocamento das alunas para o IF e a mobilização e sensibilização das comunidades foram os desafios iniciais. Já no Santa Bárbara, um dos entraves foi a oferta de Educação de Jovens e Adultos, visto que a maioria das alunas tinha baixa escolaridade e essa modalidade de ensino não estava sendo ofertada no bairro.

Com carga horária de 320 horas, a ação beneficiou 75 alunas, e a meta do IF é expandir o Mulheres Mil para mais seis municípios, beneficiando mulheres que atuam em outras atividades, tais como pescadoras, quebradeiras de coco, agricultoras familiares, entre outras.

### COMUNIDADES

Taquaruçu é um distrito rural repleto de belezas naturais que atraem muitos turistas. No entanto, a baixa escolaridade das moradoras empurra-as para atividades domésticas, tendo muitas vezes que se deslocar para Palmas. Já o bairro Santa Bárbara é fruto de uma ocupação e enfrenta diversos problemas sociais. Em comum, a maior parte das alunas tem baixa escolaridade, assume sozinha o sustento da família e está em busca de oportunidades que possam gerar trabalho e renda.

### PARCERIAS

**Brasil:** Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) e Prefeitura de Palmas.

**Canadá:** New Brunswick College of Craft and Design e Cégep Marie-Victorin.

## ANA CAROLINA FALCÃO BRAGA

*Gestora do projeto em Tocantins.*



A partir do momento que o Instituto Federal de Tocantins apoiou e apoia esse projeto, faz jus a sua responsabilidade social e isso é um ganho para toda a sociedade. No Mulheres Mil, as alunas são as principais atoras e, com certeza, todo o aprendizado que foi repassado e também as oportunidades empreendidas vão fazer a diferença, tanto na vida profissional como na pessoal dessas cidadãs. Outra questão relevante foi o resgate que muitas fizeram da sua autoestima, porque isso traz uma mudança muito grande no dia a dia, tanto na convivência com elas mesmas como no convívio social.

A minha participação aconteceu desde a primeira turma, quando fui convidada para fazer capacitações sobre vendas e desenvolvimento de equipe. Foi uma experiência rica, porque percebi a importância do projeto para o desenvolvimento pessoal e profissional dessas mulheres, que estavam sem perspectivas. Depois de algum tempo, fui convidada para ser a coordenadora. Isso foi um presente, porque tive a oportunidade de sentir mais de perto ainda a grandeza desse projeto.

Como coordenadora, desenvolvo o trabalho de monitoramento. Formei uma equipe multidisciplinar em que aloquei cada profissional a uma área. Também conseguimos parceiros importantes, como a prefeitura municipal, que cede professoras para lecionar as aulas de primeiro e segundo segmento. Tem ainda a parceria com o Senai, que ministra cursos profissionalizantes na parte de corte e costura e de doces e salgados.

Nosso desafio maior foi a questão da elevação da escolaridade, pois na segunda turma tinha mulheres que ainda não sabiam ler ou apresentavam dificuldades na leitura e na escrita. Outro grande desafio foi a aprovação, com êxito, do plano pedagógico do curso no Conselho Superior de Ensino. Com isso, o Instituto tem instrumentos legais para matriculá-las como alunas e certificar tanto a qualificação profissional quanto a certificação do primeiro e segundo segmento.

Outro desafio é a comercialização dos produtos, porque essas mulheres agora sabem produzir algo e precisam fazer com que esses produtos gerem renda para ter mais qualidade de vida, podendo assim se empoderar e ter seu espaço na sociedade.

Aprendi muito com a vontade dessas mulheres de se superarem apesar das adversidades em que se encontravam. Além disso, o projeto proporcionou algumas qualificações com os canadenses que, com certeza, vão fazer a diferença na minha trajetória profissional!”



## MÁRCIO FROTA DA SILVA

Assessor pedagógico.



Em 2007, fui aprovado no vestibular para o curso de Pedagogia pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). Algo inédito acontecia em minha casa: fui o primeiro membro da família a ingressar no ensino superior. Em 2008, no 4º período do curso, descobri que era egresso da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Ao estudar artigos sobre o tema fui reconhecendo minha história de vida em cada texto que lia. Daí nasceu minha grande paixão por essa modalidade de ensino. Ingressei na EJA em 1999, para concluir o Ensino Fundamental, depois da insistência de uma namorada que, após a leitura e correção das cartas que eu lhe escrevia, ao devolvê-las, recomendava-me carinhosamente: 'Pense em nosso futuro. Volte a estudar!'. A ela, os meus agradecimentos.

No segundo semestre de 2009, recebi um *e-mail* sobre o processo seletivo para atuar no Mulheres Mil. Fiz minha inscrição para concorrer à única vaga, o sonho acadêmico, e fui selecionado. Começava minha experiência no subprojeto *Cidadania pela Arte*, desenvolvido no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins – *Campus* de Palmas. Ao assumir a vaga, recebi a incumbência de coordenar os trabalhos de planejamento pedagógico com as professoras que atuavam no projeto, ministrando os componentes curriculares do ensino fundamental. Esta experiência foi desafiadora! Eu era um estagiário do ensino superior coordenando professoras que já exerciam a docência há mais de cinco anos. O desafio proporcionou, entre outros, confrontar os conhecimentos acadêmicos com a realidade e superar a dicotomia teoria *versus* prática; reconhecer a identidade e as especificidades do público-alvo – mulheres da EJA. Ainda, o engajamento em atividades de extensão universitária voltadas para a temática; o ingresso no Fórum Estadual da EJA do Estado do Tocantins; a seleção como representante do Estado para participar do Curso de Gestão Social em Políticas Públicas em EJA – Unesco/UnB.

Atualmente, continuo na coordenação de planejamento pedagógico com as professoras e também desenvolvo um trabalho de apoio às mulheres que apresentam dificuldades de desenvolvimento no processo de ensino e aprendizagem. O contato com as alunas evidencia a realidade de milhões de brasileiros(as) excluídos(as) da escola e de outros direitos sociais. A partir de ações como o Projeto Mulheres Mil e outros programas, o Estado tem efetivado progressivamente o direito à educação e contribuído para que jovens e adultos à margem de seus direitos sociais possam gozá-los integralmente.

Sabedoras da minha história de vida e da de meus familiares, as mulheres que frequentam o subprojeto *Cidadania pela Arte* retomam os estudos com



esforço, dedicação, tentando superar os inúmeros desafios, dentre os quais se destacam: a elevação da autoestima; o preconceito; o convencimento do esposo e dos demais familiares; o cansaço do trabalho dentro e fora do lar; os problemas de saúde, principalmente aqueles referentes à visão. Cotidianamente as mulheres atendidas no *Cidadania pela Arte* compartilham, com brilho nos olhos, suas conquistas relacionadas à educação dos filhos e a melhores condições de trabalho.

O projeto encontra-se em sua fase final de execução, com a previsão de certificação para mais da metade das mulheres que ingressaram em setembro de 2009. Sem dúvida, aliado ao esforço diário das mulheres, tem-se a contribuição de um número significativo de mais de 25 profissionais, envolvendo IFTO, Semed, Senai e Ecológica. Uma prova de que a mobilização da sociedade garante a superação dos maiores desafios no que se refere à oferta da educação para jovens e adultos trabalhadores, quais sejam: o analfabetismo, a elevação da escolaridade e a qualificação profissional.

A minha atuação no Projeto Mulheres Mil significa a realização de um sonho acadêmico, que vai se constituindo em sonho profissional. Só quem viveu a experiência como sujeito egresso da modalidade da Educação de Jovens e Adultos conhece bem as estratégias que precisaram ser desenvolvidas para sua subsistência em uma realidade profundamente marcada por inúmeras desigualdades sociais.”

**LÍVIA MACEDO**  
*Assistente social.*



Trabalhar com comunidade é gratificante. Quando você vê que a comunidade começa a se organizar, a se integrar, a acreditar no projeto e em si mesma, é muito gratificante. Taquaruçu, onde trabalhamos a primeira turma, tem uma característica peculiar: é um distrito daqui de Palmas, mas é mais antiga do que Palmas. É uma comunidade fechada e elas não tiveram muita oportunidade de sair para outros locais e vivenciar outras experiências.

Então, nasciam, cresciam e se casavam com pessoas da própria região e ali formavam a família, e a vida era sempre igual.

Muitas tinham deixado o trabalho e os estudos. Elas não conseguiam mais se ver dentro do mercado de trabalho e achavam que não conseguiam crescer como profissionais. A vida delas estava bem restrita, bem resumida. Então, esse projeto deu oportunidade a elas de vivenciar outras experiências – profissional, educacional – e outras coisas também.

Lá, junto com a psicologia, fizemos o trabalho de diagnóstico social, visitamos várias organizações e instituições em Taquaruçu, buscando informações sobre a região para traçar o perfil da comunidade. Depois do diagnóstico, fizemos uma pesquisa para saber o nível de escolaridade. Inicialmente, sentimos um pouco de resistência, porque outras instituições municipais e estaduais já tinham se apresentado à comunidade com propostas que não saíram do papel.

Fizemos várias reuniões com a comunidade, expondo o projeto e os benefícios. Depois, fizemos o edital de seleção, pontuando quais critérios seriam adotados, tais como ter mais de 18 anos, não ter

vínculo formal de trabalho e estar com vontade de aprender, crescer e dar uma mudança na vida.

Durante o curso, realizávamos atendimentos individuais, quando fazíamos aconselhamento, orientação e visitas domiciliares. Para solucionar as questões trazidas por elas, fazíamos encaminhamento para os setores da Instituição, tais como o da psicologia e da orientação pedagógica, e também encaminhamentos externos para a rede socioassistencial. Ligávamos para a Secretaria de Educação solicitando vaga para creche – porque muitas não tinham onde deixar os filhos –, para as secretarias que atendiam as questões sociais para incluí-las nas políticas sociais, tais como o Bolsa Família, PETI (Programa de Erradicação do Trabalho Infantil), porque elas tinham vários tipos de vulnerabilidade e não só a socioeconômica.

Com o Mulheres Mil, elas começaram a ter outra visão; e quando a mulher consegue um benefício não é só para si, tanto que as políticas públicas têm colocado a mulher como beneficiária. A mulher agrega tudo que ela consegue, não só financeiramente, mas valores, visão de mundo e tudo ela agrega e passa para a família.”

**VICTÓRIA MARIA FERREIRA DINIZ**  
*Estudante do curso de Gestão em Agronegócio.*



Eu entrei no Mulheres Mil como estagiária, em 2008, e trabalho na gestão do projeto, fazendo elaboração de relatório, planejamento, ajudando a gestora no desenvolvimento das atividades e fazendo a ponte entre as mulheres e a coordenação. O projeto traz muito benefício para as mulheres. É a oportunidade que elas não tiveram na juventude. E elas vêm não só pela bolsa. Não dá para dizer que a bolsa não ajuda, ajuda sim! Contribuiu nas despesas de casa e com os filhos, mas elas dão a alma para vir para o projeto, porque sabem que está sendo bom para elas.

Falando profissionalmente, na parte que eu atuo, eu aprendi muitas coisas: análise, elaboração de projeto, planejar e o que isso vai influenciar lá na frente. Muitas vezes nós ‘quebramos a cara’ na primeira turma por problema de planejamento. Com isso, nós crescemos. No primeiro grupo nós não tivemos a percepção de que algumas mulheres no projeto trabalhavam e, com isso, nós perdemos muitas mulheres, porque elas trabalhavam durante o dia e as aulas eram oferecidas durante o dia.

Eu acho importante o Instituto estar dentro da comunidade, atuar lá também, porque isso não é importante só para as mulheres,



mas para todo o entorno, que já olha para o projeto com outros olhos; um olhar de que algumas coisas estão mudando, melhorando e vai trazer um desenvolvimento para a comunidade.”

### AMILCAR MACHADO PROFETA FILHO

*Professor.*



Foi bacana. Eu aprendi bastante com elas. E o aprendizado maior foi que o Brasil, muitas vezes, é um Brasil diferente do que a gente está acostumado a viver no dia a dia. Existe muita desigualdade social e esse projeto me fez deparar com uma realidade que, muitas vezes, nós, que somos educadores, esquecemos, que é a realidade de pessoas que foram excluídas da sociedade e que estão precisando se reintegrar.

A primeira coisa que eu observo é que o docente, de uma forma ou de outra, quando vai se deparar com a realidade que não está acostumado a trabalhar, deve procurar entender a turma. A primeira aula, por exemplo, que a gente considera de apresentação, eu perguntei coisas sobre elas, quais as perspectivas que tinham do curso, de onde vieram, se estavam afastadas do estudo há muito tempo.

Eu vejo que o profissional deve, de uma forma ou de outra, se adaptar ao contexto. O das alunas do Mulheres Mil era um contexto de muita carência. Eu observava que até no vocabulário eu tinha que usar o mais próximo delas, e eu consegui fazer isso observando as conversas entre elas.”

### KIM NAY DOS REIS WANDERLEI FIGUEIREDO

*Assistente administrativo do Instituto Federal de Tocantins.*



Eu nunca tinha trabalhado com comunidade e vi como é difícil. Como Taquaruçu é uma comunidade diferente, que está acostumada com o assistencialismo, às

vezes, ficava complicado, porque a gente não dava as coisas, a gente ensinava e elas que tinham que correr atrás. Não era só receber.

Eu fiquei na organização da parte das salas, do lanche e do ônibus. Lembro de quando fui pegá-las com o ônibus na comunidade de Taquaruçu para a primeira aula que teve aqui. Quando o ônibus chegou lá, era só alegria. Elas gritavam: ‘Olha o ônibus!’



Eu vi que elas eram capazes, conseguiam. Depois que acabou o curso, encontrei com duas ex-alunas no supermercado Atacadão. Uma me disse que conseguiu trabalho graças ao projeto, com ajuda das aulas de informática. A outra disse que, agora, quando o filho pede ajuda, ela consegue responder, porque não tem mais vergonha. Eu vi que as mulheres têm garra e vão atrás, mesmo os maridos não deixando.”

### THÂMARA FILGUEIRAS Jornalista.



Eu conheci o Projeto Mulheres Mil no final de 2010 e, desde então, passei a entender um pouco a vida dessas mulheres: as dificuldades que

tiveram em continuar os estudos, as poucas oportunidades que surgiram, mas que são abraçadas com muita força, a vontade de vencer, por elas mesmas e pela família.



Durante as entrevistas para o livro de memórias do Mulheres Mil, acompanhei o cotidiano de algumas das mulheres que fazem ou fizeram parte desse projeto que despertou nelas uma vontade de sair à luta e vencer. Muitas delas nem tinham iniciado seus estudos ou tinham abandonado há muito tempo a escola e nem pensavam em voltar.

Sempre acreditei na educação, mas passei a ver a importância dela com outros olhos depois de conviver com essas mulheres. É como se saber ler e escrever fosse uma porta aberta para se conhecer melhor e gostar mais de si mesma. E acho que esse é o resultado mais importante desse projeto: ele ajudou a aumentar o amor próprio dessas mulheres. Sem dúvida, aprendi muita coisa com elas e essa é uma experiência que levarei por toda a minha vida.”

### MAIARA SOBRAL Jornalista.



Trabalhar com esse programa é muito gratificante; conhecer melhor as histórias de vida de mulheres guerreiras, que mesmo com todas as adversidades sempre nos recebem com um sorriso largo e um abraço carinhoso.



É inegável que às vezes passamos por problemas técnicos, visto que tanto a equipe quanto os recursos materiais para a comunicação estão em fase de implementação, mas mesmo assim procuramos atender o Mulheres Mil com toda a dedicação e empenho.

É muito bom saber que uma ação como essa será continuada e implantada em todo o país, porque pudemos conferir de perto o que o Mulheres Mil fez com as beneficiárias aqui no Tocantins. Além de qualificar e ensinar, o programa oferece uma oportunidade de vida.

Só conhecendo a vida dessas alunas, para entender a importância social do programa. Para quem teve tudo ao alcance na hora certa, fica difícil entender as lágrimas de uma mulher que aos 40 anos entrou pela primeira vez em uma sala de aula.”

### FRANCISCO NAIRTON DO NASCIMENTO

*Reitor do Instituto Federal de Tocantins.*



A princípio podemos ver o Projeto Mulheres Mil como mais uma atividade de extensão da Instituição, mas aprofundando o olhar percebemos que se trata de uma importante parceria internacional e demais instituições nacionais, cujo objetivo é a inserção de beneficiárias no mundo do trabalho, contribuindo para a melhoria da qualidade de vida de mulheres, antes à margem e sem oportunidade.

Pode-se dizer que uma das dificuldades mais evidentes foi a falta de envolvimento de algumas instituições que trabalham com a temática em nosso estado. A consolidação de parcerias é um grande desafio para o projeto.

Uma das aprendizagens que o projeto trouxe para a Instituição é que precisamos cada vez mais extrapolar os muros da escola. O dever institucional é efetivamente desenvolvido quando conseguimos interferir positivamente no dia a dia de um cidadão e/ou de uma comunidade.

O IFTO tem uma agenda ampla. Nesta temática gênero, devemos seguir com o projeto, buscando alcançar benefícios a parcelas da sociedade ainda excluídas do processo, tais como as pescadoras, as quebradeiras de coco, as agricultoras familiares e tantas outras ‘Mulheres Brasil’ do nosso estado. Como o IFTO está presente em seis municípios, identificaremos as demandas locais e continuaremos o trabalho.”





## **DOCENTES E FACILITADORES DOS COLLEGES CANADENSES**

## DEB BLOWER

*Facilitadora de Reconhecimento de Aprendizagem Prévia (RAP) do Red River College.*



A oportunidade de trabalhar com o Projeto Mulheres Mil tem sido um marco na minha carreira! Como facilitadora de Reconhecimento de Aprendizagem Prévia (RAP), do Red River College, tive a sorte de ser convidada para fazer parte deste projeto e compartilhar algumas de nossas práticas com os parceiros do Brasil. Houve muitos momentos significativos e eu aprendi muito com as pessoas que participaram do treinamento. A sua paixão e apoio pelo projeto e o compromisso com as mulheres envolvidas contribuíram muito para seu grande sucesso.

Tive oportunidade também de conhecer algumas das mulheres que participaram do projeto e que deram tanto de si. Foi inspirador ouvir suas histórias, suas esperanças e metas para o futuro e saber como suas vidas haviam sido mudadas pelo acesso ao IF e pelo aprendizado de novas habilidades. Isso me levou às lágrimas algumas vezes!

Aos meus colegas e amigos dos IFs e do Projeto Mulheres Mil, obrigada! Este projeto realmente tocou meu coração. Desejo-lhes sucesso e que continuem com todo este trabalho, no aprendizado e nas suas vidas.”



## MARIE-CAROLE MCKENZI

*Docente.*



O que eu penso do projeto: Depois de algum tempo diante da página em branco do meu computador, decidi renunciar ao desafio de escrever em poucas palavras o que eu pensava desse magnífico projeto. Para responder ao pedido da nossa responsável pelo projeto no Canadá, eu procurei encontrar na minha memória três imagens fortes que simbolizassem bem esse projeto.

Uma primeira imagem é aquela do primeiro grupo de mulheres diplomadas de São Luís. Nessa noite tínhamos todos chorado de alegria, as diplomadas, suas famílias, os interventores, os diretores e os convidados. Diante do orgulho dessas mulheres, diante desse forte sentimento de autorrealização, eu acredito que podíamos afirmar, sem falsa modéstia, que esse projeto tinha alcançado seus objetivos – se bem que os métodos utilizados não foram perfeitos, mas nós estávamos no bom caminho.

Uma segunda imagem é aquela de Maria Tereza, gestora do projeto, que numa noite carregou-nos para um *fast food* de São Luís. Sentadas diante das nossas batatas fritas e hambúrgueres, servidos por uma das formandas do programa, ela nos descreveu todas as estratégias 'informais' que ela tinha utilizado para conseguir empregar duas das formandas nesse restaurante. Jamais hambúrgueres me pareceram tão bons – eu que detesto *fast food*! Esse projeto não somente tinha atingido seus objetivos como também tinha mobilizado interventores extraordinários, apaixonados e engajados por essas mil mulheres.

Minha terceira e última imagem é aquela das 'pontes'. Surpreendente, não? Com efeito, mais eu penso, mais eu acredito que esse termo reproduz bem todas as dimensões do projeto. Deixe-me explicar.

A primeira ponte construída foi aquela entre as mulheres desfavorecidas e as Instituições Federais, pouco habituadas a servir a uma tal clientela. Para se encontrarem, cada um precisou fazer esforços importantes. As mulheres aprenderam a aceitar uma cultura institucional e os IFs, por sua parte, se obrigaram a modificar certas formas de agir, a fim de acolher bem essa nova clientela. Abrindo assim suas portas, os IFs acabavam de construir pontes importantes entre eles e as comunidades socioeconômicas, bem pouco habituadas a frequentá-los.

Minha segunda ponte é aquela tecida entre os interventores de três culturas diferentes, ou seja, a do Brasil, a do Canadá anglófono e a do Canadá francófono.

A importância dos intercâmbios entre os dois países: No meu caso, falar dos intercâmbios entre nossos dois países não seria muito justo. Seria mais exato falar de um triângulo amoroso ou, ainda, de um casamento a três! Não sendo perfeitamente trilingue, e conhecendo muito mal o 'ROC', quer dizer, 'resto do Canadá', um primeiro nível de intercâmbio foi com um grupo de interventores do meu próprio país. No meu caso, eu acredito mesmo que seria permitido falar de uma espécie de choque cultural com sabor nacional. Choque diante das nossas diferenças na concepção e organização das nossas instituições de ensino, mas, sobretudo e antes de tudo, choque bem agradável, descobrindo as afinidades, as similaridades e os valores comuns aos interventores canadenses.

Mas o elemento mais importante da dimensão 'intercâmbio' do Projeto Mulheres Mil é, sem contestação, o diálogo estabelecido com os parceiros brasileiros. Além das dificuldades linguísticas de uma comunidade trilingue, nossos parceiros brasileiros tiveram toda a paciência de nos mostrar seu magnífico país, suas formas originais de fazer e sobretudo sua dinâmica em se encarregar do seu desenvolvimento. Eles nos ensinaram como colocar as mulheres no coração dessa dinâmica, no coração da sua visão do futuro. Bem normal para um país que



soube escolher uma mulher como presidente!

Pouco a pouco, nossos intercâmbios passaram de um quadro restrito a um projeto de duração limitada para uma perspectiva perene. Foi assim que em pouco tempo, entre duas instituições brasileiras e o Cégep Régional de Lanaudière, deu-se o início dos intercâmbios de estudantes e de professores. Melhor dizendo, prefiro não falar de intercâmbios, e sim de ligações duráveis entre nossos dois países.

Obrigada ao Projeto Mulheres Mil!”

### MARTI FORD

*Reitora da Faculdade de Educação Indígena do Red River College.*



Uma das lembranças que tenho do projeto é a primeira visita que a delegação brasileira fez a Manitoba. Era um dia de primavera excepcionalmente frio e eles estavam congelando. Não há melhor maneira de introduzi-los a Manitoba do que visitando uma das nossas comunidades indígenas. Viajamos para Fisher River de ônibus e passamos o dia visitando a comunidade, a escola e uma anciã. Embora todos estivessem com muito frio, a recepção foi muito calorosa.

Tenho ótimas lembranças do projeto no Brasil. Em uma das visitas, eu estava lá para facilitar um *workshop* de cinco dias. Durante essa semana, visitamos uma comunidade, no Estado de Alagoas, que havia sido recentemente inundada. Depois de visitar a comunidade, eu sabia que as pessoas certas estavam liderando os programas. A maneira como cada um interagiu com as famílias que foram deslocadas de suas casas mostrou-nos o verdadeiro interesse que tinham em trabalhar nas comunidades e com as pessoas. Estes não eram os alunos com os quais muitos deles estavam trabalhando, mas eles estavam lá para prestar assistência. No dia seguinte, nós nos reunimos e cada um deles nos falou por que se envolveu no projeto, e eu aprendi muito sobre suas origens e que estavam ali porque queriam fazer a diferença.

Eu também tive a oportunidade de presenciar uma cerimônia de formatura na cidade de Palmas. As mulheres estavam tão animadas, e contaram as histórias de como suas vidas foram transformadas pelo projeto. Foi muito emocionante para as mulheres, suas famílias e todos os envolvidos no projeto.”



## RENATA FREITAS

*Assistente de projetos do Red River College.*



Que honra ser uma brasileira trabalhando no Projeto Mulheres Mil no Canadá! Estou acompanhando o projeto desde o início, quando a delegação brasileira estava escolhendo os *colleges* e apenas sonhando com o que o projeto poderia ser.

Tive a oportunidade de auxiliar na organização e tradução de muitos *workshops* realizados no Brasil. Ouvi os relatos dos meus colegas canadenses, das ótimas experiências vividas no Brasil, durante as visitas às alunas, das parcerias dos Institutos Federais com o comércio, a indústria, as cooperativas. Relatos sobre como as dificuldades foram superadas e, claro, sonhos e esperança na vida das alunas.

Melhor ainda foi poder estar no Brasil para fazer a tradução durante a facilitação do *workshop* sobre RAP e ouvir os relatos dos gestores do projeto vindos de diversos estados do Norte e Nordeste do Brasil.

Eu tive a chance de conhecer as 'meninas' do projeto na sala de aula, aprendendo Inglês, em São Luís, e elas até praticaram conosco. Em Boa Vista, eu fui testemunha de empreendedorismo na sua forma mais pura, com a venda de sopa, chocolate e guloseimas.

Posso dizer com orgulho no coração que eu cresci como profissional, trabalhando junto dos meus colegas canadenses e brasileiros, presenciando profissionalismo desempenhado com amor, e cresci como brasileira por ver as melhorias no meu país, na minha pátria."



## ELLEN WOOLAVER

*Instrutora e coordenadora do Programa de Design de Moda, do New Brunswick College of Craft and Design.*



Esta foi uma experiência maravilhosa para mim, tanto profissionalmente quanto pessoalmente. É impressionante poder ver os esforços de todos aqueles envolvidos em ajudar essas mulheres a melhorar suas próprias vidas e a de suas famílias. Tive a sorte de ter conhecido um grupo de 20 mulheres no início do seu curso, e novamente perto do final do curso. A mudança nelas foi bastante significativa. Estou certa de que o que já foi realizado terá um efeito duradouro sobre todos os envolvidos.

Trabalhei junto com o IFPI em Teresina. Como principal parceiro, coordenei uma oficina a distância sobre Avaliação de Aprendizagem Prévia para os professores no *campus*. O college Marie Victorin, em Montreal, Canadá, também participou utilizando o *Adobe Connect* e o *Skype*. Sugeri formas de aperfeiçoar o programa através de parcerias com estilistas locais, realizando desfiles de moda, trabalhando com a indústria e na elaboração de currículo. Também conduzi duas oficinas de Ilustração de Moda e Costura.

Entre as aprendizagens que tive durante a participação no projeto estão os desafios de trabalhar e viajar para um outro país; estabelecer contatos com outros docentes, tanto no Brasil como no Canadá; revisar o currículo de moda, na área de *design* e empreendedorismo; ver um pouco da indústria da moda no Brasil; aprender um pouco de língua, costumes e comida!”

**JAMES SLADE**  
*Docente do Red River College.*



Tomei conhecimento do projeto em outubro de 2009, quando fui apresentado a ele pela nossa reitora da Faculdade de Educação Indígena do RRC, Marti Ford. Aqui estava uma oportunidade de trabalhar com professores e outros indivíduos que compartilham os mesmos ideais e preocupações que temos em relação à educação indígena.

No Brasil, eu tive a sorte de ser convidado para participar de cerimônias de formatura em São Luís em 2009, visitar o Recife em 2010 e ver a creche da comunidade que ajuda as alunas que estão participando do projeto no IF de lá. Eu consigo pensar em um momento que foi particularmente inesquecível. Em São Luís, uma das alunas do projeto nos convidou para visitar sua casa. Caminhamos da sala de aula para a sua casa. Ela nos mostrou a sua casa com muito orgulho, e nós pudemos sentir que é um lar cheio de amor. Naquele momento eu percebi o orgulho da conquista e mudança de vida.

John F. Kennedy disse: ‘Qualquer um pode fazer a diferença, todos devem tentar’. Naquele momento, eu também podia ver que, como



educadores, nós estamos fazendo a diferença na vida de muitas famílias, que nós podemos oferecer as ferramentas para retirar algumas pessoas da pobreza. E este é um momento que eu estimarei para sempre.”

### MICHAEL MAYNARD

*Diretor do New Brunswick College of Craft and Design (NBCCD).*



Fui responsável pela participação do NBCCD no Projeto Mulheres Mil dos IFs do Piauí (Teresina – subprojeto em Moda), de Rondônia (Ji-Paraná), de Sergipe (Aracaju) e de Tocantins (Palmas – subprojeto em Artesanato).

Minhas contribuições foram: participar da cerimônia de abertura oficial do Projeto Mulheres Mil em Brasília, com os instrutores Craig Schneider e Ellen Woolaver, do NBCCD, Louise M. Boudreau, secretária adjunta do Departamento de Educação Pós-Secundária, Formação e Trabalho (PETL) de New Brunswick, e John Brennan, gestor Internacional do NBCCD; supervisionar o trabalho dos instrutores Craig Schneider e Ellen Woolaver, do NBCCD, em seus respectivos subprojetos; coordenar uma visita local ao IFTO, em Palmas, realizada por Chris Warren do NBCCD e Michel Richard Denis do Collège Communautaire du Nouveau-Brunswick (CCNB).

Além disso, realizei visitas pessoais aos Institutos Federais em Aracaju, Belém, Fortaleza, Palmas, Teresina e Rio de Janeiro; visitei nosso *college* parceiro canadense, o Cégep Marie-Victorin, em Montreal, para dialogar com a presidente Nicole Rouillier e seus instrutores, e com as instrutoras Ellen Woolaver e Harriet Taylor do NBCCD. Ainda fiz visitas à Embaixada do Brasil em Ottawa com o chefe de Departamento do NBCCD, senhor Kent Shaw, para atualizar o senhor embaixador Paulo Cordeiro de Andrade Pinto sobre o Projeto Mulheres Mil. Coapresentei uma palestra ilustrada sobre o Mulheres Mil no Fórum Mundial de Educação Profissional e Tecnológica, em Brasília, com a reitora do IFTO, Maria da Glória Santos Laia, e produzi um álbum de fotos documentando o trabalho do NBCCD no Projeto Mulheres Mil para os nossos parceiros brasileiros e canadenses.

O Projeto Mulheres Mil me proporcionou uma experiência nova e valiosa sobre questões educacionais, tais como as políticas e procedimentos de acesso, desenvolvimento curricular e empreendedorismo. Adquiri experiência referente a intercâmbio e recrutamento internacional de estudantes. Também conheci novos amigos na rede de institutos do Brasil!

O Mulheres Mil foi bem-sucedido por muitas razões, entre elas, incluir as mulheres desfavorecidas nos Institutos Federais do Brasil. Os nossos subprojetos proporcionaram-lhes novas competências, novos conhecimentos e novas oportunidades de desenvolvimento pessoal e profissional.



Através do seu envolvimento na oferta de workshops e consultoria aos colegas brasileiros, os nossos instrutores foram apresentados à maravilhosa cultura do Brasil. Aprendemos mais sobre a rede brasileira de institutos através do nosso trabalho com os nossos quatro Institutos Federais parceiros, e o nosso trabalho de colaboração com os parceiros canadenses forjaram novas parcerias com *colleges* em nosso próprio país.

Em 2010, o NBCCD recebeu uma visita bem-sucedida realizada por seis representantes dos nossos institutos brasileiros parceiros. O NBCCD foi o primeiro *college* a assinar um acordo internacional com um Instituto Federal brasileiro, e temos mais quatro Memorandos de Entendimento com Institutos brasileiros.

Além disso, a minha filha, Alison Maynard visitou Palmas em 2010, onde ela foi voluntária no IFTO por dez semanas e realizou quatro apresentações para as participantes locais do Projeto Mulheres Mil.

Como resultado do nosso compromisso com o Projeto Mulheres Mil, o NBCCD convidou mais cinco outros *colleges* canadenses e a Associação de Faculdades Comunitárias do Canadá (ACCC) para candidatarem-se a um financiamento internacional de bolsas de pesquisa aplicada envolvendo o trabalho no Canadá e Brasil.

Esta experiência brasileira tem ajudado a preparar o NBCCD para mais trabalho internacional, incluindo contratos com a ACCC."

### CRAIG SCHNEIDER

*Professor do New Brunswick College of Craft and Design.*



Leciono a disciplina de empreendedorismo, como gerir o seu próprio negócio, e trabalhei com os Institutos Federais de Aracaju/Sergipe, Palmas/Tocantins e Ji-Paraná/Rondônia.

Minha contribuição foi supervisionar os subprojetos e sua progressão. Apoiar nas

necessidades e processos de empreendedorismo na área de artesanato e moda.

Gostaria de poder dizer que aprendi a falar português, mas sou péssimo em aprender línguas. Realmente, adquiri uma admiração pelo país, pelo seu povo, pela dedicação dos professores e funcionários dos Institutos e pela beleza do lugar.

É maravilhoso fazer parte de um projeto que tem tanto valor e impacto na vida das pessoas envolvidas



e no país em geral. É uma grande visão, e a sua execução está se aproximando do ideal, causando uma ótima impressão em apenas poucos anos.”

### MIGUEL LOZUPONE

*Gerente de Recrutamento e Projetos Internacionais do Red River College.*



En el transcurso de estos tres años del Proyecto de Mulheres Mil, el RRC y nuestros socios del Cegep Regional de Lanaudiere hemos trabajado en conjunto para poder brindar lo mejor de nosotros y llegar a los objetivos que nos hemos fijado con nuestros socios de las IFs en Brasil, el MEC y la ACCC. El proyecto era complejo y ambicioso y todos aprendimos bajo el desafío. Todo esto está ahora en la historia del proyecto y será analizado por todos en nuestro encuentro de Natal y a posteriori por quienes participamos y por aquellos técnicos que evaluaran y mejoraran nuestro aporte.

Lo que no se encontrara en ningún reporte ni evaluación de aquí a unos años, es como este proyecto nos ha cambiado a todos nosotros, como profesionales pero quizás más importante como personas. En unos años, sabrá Dios, mis amistades forjadas en este proyecto seguirán allí, en mi vida, tan presentes como el primer día en que nos conocimos bajo el calor y los nervios del desafío. Sabrán los hijos de esas mil mujeres como su vida cambio y como la mía con las de ellas.

No sé si soy o seré un mejor profesional después de este proyecto, me ilusiono con pensar que he sido un digno representante de mi College, de la ACCC y en definitiva de mi país, Canadá. No sé si he hecho todo bien como manager de mi sub-proyecto trabajando con mis amigos del Brasil, de Lanaudiere en Quebec, y de la ACCC. Me gustaría pensar que si. Pero si se que hoy y gracias a todos ustedes soy un ciudadano del mundo que se hace cada día mas pequeño, soy una persona que se compromete con los demás, y que tengo en mi vida, como diría ese gran artista brasileiro Roberto Carlos, Mil Mulheres y un millón de amigos. Muchas gracias por la oportunidad.”



## GEORGIA QUARTARO

Docente do George Brown College.



O meu envolvimento começou no momento em que os professores visitaram os *colleges*. Nós fomos um dos *colleges* selecionados para participar do projeto junto com outros. Um representante do departamento internacional da ACCC nos procurou e disse que gostariam que fôssemos parceiros, mas com projetos na área de turismo.

Mesmo a nossa instituição não trabalhando na área de turismo, vi no projeto que havia a questão do acesso e aí eu disse: 'Tem tudo a ver com a nossa instituição sim'. Aí puxei o projeto para minha divisão. Foi assim que comecei a trabalhar.

Depois, fui a um encontro em Brasília e ouvi a respeito dos projetos e fiquei mais inteirada. Fiquei um pouco preocupada, porque vi que as pessoas que estavam trabalhando nos Institutos eram pessoas que trabalham arduamente, muito inteligentes e carinhosas, mas era um trabalho que nunca tinham feito.

E pensei: 'Como elas vão fazer isso? Como vão falar com os donos dos hotéis para tentar conseguir trabalho para as mulheres? Elas estão acostumadas a dar aulas de inglês e português, como elas vão fazer isso?'. Na época, participei de capacitações em Fortaleza e fiz o máximo de sugestões e passei todas as dicas que podia. E pensei: 'É uma tarefa tão grande e tão diferente da que elas estão acostumadas a fazer!'.

No final, fiquei impressionada com o modo como os professores brasileiros conseguiram ensinar a si mesmos esse trabalho de equipe que tinham que fazer. E quando escuto o que os gestores fazem fico impressionada, porque eram muitas coisas que elas tinham que fazer e eles aprenderam.

Quando eu volto para o Canadá, falo sobre o projeto, falo sobre o trabalho em Roraima, por exemplo, e no dia que eu acho que meu trabalho é difícil, duro, eu comparo e acho que o meu é muito fácil. E penso que essa é uma parte muito pequena dos impostos que pagamos e são direcionados para esse tipo de trabalho, e digo para os canadenses: 'É isso que nosso dinheiro está fazendo!'. No Mulheres Mil, eu vejo que a ajuda chega às pessoas que precisam e que capacita as instituições."



## HÉLÈNE LEBREUX

*Conselheira do Cégep da Gaspésie.*



Eu trabalho no Cégep da Gaspésie e das Ilhas em Gaspé, Québec, Canadá. Sou conselheira no reconhecimento dos conhecimentos prévios e das competências (RAC).

Sou também *expert* em metodologia para o desenvolvimento da instrumentalização em RAC e no acompanhamento das equipes de produção para o Ministério da Educação, do lazer e do esporte. Eu trabalhei com os IFs de João Pessoa, Natal e João Câmara.

Formei professores dos IFs na abordagem de reconhecimento dos conhecimentos anteriores e das competências desenvolvidas no Québec. Eu os acompanhei na elaboração da instrumentalização em reconhecimento dos conhecimentos anteriores e das competências para o curso de pesca que tinha sido desenvolvido em uma missão anterior pelo senhor Claude Levasseur. A última missão que acontecerá em março nos permitirá experimentar os instrumentos desenvolvidos com o grupo de mulheres de João Pessoa. A aplicação e a adaptação de uma abordagem em reconhecimento dos conhecimentos anteriores e das competências em um universo cultural diferente.

Quanto a minha participação neste projeto, os objetivos que tinham sido definidos inicialmente foram atingidos. Esses objetivos eram: permitir formar, reconhecer e valorizar os conhecimentos profissionais das mulheres. Para alcançá-los, intervenções nas três missões foram realizadas e uma última acontecerá no mês de março próximo. As equipes de professores com quem eu tive o privilégio de trabalhar demonstraram um grande envolvimento no projeto e participaram ativamente de todos os trabalhos realizados.”



## CLAUDE LEVASSEUR

*Professor e conselheiro pedagógico.*



Trabalho na Instituição de Ensino Superior da Gaspésie e das Ilhas e sou professor e conselheiro pedagógico alocado no setor de abordagem por competências. Trabalhei junto aos IFs de Natal e João Pessoa.

Eu expliquei a abordagem por competências e os tornei autônomos na elaboração de programas de formação seguindo a abordagem por

competências. Isto me permitiu elaborar um outro programa de formação, o que me dá uma soma de experiências no campo da elaboração de programas ainda mais diversificados. O programa consistia na colheita e transformação artesanais de moluscos e de crustáceos.

Foi um grande sucesso. Com o problema da língua verificamos que eram necessárias três missões para conseguir tornar as pessoas autônomas na elaboração de programas.”



# EXPEDIENTE

## MULHERES MIL NA REDE FEDERAL – CAMINHOS DA INCLUSÃO

### CONCEPÇÃO E IMPLANTAÇÃO DO PROJETO MULHERES MIL: EDUCAÇÃO, CIDADANIA E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

- Ministério da Educação - Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica (MEC/Setec)
- Conselho Nacional das Instituições da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (Conif)
- Rede Norte Nordeste de Educação Tecnológica (Redenet)
- Agência Brasileira de Cooperação (ABC/MRE)
- Agência Canadense para o Desenvolvimento Internacional (CIDA)
- Associação dos Colleges Comunitários Canadenses (ACCC)
- Association of Canadian Community Colleges (ACCC)

### EXECUÇÃO

Institutos Federais de Alagoas, Amazonas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Roraima, Rondônia, Sergipe e Tocantins

### PRODUÇÃO EXECUTIVA, COORDENAÇÃO EDITORIAL, ORGANIZAÇÃO, TRANSCRIÇÃO DOS ÁUDIOS, REDAÇÃO E EDIÇÃO

Stela Rosa

### COLABORADORES NAS ENTREVISTAS

- Instituto Federal do Amazonas – Vanessa Sena
- Instituto Federal do Ceará – Rafael de Oliveira Ferreira
- Instituto Federal da Paraíba – Filipe Souza
- Instituto Federal do Piauí – Elisabete Sales

### FOTOS

Institutos Federais de Alagoas, Amazonas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Roraima, Rondônia, Sergipe, Tocantins e arquivos pessoais de colaboradores

## **REVISÃO PORTUGUÊS**

Cecília Fujita

## **PROJETO GRÁFICO, DIAGRAMAÇÃO E CAPA**

Cláudia Dias

Ministério da Educação  
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica  
Esplanada dos Ministérios, Edifício Sede,  
bloco L, 4º andar

CEP 70047-900 – Brasília/DF



# PLANO DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO



Educação, Cidadania e Desenvolvimento Sustentável

Association of  
Canadian  
Community  
Colleges



Association  
des collèges  
communautaires  
du Canada



Canadian  
International  
Development  
Agency

Agence  
canadienne de  
développement  
international



**CONIF**

CONSELHO NACIONAL DE INSTITUÇÕES DE REFERÊNCIA  
EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL, CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA



**ABC** Agência Brasileira  
de Cooperação

Ministério da  
Educação

GOVERNO FEDERAL  
**BRASIL**  
PAÍS RICO E PAÍS SEM POBREZA